
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ELIANA DE DEUS SOBRINHO

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO DE CASO COM
ESTUDANTES EGRESSOS E EGRESSAS**

VITÓRIA
2022

CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –
PPGE/UFES

ELIANA DE DEUS SOBRINHO

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO DE CASO COM
ESTUDANTES EGRESSOS E EGRESSAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal do Espírito Santo,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Educação.

VITÓRIA

2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

D486l Deus Sobrinho, Eliana de, 1978-
Licenciatura em educação do Campo na Universidade do Espírito Santo: Um estudo de caso com estudantes egressos e egressas. / Eliana de Deus Sobrinho. - 2022.
156 f. : il.

Orientador: Erineu Foerste.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação do Campo. 2. Formação de Professores. 3. Egressos. I. Foerste, Erineu. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –
PPGE/UFES

ELIANA DE DEUS SOBRINHO

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO DE CASO COM
ESTUDANTES EGRESSOS E EGRESSAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal do Espírito Santo,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Educação.

Aprovada em 31/08/2022.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professor Doutor Erineu Foerste PPGE/UFES - Orientador - Presidente da Banca

Prof. Dra. Edna Castro de Oliveira - PPGE/UFES - Membro Interno

Prof. Dra. Janinha Gerke - UFES - Membro Interno

Prof. Dra. Silvanete Pereira dos Santos - UFES - Membro Interno

Prof. Dra. Claudete Beise Ulrich – Faculdade Unida de Vitória - Membro Externo

VITÓRIA

2022

“... para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco.” Paulo Freire

A minha mãe **Lindauro Kuster de Deus** que enche a
minha vida de alegria, sentido e novos significados!
Por acreditar nesse sonho comigo...
Cada dia com você, vale uma vida inteira...
Obrigada por tanto!!!
Amo você!!!

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela vida e pela possibilidade de sempre recomeçar. Por ter conquistado mais esse sonho!

Ao meu companheiro de vida, Emerson Medeiros Farias, por me ajudar nessa caminhada e mesmo sem entender todo o processo, me apoiou incondicionalmente. Te Amo!

A minha irmã Edite de Deus Sobrinho, por me apoiar sempre e acreditar que seria possível conquistar esse sonho. Gostaria muito de vê-la nessa caminhada também...

Ao orientador Professor Doutor Erineu Foerste, que me acolheu, me entendeu, me orientou, foi paciente e fundamental para que chegasse à concretização desta pesquisa. A professora Doutora Gerda Margit Schütz Foerste pelo apoio e presença constante neste período.

À Professora Doutora Janinha Gerke, à Professora Doutora Silvanete Pereira dos Santos, à professora Doutora Edna Castro de Oliveira e à Professora Doutora Claudete Beise Ulrich pela leitura atenta e contribuições nesta pesquisa.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa (CNPq) Culturas, Parcerias e Educação do Campo que, a cada encontro contribuíram com o meu crescimento enquanto pesquisadora. Quanto conhecimento compartilhado... Obrigada!!!

Aos colegas da turma 33, pelos momentos que vivenciamos. Em especial à amiga Alessandra Reinholz Velten, com quem tive a oportunidade não só de estudar, mas de compartilhar das angústias, alegrias, dificuldades desta caminhada e pelas muitas, muitas viagens a Universidade. Até pelas opiniões diferentes... Foi maravilhoso!!! Já estou com saudades...

A todos do PPGE/UFES, pela importância do trabalho que desempenham na formação de tantos profissionais da educação.

As egressas da LEdoC/UFES pela participação e contribuição na realização da pesquisa e a todos os LEdoC'anos que atuam em Domingos Martins, *“que fazem a diferença, por onde passam é presença, de luta, coragem e determinação”*.

A Prefeitura Municipal de Domingos Martins por flexibilizar o meu horário de trabalho para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos amigos da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Domingos Martins e do Polo UAB em Domingos Martins, por colaborarem e por compreenderem a importância desta conquista para mim.

Ao meu Pai José de Deus Sobrinho (in memoriam), pela simplicidade e humildade com que me criou e educou; seu sonho era a minha permanência na lida da roça com trabalho braçal, seguindo o seu exemplo. E com a força da minha Mãe, permaneço no campo e com os ensinamentos de ambos, me tornei uma intelectual do Campo. Impossível chegar aqui sem o amor e o exemplo de vocês!!!

Ao amigo Valter Martins Giovedi pelos diálogos constantes sobre a pesquisa. Obrigada por me mostrar a beleza da filosofia do Patrono da Educação Brasileira!!!

RESUMO

A presente pesquisa está inserida na produção do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Culturas, Parcerias e Educação do Campo” do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na Linha de Pesquisa Docência, Currículo e Processos Culturais, com o objetivo de analisar a práxis pedagógica dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC). A problemática a ser investigada é: Quais aprendizagens obtidas na Licenciatura em Educação do Campo são evidenciadas na práxis pedagógica dos egressos? Trabalharemos com os seguintes referenciais teóricos: Gramsci (1991) para nos auxiliar com os conceitos de intelectuais orgânicos; Freire (1979, 1987, 2014) contribui com as discussões sobre educação, diálogo, cultura, formação de professores e práxis pedagógica; Brandão (1983) e Arroyo (2004) colaboram com os conceitos de educação, diálogo e cultura; Ludke e André (1986) colaboram com a metodologia, no que diz respeito ao estudo de caso; Caldart (2002, 2010, 2011) e Molina (2002, 2011, 2014) para discutir e analisar a Educação do Campo e a Licenciatura em Educação do Campo; Foerste (2005 e 2013) para conduzir as reflexões sobre parcerias interinstitucionais e Gerke (2014, 2018) reforça as análises sobre a formação de professores do campo. Optamos nesta pesquisa, pela abordagem qualitativa, conforme nos apresenta Ludke e André (1986). Será realizada a partir de um estudo de caso, tendo como *lócus* de pesquisa a rede municipal de ensino de Domingos Martins/ES e os sujeitos da pesquisa serão os estudantes egressos da Licenciatura em Educação do Campo, a partir das suas relações com a escola e a comunidade onde exercem sua prática. Os resultados obtidos no decorrer desse estudo, apontam que os egressos da LEdoC/UFES estão ansiosos por concurso público para atuar e desenvolver suas atividades nas Escolas do Campo. Esses sujeitos têm o objetivo de transformar a escola e contribuir com o curso de Licenciatura para formar não somente “professores”, mas “educadores” do campo. Suas falas demonstram alguns princípios da formação inicial em sua práxis, sobretudo no que diz respeito ao trabalho coletivo, onde abandonam a prática anterior do trabalho individual, a prática interdisciplinar e a pesquisa. Mas ainda não conseguem colocar em prática a formação por área de conhecimento, pois foram formados em uma lógica para se confrontar com uma organização compartimentalizada das disciplinas e na prática as redes de ensino são organizadas em disciplinas específicas.

Palavras Chaves: Educação do Campo. Licenciatura em Educação do Campo. Egressas. Formação Docente. Práxis Pedagógica.

Abstract

This research is part of the production of the Research Group (CNPq) “Cultures, Partnerships and Rural Education” of the Graduate Program in Education (PPGE) of the Education Center (CE) of the Federal University of Espírito Santo (UFES), in the Research Line Teaching, Curriculum and Cultural Processes, with the objective of analyzing the pedagogical praxis of graduates of the Degree in Rural Education (LEdoC). The problem to be investigated is: What learnings obtained in the Degree in Rural Education are evidenced in the pedagogical praxis of the graduates? We will work with the following theoretical references: Gramsci (1991) to help us with the concepts of organic intellectuals; Freire (1979, 1987, 2014) contributes to discussions on education, dialogue, culture, teacher training and pedagogical praxis; Brandão (1983) and Arroyo (2004) collaborate with the concepts of education, dialogue and culture; Ludke and André (1986) collaborate with the methodology, with regard to the case study; Caldart (2002, 2010, 2011) and Molina (2002, 2011, 2014) to discuss and analyze Rural Education and the Degree in Rural Education; Foerster (2005 and 2013) to conduct reflections on inter-institutional partnerships and Gerke (2014, 2018) reinforces the analysis on the training of rural teachers. In this research, we opted for a qualitative approach, as presented by Ludke and André (1986). It will be carried out from a case study, having as research locus the municipal education network of Domingos Martins/ES and the subjects of the research will be the students graduating from the Degree in Rural Education, from their relations with the school and the community where they practice. The results obtained in the course of this study, indicate that the graduates of LEdoC/UFES are anxious for a public contest to act and develop their activities in Escolas do Campo. These subjects aim to transform the school and contribute to the Licenciature course to train not only “teachers”, but “educators” in the countryside. Their speeches demonstrate some principles of initial training in their praxis, especially with regard to collective work, where they abandon the previous practice of individual work, interdisciplinary practice and research. But they still cannot put into practice training by area of knowledge, as they were trained in a logic to confront a compartmentalized organization of disciplines and, in practice, teaching networks are organized into specific disciplines.

Keywords: Field Education. Degree in Rural Education. Graduates. Teacher Training. Pedagogical Praxis.

LISTA DE ABREVIACÕES

Adecobes	- Associação para o Desenvolvimento Comunitário de Boa Esperança em Marechal Floriano/ES
ADDPRUSBEC	- Associação em Defesa dos Direitos dos Produtores Rurais de São Bento do Chapéu
AEC	- Associação Escola Comunidade
AEE	- Atendimento Educacional Especializado
AMALPAR	- Associação de Moradores e Agricultores de Alto Paraju
AMAR	- Associação Martinense e Florianense dos Animais de Rua
ANPEd	- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CA	- Ciências Agrárias
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCHN	- Centro de Ciências Humanas e Naturais
CCJE	- Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
CE	- Centro de Educação
CEPE	- Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFES
Ceafro	- Comissão de Estudos Afro Brasileiros
Ceforma	- Centro de Formação Maria Olinda
CHS	- Ciências Humanas e Sociais
CHS	- Ciências Sociais e Humanidades
CIDAP	- Centro Integrado de Desenvolvimento de Assentados e Pequenos Agricultores
CME	- Conselho Municipal de Educação
CNEC	- Campanha Nacional das Escolas da Comunidade
CNM	- Ciências da Natureza e Matemática
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Comitê Operativo de Emergência da UFES
COE	
Comeces	- Comitê de Educação do Campo do Espírito Santo
COOPRAM	- Cooperativa de Empreendedores Rurais de Domingos Martins/ES

CVN	- Ciências da Vida e da Natureza
DT	- Designação Temporária
EARTE	- Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial
ECR	- Escola Comunitária Rural
EFA	- Escola Família Agrícola
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
EMEF	- Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMPEF	- Escola Municipal Pluridocente de Ensino Fundamental
EMUEF	- Escola Municipal Unidocente de Ensino Fundamental
Endipe	- Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino
ENERA	- Encontro Nacional de Educadoras/es da Reforma Agrária
FAPES	- Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo
FAE/UFMG	- Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais
Fetaes	- Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Espírito Santo
FEUSP	- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FUFPI	- Fundação Universidade Federal do Piauí
Fundeb	- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
FURG	- Universidade Federal do Rio Grande
GT	- Grupo de Trabalho
GTPR	- Grupo de Trabalho Pesquisa em Rede
IBGE	- Instituto Brasileiro de geografia e Estatística
IF	- Instituto Federal
IFA	- Instituto Francisco de Assis
IFES	- Instituto Federal do Espírito Santo
IFMA	- Instituto Federal do Maranhão
IFPA	- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
IFRN	- Instituto Federal Rio Grande do Norte
IFRO	- Instituto Federal de Rondônia
IFRRJ	- Instituto Federal Rural do Rio de Janeiro

IFSUL	- Instituto Federal do Sul de Minas Gerais
IFSULDEMINAS	- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas
Inep	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LAL	- Línguas, Artes e Literatura
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LEC/UFES	- Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo
LEdoC	- Licenciatura em Educação do Campo
LEdoCs	- Licenciaturas em Educação do Campo
LEDUCARR/URR	- Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima
LG	- Linguagens
LPEC/UNIFESSPA	- Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
MEC	- Ministério da Educação
Mepes	- Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo
MPA	- Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	- Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra
Ne@ad	- Núcleo de Educação Aberta e a Distância
NEPECES	- Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação do Campo, da Cidade e Educação Social
OMS	- Organização Mundial da Saúde
PCTs	- Povos e Comunidades Tradicionais
PPC	- Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo
PPGE	- Programa de Pós-Graduação em Educação
Procampo	- Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo
PROEPO	- Programa de Educação Pomerana
PROLIND	- Pró-Licenciatura Indígena

PRONERA	- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
Raceffaes	- Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo
RBEC	- Revista Brasileira de Educação do Campo
RU	- Restaurante Universitário
SECAD	- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SECADI	- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SECEDU	- Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Domingos Martins/ES
SEDU	- Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo
SEDUC/OBEDUC	- Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas/Programa Observatório em Educação
SEMED	- Secretaria Municipal de Educação
SINDIUPES	- Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo
TC	- Tempo Comunidade
TCC's	- Trabalhos de Conclusão de Curso
TU	- Tempo Universidade
UAB	- Universidade Aberta do Brasil
UCDB	- Universidade Católica Dom Bosco
UEPG	- Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
UFC	- Universidade Federal do Ceará
UFCG	- Universidade Federal de Campina Grande
UFERSA	- Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFES	- Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	- Universidade Federal Fluminense
UFFS	- Universidade Federal da Fronteira Sul
UFG	- Universidade Federal de Goiás
UFGD	- Universidade Federal da Grande Dourados

UFMA	-	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	-	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	-	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPA	-	Universidade Federal do Pará
UFPI	-	Universidade Federal do Piauí
UFPR	-	Universidade Federal do Paraná
UFRB	-	Universidade Federal Recôncavo da Bahia
UFRGS	-	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRR	-	Universidade Federal de Roraima
UFRRJ	-	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	-	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	-	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	-	Universidade Federal do Tocantins
UFTM	-	Universidade do Triângulo Mineiro
UFV	-	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	-	Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri
UNB	-	Universidade de Brasília
UNDIME	-	União dos Dirigentes Municipais de Educação do Espírito Santo
UNEB/DEDC-X	-	Universidade do Estado da Bahia/Departamento de Educação de Teixeira de Freitas – Campus X
UNESSPA	-	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
UNICENTRO	-	Universidade Estadual do Centro Oeste
UNIFAP	-	Universidade Federal do Amapá
UNIPAMPA	-	Universidade Federal do Pampa
UNIR	-	Universidade Federal de Rondônia
URSES	-	Associação de Ensino Superior Unificado da Região Serrana do Espírito Santo
UTFPR	-	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UTP	-	Universidade Tuiuti do Paraná

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caminho metodológico da pesquisa

23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Esquema explicativo sobre a pesquisa em rede	27
Tabela 2 - Quantidade de estudantes de Domingos Martins/ES em cada oferta da LEdoC/UFES	42
Tabela 3 - Produção Acumulada do Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo - PPGE/UFES	52
Tabela 4 - Produção Acumulada do Banco de Dados da Capes - Teses e Dissertações	55
Tabela 5 - Produção Acumulada da Revista Brasileira de Educação do Campo (RBEC)	58
Tabela 6 - Produção acumulada do Evento Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe)	62
Tabela 7 - Produção acumulada na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)	68
Tabela 8 - Levantamento das LEdoCs no Brasil	77

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Sexo dos entrevistados	38
GRÁFICO 2 - Atuação dos entrevistados	40
GRÁFICO 3 - Modalidade que cursou o Ensino Médio	41
GRÁFICO 4 - Área de conhecimento	43
GRÁFICO 5 - Participação em Movimentos Sociais	44
GRÁFICO 6 - Conclusão do curso	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. ENCONTRO COM O TEMA	15
1.1 Justificativa	18
1.2 Situando o problema de pesquisa	22
1.3 Objetivos	22
2 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	23
2.1 Pesquisa em rede	26
2.2 Sujeitos da pesquisa	36
3. INTERLOCUÇÃO COM A PRODUÇÃO ACADÊMICA	47
3.1 Produção acumulada do grupo de pesquisa culturas, parcerias e educação do campo	51
3.2 Produção acumulada no banco de dados das capes (teses e dissertações):	54
3.3 Produção de dados acumulados: revista brasileira de educação do campo- RBEC	58
3.4 Produção de dados acumulados: encontro nacional de didática e prática de ensino – ENDIPE	61
3.5 Produção de dados acumulados: associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação –ANPEd	67
4. CONJUNTURA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CAMPO E DAS LEdoCs	73
4.1 LEdoC – Na Universidade Federal do Espírito Santo	82
4.2 LEdoC – Caracterização do curso	87
5.PRÁXIS PEDAGÓGICA DAS EGRESSAS DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS/ES	91
5.1 Trajetória das egressas na ledoc e no trabalho com a educação do campo	93
5.2 Roda de conversa: práxis pedagógica das egressas	105
5.2.1 Inserção das egressas nas escolas do campo, sua atuação a partir das áreas do conhecimento, e gestão de processos educativos escolares	106
5.2.2 Atuação das egressas em processos educativos comunitários	111
5.2.3 Desafios que envolvem o ingresso e permanência no mundo do trabalho	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICES	134
APÊNDICE A	135
APÊNDICE B	136
APÊNDICE C	137

APÊNDICE D	138
APÊNDICE E	139
APÊNDICE F	140
APÊNDICE G	141
APÊNDICE H	142
APÊNDICE I	144
APÊNDICE J	145
ANEXO A	146

INTRODUÇÃO

Como pedagoga atuando na formação de professores da Rede Municipal de Educação de Domingos Martins/ES mantenho contato com sujeitos que lecionam em escolas campesinas, alguns deles egressos ou cursando a Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Ao ingressar no mestrado – Turma 33 e no Grupo de Pesquisa (CNPq) “Culturas, Parcerias e Educação do Campo” passei a pensar na relação entre a LEdoC e a práxis pedagógica destes profissionais. Sendo assim, voltei-me para um estudo junto aos professores dos anos finais do ensino fundamental, minha área de atuação, na tentativa de compreender essa relação.

Sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo analisar a práxis¹ pedagógica dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo e sua relação com as proposições formativas da LEdoC/UFES. A problemática a ser investigada é: Quais aprendizagens obtidas na Licenciatura em Educação do Campo são evidenciadas na práxis pedagógica dos egressos?

Trabalharemos com os seguintes referenciais teóricos: Gramsci (1991) para nos auxiliar com os conceitos de intelectuais orgânicos; Freire (1979, 1987, 2014) contribui com as discussões sobre educação, diálogo, cultura, formação de professores e práxis pedagógica; Brandão (1983) e Arroyo (2004) colaboram com os conceitos de educação, diálogo e cultura; Ludke e André (1986) colaboram com a metodologia, no que diz respeito ao estudo de caso; Caldart (2002, 2010, 2011) e Molina (2002, 2011, 2014) para discutir e analisar a Educação do Campo e a Licenciatura em Educação do Campo; Foerste (2005 e 2013) para conduzir as reflexões sobre parcerias interinstitucionais e Gerke (2014, 2018) reforça as análises sobre a formação de professores do campo.

Nesta pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, conforme nos apresenta Ludke e André (1986). Será realizada a partir de um estudo de caso, tendo como *lócus* de pesquisa a rede municipal de ensino de Domingos Martins/ES e os sujeitos da pesquisa serão os estudantes egressos da Licenciatura em Educação do Campo, a partir das suas relações com a escola e a comunidade onde exercem sua prática.

¹ De acordo com Freire (1977, p. 97) práxis é o movimento de ser e de estar no mundo através da ação e da reflexão, para transformar esse mundo.

Segundo as Estimativas de População 2021² do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) este município tem 75,68% de sua população vivendo no campo, esse dado torna-se um imperativo ético para o ensino no sentido de respeito a essa especificidade. A LEdoC apresenta-se como um fator para potencializar a educação de qualidade no Campo, valorizando os saberes da comunidade, estabelecendo uma relação entre local e global e os conhecimentos universais. Partindo desta expectativa em relação a LEdoC e pensando que a escola do campo é um dos poucos espaços de encontro da comunidade³, vamos investigar se os egressos da LEdoC podem contribuir nesse processo.

O percurso desta pesquisa e os resultados encontrados foram sistematizados neste trabalho em seis capítulos, a saber:

O primeiro capítulo: ENCONTRO COM O TEMA, apresenta as motivações iniciais e a sua relação com a nossa história de vida. Além disso, ainda apresentamos a nossa pergunta problema, o objetivo geral e os objetivos específicos

No segundo capítulo, denominado: CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA, apresentamos os caminhos metodológicos, trazendo algumas considerações sobre pesquisa em rede e círculo de cultura, com foco em estudo de caso pautado nas contribuições de Ludke e André (1986). O capítulo ainda apresenta os sujeitos e os instrumentos de coleta de dados utilizados no percurso da pesquisa.

O terceiro capítulo, intitulado de INTERLOCUÇÃO COM A PRODUÇÃO ACADÊMICA, destaca a fundamentação teórica propondo um estudo sobre a produção acumulada do Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo, do Banco de Dados da Capes, da Revista Brasileira em Educação do Campo (RBEC), do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe) e da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

No quarto capítulo, cujo título é CONJUNTURA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CAMPO E DAS LEdoCs, abordamos a conjuntura histórica da formação de professores do campo e das LEdoCs, a criação do curso de Licenciatura em Educação do

² Fonte dos dados: Estimativas de população IBGE 2021. Disponível na página de [downloads do site do IBGE](#). Último acesso em 29 de junho de 2022.

³ Segundo Bauman (2013) o fechamento das escolas do campo provoca o fechamento da comunidade. Essas escolas funcionam como coração que traz vida a comunidade e, quando há o fechamento das escolas, as comunidades se enfraquecem.

Campo na UFES e as suas principais características, evidenciando o projeto político pedagógico do curso (PPC) e as expectativas em relação à formação dos egressos LEdoC'anos⁴.

A PRÁXIS PEDAGÓGICA DAS EGRESSAS DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS/ES é o fio condutor do quinto capítulo. Foi necessário apresentar a concepção de Trabalho, de Práxis e de Escola do Campo, pois estes sustentam o projeto formativo da licenciatura e são categorias centrais na análise que faremos a seguir sobre a maneira como os egressos estão atuando em suas comunidades, a fim de investigar quais aprendizagens obtidas na Licenciatura em Educação do Campo são evidenciadas na práxis pedagógica dos egressos. Também descrevemos a trajetória das 5 (cinco) egressas na licenciatura e na educação do campo e a roda de conversa com as egressas e o Grupo de Pesquisa (CNPQ) Culturas, Parcerias e Educação do Campo. Ao final, analisou-se também a práxis pedagógica das egressas com base no referencial teórico levantado na pesquisa e nas proposições do curso expressas no PPC, demonstrando assim as contribuições no fortalecimento da educação do campo no município de Domingos Martins/ES.

No último capítulo, realizamos as considerações que julgamos serem importantes a partir da roda de conversa realizada e apresentamos reflexões e contribuições advindas das leituras, dos diálogos e das análises no decorrer da caminhada. Os resultados obtidos neste estudo não podem ser generalizados, ficando restrito a este município, cujas características são muito peculiares no que se refere ao processo de formação continuada de professores. Pode ser que alguns questionamentos não conseguimos esgotar e contemplar em sua plenitude e que ficam abertos para novos estudos.

⁴ Termo utilizado entre os estudantes dos diversos cursos de licenciatura em educação do campo de todo o Brasil para identificar os ingressos e egressos, além de contemplar os professores que lutam pela manutenção do curso.

1.ENCONTRO COM O TEMA⁵

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. [...]. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais.”

Paulo Freire

Pesquisar a Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Espírito Santo como uma possibilidade de produção de conhecimento e de fortalecimento da Educação Campesina do município de Domingos Martins/ES através da formação docente vem se constituindo como desejo e desafio pessoal a partir da experiência como Pedagoga da Secretaria Municipal de Educação e Esporte deste município e principalmente, como professora/pedagoga em busca de uma prática pedagógica campesina. É nessa relação, em minha história de vida, nos espaços tempos do trabalho e de formação, que surgem as primeiras inquietações que me levaram a propor essa pesquisa.

Quando menina, sempre fui curiosa e isso me impulsionava em direção ao que era novo. A escola sempre foi atraente, foram nos encontros diários com meus professores que tive a certeza do que desejava fazer como profissional. Seria uma professora. O apoio de mamãe, apesar do “pouco estudo”, mas imbuída de muita sabedoria e vivências, abriu-me possibilidades de transformação. Aos 7 (sete) anos iniciei a vida estudantil, fui alfabetizada em uma escola multisseriada e lembro com saudade da professora Delizete, pelo zelo e cuidado conosco, pela merenda preparada em meio a uma lição e outra e pelas caronas diárias que me poupavam das intempéries do tempo.

No final do ensino fundamental, precisei estudar à noite para trabalhar durante o dia e auxiliar nas despesas da casa. No início do ensino médio abri mão do desejo de ser professora, não pude cursar o Magistério, pois era ofertado no turno matutino e eu deveria escolher um curso no período noturno, optei por técnico em contabilidade. Após essa etapa, fiz um ano de cursinho preparatório para o vestibular e claro, tentei na UFES e em outras instituições. Não obtive sucesso na universidade pública, mas logrei êxito em uma instituição privada para o curso de Ciências Contábeis.

⁵ Essa parte do texto está escrito na 1ª pessoa do singular, por se tratar da minha história de vida, acadêmica e profissional.

Neste período havia uma carência de professores de matemática nas escolas do município, após ter concluído dois períodos do curso de ciências contábeis, tive a oportunidade de deixar a casa de família onde trabalhei por aproximadamente cinco anos para iniciar minha trajetória profissional na Educação. Em 1998 trabalhei com a Base Nacional Comum/4ª série, atualmente 5º ano e com a disciplina de matemática nas séries finais do ensino fundamental em uma escola estadual do município de Domingos Martins/ES. No entanto, minha formação estava apenas iniciando ao assumir meu primeiro trabalho e muitas vezes me baseei na prática das minhas professoras, a forma como eu aprendi usava para ensinar.

No ano seguinte, tomei uma decisão que mudaria a minha trajetória pessoal e profissional, tranquei a matrícula do curso de Ciências Contábeis e iniciei o curso de graduação em Pedagogia, em uma instituição de ensino superior⁶ recém formada na minha comunidade, perto de casa e do trabalho. Conclui o curso de Pedagogia em dezembro de 2003. Prossegui firme na caminhada de professora, com experiências na educação infantil, nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio sempre em Designação Temporária (DT).

Em 2008, tive a oportunidade de prestar concurso público em meu município e no dia 06 de fevereiro de 2009 fui nomeada para o cargo de Pedagoga, por meio do Decreto de Pessoal nº 039/2009, de 07 de janeiro de 2009. A partir daí experimentei outros cargos, atuei como pedagoga, gestora escolar e na equipe da secretaria municipal de educação.

A minha busca por conhecimentos para aprimorar minha prática sempre foi incessante, e a partir de 2014 a proximidade com várias escolas proporcionada pela minha função de pedagoga da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Domingos Martins/ES me inquietou para um maior aprofundamento acadêmico. Motivada pelas discussões advindas do processo de formação continuada direcionado aos professores, me encontro agora Mestranda⁷ em Educação dando continuidade aos estudos e vivendo o espaço tempo da pedagoga e pesquisadora que se

⁶Associação de Ensino Superior Unificado da Região Serrana do Espírito Santo (URSES) – criado pela Portaria do MEC nº 1507/99.

⁷ Iniciei o mestrado em 2019 com a Turma 33, no decorrer desse ano cursei as disciplinas obrigatórias e também optativas. Particpei de seminários fora da Universidade realizados pelo meu orientador Prof. Dr. Erineu Foerste. Alguns percalços atravessaram os anos de 2020 e 2021. Em 2020 vivemos a pandemia da COVID 19 que atrasou a organização dos semestres na universidade e impossibilitou as atividades presenciais. Nas escolas, em que realizaria a pesquisa de campo, as aulas presenciais também foram suspensas durante o ano letivo o que impossibilitou as entrevistas, visitas e observações. No início de 2021, a pandemia ainda não tinha passado, mas tínhamos um cenário mais tranquilo, com menos casos e mortes. Nesse momento me animei a ir a campo para a realização da pesquisa. Porém, no dia 17 de fevereiro sofri um acidente vascular cerebral isquêmico (AVCI) e me afastei por um bom período do mestrado, o restante do ano não consegui retomar. Depois de muito refletir sobre esse retorno, decidi retomar a pesquisa no início de 2022.

inquieta pelas questões que atravessam o meu fazer e de meus pares, e assim continuo na busca por conhecimentos e interlocuções que contribuam na formação de Professores do Campo.

Essas vivências me levaram a buscar caminhos, pessoais e profissionais, que me possibilitassem reconhecer no Campo um espaço de conhecimento vivo. Minhas práticas nem sempre foram condizentes com a educação do campo, na maioria das vezes ajudei a defender os interesses da classe burguesa sem perceber o que isso significava. Pois enquanto professora de matemática sempre me preocupei em preparar os alunos para o mercado de trabalho, fórmulas na ponta da língua, tabuada decorada, listas de exercícios para “fixar” o conteúdo e muita preocupação com o ensino médio e vestibular. Tudo isso sem nenhuma ligação com a formação humana, como usar todas aquelas fórmulas no dia-a-dia? Qual a realidade do estudante e da comunidade que a escola estava inserida? Não tinha um olhar voltado ao contexto campesino.

Apenas após a participação nos encontros de formação continuada ofertada pelo município de Domingos Martins, fui mudando a forma de trabalhar, conhecendo a Educação do Campo para me reconhecer campesina e pensar outros modos de trabalhar com os estudantes. Para Freire somos seres inacabados, mas conscientes desse inacabamento temos a capacidade de transformar essa realidade para ser mais. Assim

a concepção e a prática “bancárias”, imobilistas, “fixistas”, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isso mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação humana, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que fazer permanente. Permanentemente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir na realidade (FREIRE, 2014, p. 102).

“Através dos espaços formativos que me inseri durante os últimos anos, tenho encontrado motivações que não me permitem mais um deslocamento, mas o retorno se fez, exatamente, porque encontrei na Educação uma nova possibilidade de viver, trabalhar e pensar o campo” (GERKE, 2018, p. 29). Me distanciei do contexto campesino em busca de melhores condições de vida, mas os estudos me trouxeram de volta ao lugar onde na verdade eu nunca saí. Pois é a partir dos encontros com os meus pares que me reconheço como uma Cidadã do Campo capaz de atuar na realidade em que vivo de maneira coletiva, refletindo sobre as minhas práticas e lutando por políticas públicas que garantam o acesso cada maior dos trabalhadores do campo, à educação.

1.1 JUSTIFICATIVA

O curso de Licenciatura em Educação do Campo baseia-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Licenciatura⁸ e é ofertado em regime de alternância entre Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC), articulando a educação e a realidade das comunidades camponesas. Esta metodologia de oferta intenciona também evitar que o ingresso de jovens e adultos na Educação Superior corrobore com a alternativa de deixar o campo, bem como objetiva facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício nas Escolas do Campo (MOLINA; SÁ, 2011).

No campus Goiabeiras/UFES, a LEdoC é organizada em duas áreas de conhecimento, a saber:

- 1- Licenciatura em Educação do Campo - Linguagens (Artes, Educação Física, Língua Portuguesa e Literatura) e
- 2- Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Humanas e Sociais (História, Geografia, Sociologia e Filosofia).

O curso tem como ponto de partida as orientações da Resolução CNE/CP nº 02 de julho de 2015 assegurando os seguintes princípios: a formação humana e a formação profissional como elementos indissociáveis; interdisciplinaridade; contextualização; democratização; pertinência e relevância social; ética e sensibilidade afetiva e estética.

Sua organização curricular prevê etapas semestrais, ofertadas em regime de alternância entre Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC), sendo coerente com os princípios da Educação do Campo, pois abrange os diferentes tempos e espaços formativos existentes na vida do campo e nas lutas dos sujeitos para a organização de seus territórios.

De acordo com Koeler, Foerste e Merler (2019), a pedagogia da alternância possibilita que o filho do camponês estude por uma semana, o dia todo na escola e, na outra realize imersão na vida comunitária, realizando atividades teóricas e práticas com a sua família e a comunidade. É na prática, uma maneira adequada de promover a educação e formação escolar das pessoas do campo.

O município de Domingos Martins/ES tem a maior parte de sua população vivendo no campo, o que aponta a necessidade de que o ensino respeite essas especificidades. Progressivamente

⁸PARECER CNE/CP 05/2005 e a Resolução Nº 1/2006 e 05/2006.

buscamos uma educação do campo que priorize um atendimento que esteja relacionado com o modo de vida dos sujeitos camponeses, que faça sentido em seu cotidiano, um currículo que seja realmente vivido. Ao ter uma educação de qualidade caberá ao jovem escolher entre ficar ou sair⁹ deste local, mas isso deverá ser uma opção e não a única saída.

Os currículos das escolas do campo propõem uma integração entre os conhecimentos científicos e os saberes populares¹⁰, entre as experiências educativas vivenciadas nas escolas com as práticas socioeducativas vivenciadas pelos estudantes. Nesse sentido, CALDART (2002, p. 33) nos adverte que o projeto educativo para o campo deve:

Tratar de combinar pedagogias de modo a fazer uma educação que forme e cultive identidades, auto-estima, valores, memórias, saberes, sabedoria; que enraíze sem necessariamente fixar as pessoas em sua cultura, seu lugar, seu modo de pensar, de agir, de produzir; uma educação que projete movimento, relações, transformações.

Conforme Caldart (2002) é preciso um projeto que insira o campo como lugar de produção e não apenas reprodução. A autora nos desafia a refletir sobre práticas curriculares que valorizem o patrimônio cultural dos povos do campo e que apontem novas perspectivas de mudanças e transformações sociopolíticas e culturais, ultrapassando o modelo da sociedade capitalista, que valoriza a competitividade e o individualismo e fomenta o desenvolvimento de currículos fragmentados e descontextualizados, que se limitam a transmissão de conhecimento de forma abstrata e acrítica.

Em 1995 o Município de Domingos Martins/ES elaborou sua primeira Proposta Pedagógica, o que abriu as discussões sobre a Educação do Campo, mas foi a partir de 2007 que o movimento se fortaleceu com o início da formação continuada para os professores. De acordo com Nickel (2016) a Secretaria Municipal de Educação e Esporte (SECEDU) acreditava que este seria o caminho para a melhoria da Educação pelo fato de 80% (oitenta por cento) da renda ser oriunda do campo e pelo fato do Município ter sua economia¹¹ proveniente da agricultura familiar.

⁹Ver: CASTRO, Elisa Guaraná de. Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. 2005. 444f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

¹⁰Nesse estudo, consideramos saberes populares como conhecimentos construídos historicamente nas camadas populares da sociedade como forma de lidar com as situações surgidas em seu cotidiano. Pois, segundo Gadotti (1996, p.82), Freire considera que o saber popular é gerado na prática social de que o povo participa.

¹¹ Segundo consulta realizada em julho de 2022 a Secretaria da Fazenda (SEFAZ) do Espírito Santo através da Secretaria Municipal da Fazenda de Domingos Martins, a renda deste município continua sendo proveniente da agricultura familiar. O Fundo de participação do município em relação ao ICMS total do Estado em 2016 era de 1,274% e em 2022, 1,314%. As notas fiscais dos produtores rurais digitadas em 2016 eram de R\$ 281.375.115,85 e em 2020, R\$ 311.040.420,04.

Mas esse movimento não aconteceu de um dia para o outro, para compreendermos as ações relacionadas à Educação do Campo a partir do ano de 2007 no município de Domingos Martins/ES, consideraremos alguns antecedentes históricos da trajetória educacional que merecem ser destacados, pois fazem parte de um processo de construção e contribuíram para os avanços educacionais dos anos posteriores:

- em **1991**, foi criado o Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Santa Maria da Vitória e Rio Jucu. As ações desse grupo centraram-se na educação, planejamento e desenvolvimento de projetos voltados para a recuperação e conservação dos recursos hídricos das duas bacias. Nesse mesmo ano, um dos temas utilizados por Domingos Martins era Meio Ambiente;
- em **1992**, a Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu foi criada e adotou como metodologia a Pedagogia da Alternância. Sua proposta educacional foi pensada a partir da realidade na qual a escola estava inserida e nas especificidades do homem do campo;
- em **1993**, a Secretaria Municipal de Educação, organizou junto com os professores, uma proposta pedagógica com tema transversal: Meio Ambiente. Neste ano a Prof^a Bernadete Mian realizou a pesquisa: **Educação escolar de filhos de imigrantes alemães no Espírito Santo**: Um processo pouco explorado. Investigou o processo de escolarização de descendentes de imigrantes alemães e pomeranos no Estado;
- de **1995 a 1997**, a formação continuada realizada pela Secretaria de Educação e Esporte com ênfase nas práticas dos professores deu origem ao livro “Meio Ambiente: Interdisciplinaridade na prática”, publicado pela Editora Papirus.
- em **1995** e em **1996**, o Grupo Serrano denominado de Educação Rural, realizou importantes debates sobre a educação rural dos municípios de Domingos Martins, Marechal Floriano, Venda Nova do Imigrante, Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina;
- em **1998**, a professora Gerlinde Merklein Weber realizou a pesquisa: **A escolarização entre descendentes pomeranos em Domingos Martins**. Um estudo etnográfico com o propósito de verificar como os pomeranos vivem o que lhes é específico, para então discutir a sua escolarização. Seu objetivo principal era entender as representações que os descendentes de pomeranos apresentavam sobre a escolarização: sua função, importância, expectativas, motivação e dificuldades;
- em **2003**, junto com quatro municípios, Domingos Martins iniciou as discussões do Programa de Educação Pomerana (PROEPO) e começaram a pensar a educação das crianças pertencentes a esta etnia de forma diferenciada.

No ano de 2008 foi criado o Centro de Pesquisa, Apoio Pedagógico e Formação dos Profissionais da Educação¹². Esse espaço foi organizado para a coordenação do trabalho de Formação Continuada no Município e neste mesmo ano, estabeleceu-se uma parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo para a realização da Formação Continuada dos Professores da Rede Municipal por meio do Grupo de Pesquisa (CNPQ) Culturas, Parcerias e Educação do Campo coordenado pelo professor Dr. Erineu Foerste.

É importante frisar que essa parceria, entre o município de Domingos Martins e a UFES, através do professor Dr. Erineu, iniciou em 2007 com a oferta do curso de extensão em Educação do Campo e em 2010 com a oferta da especialização em Educação do Campo pelo Programa de Pós Graduação da UFES em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), na modalidade à distância.

Foerste (2005) reflete sobre a parceria colaborativa, estabelecida entre a universidade e a escola básica defendendo que pensar e repensar a formação do profissional do ensino é um compromisso de todo professor, esteja ele atuando na escola básica ou na universidade. Assim os diferentes tipos de saberes se complementam, pois foram produzidos em contextos diferentes, ressignificando as práticas e teorias tanto da escola quanto de seus docentes.

Essa parceria cria um espaço de diálogo interinstitucional, em que as temáticas de estudo são escolhidas e as estratégias para o desenvolvimento deste processo são traçadas. Ainda de acordo com Foerste (2013) “nossas avaliações apontam que a parceria da UFES com o município de Domingos Martins/ES tem possibilitado a construção de um projeto interinstitucional de Educação do Campo, sendo município referência no Estado”.

Como frutos desta parceria, citamos a publicação dos artigos produzidos na formação continuada do ano de 2010 por meio do livro “Saberes e Práticas da Coleção Educação do Campo” e a produção do Documento Curricular do município que foi o resultado da formação continuada de 2014 a 2016, com a participação de todos os profissionais da rede, contemplando a multiplicidade de vozes, saberes, culturas dos diversos sujeitos que constituem o contexto escolar, os quais são comprometidos com o que o documento propõe.

¹²Lei municipal Nº 2.102, de 03 de julho de 2008, normatiza a criação do Centro de Pesquisa, Apoio Pedagógico e Formação de Profissionais da Educação do Município de Domingos Martins/ES.

Entendemos que Domingos Martins/ES caminha em direção ao fortalecimento da Educação voltada para os sujeitos do campo e a criação da Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO ofertada pela UFES pode ser mais uma possibilidade nesse contexto. Muitos profissionais da Rede Municipal de Ensino de Domingos Martins/ES estão inseridos nesta licenciatura, alguns já concluíram e outros estão caminhando, por isso torna-se importante investigar a contribuição da Licenciatura da Educação do Campo no fortalecimento da Educação Campesina desse município.

1.2 SITUANDO O PROBLEMA DE PESQUISA

A problemática a ser investigada é: Quais aprendizagens obtidas na Licenciatura em Educação do Campo são evidenciadas na práxis pedagógica dos egressos?

1.3 OBJETIVOS

A pesquisa tem como objetivo geral: Analisar a práxis pedagógica dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo da UFES e sua relação com as proposições formativas da LEDOC/UFES.

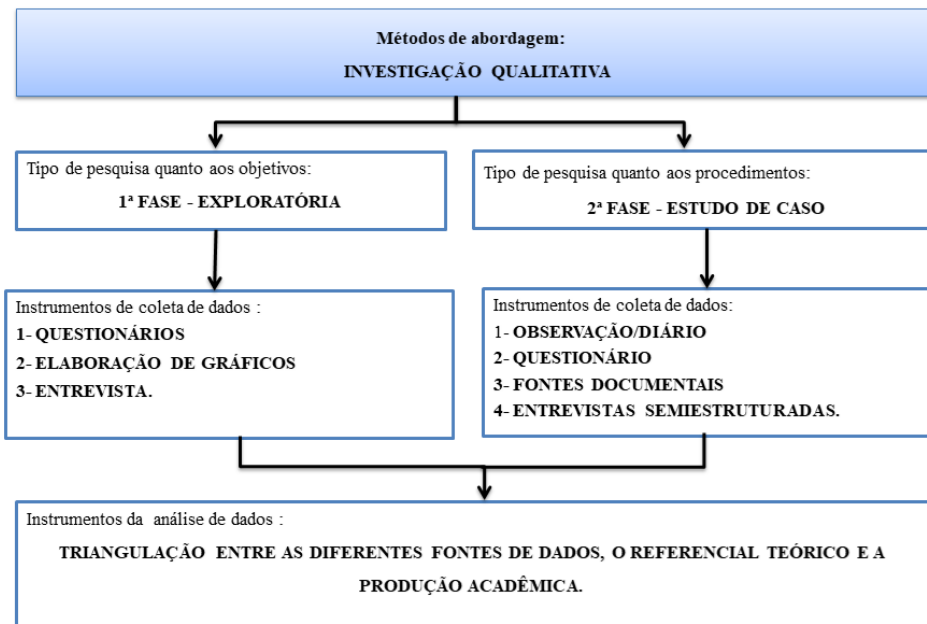
Nesta questão geral, há alguns pontos mais específicos que pretendemos explorar:

- a) Descrever a trajetória dos sujeitos da pesquisa na Licenciatura em Educação do Campo e no trabalho com a Educação do Campo;
- b) Analisar as contribuições da LEdoC/UFES no fortalecimento da Educação do Campo no município de Domingos Martins;
- c) Relacionar a práxis pedagógica dos sujeitos egressos da LEdoC/UFES com o referencial teórico e as proposições do curso expressas no PPC.

2 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O quadro abaixo apresenta inicialmente o caminho metodológico que pretendemos percorrer na realização desta pesquisa:

Figura 1 - Caminho metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Utilizaremos a metodologia de pesquisa qualitativa e de acordo com Maanem (1979, p. 520):

A expressão 'pesquisa qualitativa' assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

Na investigação qualitativa, é necessário que o pesquisador que está no trabalho de campo, faça suas observações, emita juízo de valor e analise os acontecimentos, de maneira que a realidade seja interpretada e construída. Objetivando encontrar os sujeitos da pesquisa, egressos da LEdoC/UFES e que atuem nas escolas da rede municipal em Domingos Martins/ES, realizei uma pesquisa exploratória.

Para Gil (2002), esse tipo de pesquisa tem por objetivo aprimorar hipóteses, validar instrumentos e proporcionar familiaridade com o campo de estudo. Constitui a primeira etapa de um estudo mais amplo, e é muito utilizada em pesquisas cujo tema foi pouco explorado,

podendo ser aplicada em estudos iniciais para se obter uma visão geral acerca de determinados fatos. Ela nos traz dados qualitativos importantes para o (re) direcionamento dos estudos, uma vez que não pretendemos confirmar ou refutar hipóteses, mas levantar questionamentos e possíveis equívocos na construção (ou elaboração) dos instrumentos a serem aplicados.

Após a definição dos sujeitos da pesquisa, realizamos um estudo de caso. De acordo com Lüdke e André (2006), o estudo de caso visa à descoberta, pressupõe a interpretação em contexto e busca retratar a realidade de forma completa e profunda. Para atender as peculiaridades do estudo de caso, será importante a inserção do pesquisador no ambiente escolar e sua interação com esses sujeitos numa relação com momentos de distanciamento e momentos de diálogo para que seja possível a análise de suas práticas e de sua relação com a escola e a comunidade.

Esse processo se iniciou com uma revisão de literatura em nível macro para conhecer as produções e discussões já realizadas acerca da Licenciatura em Educação do Campo no Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo, no Banco de Dados da Capes, na Revista Brasileira em Educação do Campo, no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino e na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, em um recorte temporal de cinco anos. Foram realizadas observações utilizando um diário, entrevistas e questionários com os sujeitos envolvidos a partir dos objetivos propostos. Com base nas análises dos dados coletados, dialogamos com o referencial teórico e o tratamento dos dados será pautado nos teóricos que discutem os conceitos utilizados.

A análise ocorreu a cada etapa da pesquisa, porém, foi mais formal no encerramento de coleta de todos os dados, desta forma, de acordo com Lüdke e André (1986) será o momento de trabalhar todo o material coletado e enfatizam que, “é preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’”.

Nesse contexto, não tomamos a mera descrição como metodologia, mas buscamos estabelecer relações e conexões com o referencial teórico que nos fornecerá base para as análises, bem como avançar na análise dos dados, a fim de estabelecer explicações e interpretações com a problemática pesquisada.

Para dar sequência a pesquisa foi necessário proceder com as entrevistas, observações e visitas as escolas, mas devido a Pandemia da Covid-19 que apresentava dados preocupantes no período dessa pesquisa foi preciso repensar a metodologia. Para tanto convidamos os membros do

Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo e os egressos da Licenciatura em Educação do Campo/UFES para uma roda de conversa virtual, onde cada um falaria sobre suas experiências nas escolas onde atuam, nos baseamos no “círculo de cultura” do educador Paulo Freire (1967).

A roda de conversa foi utilizada como metodologia para a coleta de dados, aconteceu no dia 04 de abril de 2022, às 18h, em uma plataforma virtual do Google Meet, com a presença de 07 (sete) membros do Grupo de Pesquisa e 06 (seis) egressas da LEdoC/UFES que atuam profissionalmente no município de Domingos Martins/ES. Foi organizada em quatro momentos: (i) retomada do percurso da pesquisa e pesquisadora; (ii) apresentação da proposta da roda de conversa e seus objetivos e (iii) diálogos com os egressos sobre as suas experiências, relatos e visão sobre os objetivos da roda de conversa e (iv) finalizando com algumas indagações e possíveis propostas para a Universidade, Estado e Município.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados ao longo desse estudo, foram:

- **Observação:** É uma técnica de coleta de dados para obter informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. A observação ajuda o pesquisador a distinguir indícios a respeito de acontecimentos sobre os quais os indivíduos não tem consciência, mas que orientam seu comportamento. De acordo com Ludke e André (1986) a observação é “usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens.” Em nossa pesquisa utilizamos a observação estruturada, com o objetivo de responder propósitos definidos planejados anteriormente nos momentos de visitas as escolas onde os egressos atuam.
- **Entrevista:** Esta técnica de coleta de dados é realizada através do encontro entre o pesquisador e o entrevistado, diferente das outras técnicas, essa ganha vida no início do diálogo. Para Ludke e André (1986), a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informação e sobre os mais variados tópicos. Realizada em nossa pesquisa com o objetivo de levantar os dados necessários para a escrita da trajetória dos egressos na LEdoC/UFES e na Educação do Campo.

- **Questionário:** É um instrumento de coleta de dados constituído por perguntas em uma determinada ordem, que diferente da entrevista, geralmente são respondidos por escrito e sem a presença do pesquisador. Utilizamos esse instrumento para identificar os sujeitos da pesquisa entre os estudantes da LEdoC/UFES que atuam na rede municipal de Domingos Martins/ES.
- **Pesquisa Bibliográfica:** Pesquisa alguma parte do nada, é preciso conhecer o material já publicado sobre o assunto. Assim, a pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudos, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisa, monografias, teses, material cartográfico, até meios de comunicação. Para o desenvolvimento do nosso estudo teórico, pesquisamos nas seguintes produções e publicações: do Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo, do Banco de Dados da Capes, da Revista Brasileira em Educação do Campo, do Encontro Nacional de Didática e da Prática de Ensino e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação.

2.1 PESQUISA EM REDE

Esta investigação traz consigo uma característica peculiar: é uma pesquisa em rede, isto é, um projeto piloto do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Culturas, Parcerias e Educação do Campo”. Ao todo são três projetos de pesquisa que integram a rede.

Tabela 1 - Esquema explicativo sobre a pesquisa em rede



Fonte: GT- Pesquisa em Rede (GTPR/2020).

Os pesquisadores trabalham de forma coletiva a partir de um grupo de trabalho nomeado Pesquisa em Rede (GTPR), formado pela atual pesquisa intitulada “Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo: diálogos interculturais com os Povos e Comunidades Tradicionais”, da mestranda Alessandra Reinholz Velten; e pelas pesquisas “Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo: um estudo de caso com os estudantes egressos”, da mestranda Eliana de Deus Sobrinho, e “Leitura Literária e Educação do Campo na Formação Inicial de Professores”, da doutoranda Soraya Pompermayer.

¹³Mestranda em Educação - PPGE/UFES, Vitória, Espírito Santo, Membro do Grupo de Pesquisa CNPq/UFES Cultura, Parcerias e Educação do Campo. Coordenadora do Polo UAB/ Domingos Martins-ES, E-mail: elianasobrinho.numeros@hotmail.com.

¹⁴ Mestranda em Educação - PPGE/UFES, Vitória, Espírito Santo, Membro do Grupo de Pesquisa CNPq/UFES Cultura, Parcerias e Educação do Campo, Bolsista da FAPES. Graduanda na Licenciatura em Educação do Campo LEdoC/UFES – Ciências Humanas e Sociais (CHS). E-mail:areinholzvelten@gmail.com.

¹⁵ Doutoranda em Educação PPGE- UFES. Mestre em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Vitória - ProfLetras (2014). Pós-graduada em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – MG). Licenciada em Letras-Português pela UFES (1989). Integra os grupos de pesquisa “Parcerias, Culturas e Educação” (UFES) e o “Núcleo Bakhtiniano de Pesquisa em Linguagem e Educação” (IFES). Atuou na Secretaria de Educação – SEME - PMV/ES (Gerência de Formação/ Revitalização dos Espaços Escolares) de 1999 a 2001. E-mail: sorayap41@gmail.com.

Essas 03 (três) pesquisas realizam uma triangulação epistemológica, que se configura ao fazer perguntas e criar sistemas de busca para respostas (BRANDÃO, C. R., 2013) em prol de um objetivo em comum, possibilitando um olhar para a mesma realidade a partir de diversos ângulos com mais ênfase crítica sobre a realidade e as possíveis transformações.

Essa parte da pesquisa é um ensaio teórico-metodológico que tem como objetivo registrar caminhos construídos de forma coletiva pelo Grupo de Trabalho Pesquisa em Rede, Grupo de pesquisa (CNPq) “Culturas, Parcerias e Educação do Campo” e pelo Prof. Dr. Erineu Foerste. Vale ressaltar que a pesquisa em rede traz em sua gênese o trabalho de “Leitura Compartilhada”¹⁶, metodologia construída pelos integrantes do grupo de pesquisa: Eucinéia Regina Müller (2019), Adriano de Souza Ramos (2019) e Eduardo Carlos Souza Cunha (2019); em conjunto com Fernanda Reinholtz (2019), integrante do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA). O prof. Erineu (2020) narra um pouco dessa experiência:

“Em 2017 o PPGE/UFES passou a ofertar como trabalho obrigatório no doutorado o Seminário de Pesquisa III com a ementa: Pesquisas em currículo, docência e processos culturais. Dimensões políticas, estéticas, teóricas e metodológicas das pesquisas. Cada linha de pesquisa destaca a partir dali um de seus professores para ministrar este componente curricular. Desde sua criação em 2004 o Grupo de Pesquisa (CNPq) Culturas, Parcerias e Educação do Campo colocava-se o desafio de realizar revisão da produção acadêmica sobre os respectivos temas de pesquisa para elaboração de dissertação e tese de seus membros, cujo movimento se dá de forma coletiva e tem frutificado em diferentes perspectivas até hoje. Acredito que é por isso que fui convidado pela nossa linha de pesquisa para assumir o desafio de trabalhar com os doutorandos ingressantes daquele ano pela primeira vez este novo componente da grade curricular do PPGE¹⁷ (PPGE/UFES: 2017a e 2017b). Quatro eram as doutorandas, que tinham sido aprovadas no processo seletivo do ano anterior, a ingressar em nosso grupo de pesquisa (Arlete Maria Pinheiro Schubert, Edineia Koehler, Giovana Barbosa da Silva e Jandira Marquardt Dettmann¹⁸). Naquele início de ano, passaram a participar, de mesmo modo o grupo de pesquisa, os mestrandos: Adriano de Souza Ramos, Eduardo Carlos Souza Cunha e Eucinéia Regina Müller (logo percebi que compunham um quarteto muito atuante de trabalho acadêmico com a mestranda Fernanda Reinholtz)¹⁹. Ocorre que os debates feitos no Seminário de Pesquisa III eram

¹⁶ Texto em discussão: FOERSTE, E.; DE SOUZA, A. R. CUNHA, E. C. S.; MULLER, E. R.; REINHOLTZ, F. R. N. A leitura e escrita colaborativa e compartilhada como instrumento dialógico e metodológico nas pesquisas em Educação. Vitória-PPGE/UFES (2021).

¹⁷ Consultar: a) PPGE/UFES. Grade curricular do doutorado de 2017. Vitória: PPGE/UFES, 2017a; b) PPGE/UFES. Seminário de Pesquisa III — Planejamento da oferta em 2017. Vitória: PPGE/UFES, 2017b.

¹⁸ Consultar: a) Arlete Maria **PINHEIRO-SCHUBERT**, Fogueiras da Memória: lutas territoriais, culturas, identidades e educação indígenas (Projeto de pesquisa de doutorado). Vitória: PPGE/UFES, 2021; b) Edineia **KOEHLER**, Povo Tradicional Pomerano: Cultura, Educação, Memórias, Tradições e Narrativas em Espaços Sociais de Educação (Projeto de pesquisa de doutorado). Vitória: PPGE/UFES, 2021; c) Giovana **BARBOSA DA SILVA**, Pesquisas Acadêmico-científicas: Movimentos pela formação do corpo intelectual docente na Educação Infantil, (Projeto de pesquisa de doutorado). Vitória: PPGE/UFES, 2021. d) MARQUARDT DETTMANN, J. **Práxis docente pomerana: cultura, língua e etnicidade**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

¹⁹ Consultar: a) SOUZA, A. R. **A formação de professores do campo: o programa de aperfeiçoamento Escola da Terra Capixaba na bacia do Rio Doce**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.; b) REINHOLTZ, F.R. N.

compartilhados no grupo de pesquisa e impactaram de maneira especial estes mestrandos, bem como a todos os demais membros do nosso grupo. Deste movimento emergiram encaminhamentos fecundos de trabalho coletivo. Destaca-se a publicação do volume: “Culturas, parcerias e educação do campo”²⁰, editado em formato de livro e lançado finalmente em 2020. Em 2019 nasce o Grupo de Trabalho Pesquisa em Rede, que fortalece diálogos coletivos com articulação interinstitucional. Exemplo disso ocorreu no dia 15 de janeiro de 2021 com a realização do I Círculo de Cultura Virtual do Grupo de Pesquisa (CNPq) Culturas, Parcerias e Educação do Campo” (Depoimento do Prof. Dr. Erineu Foerste).

A pesquisa em rede optou por seguir alguns caminhos para delinear os estudos, tomando como referência e base epistemológica o materialismo histórico. Objetiva-se de forma concreta e histórica ver o mundo a partir da sua realidade e suas contradições, para transformá-la (FICHTNER et al., 2020). Sendo assim, esse estudo se materializa na observação da realidade, no questionar a realidade posta e no refletir através de ações para transformação. Nesse sentido, a dialética está na práxis do materialismo histórico, que ocorre no confronto negativo com a realidade e nos resultados construídos.

Assim, para garantir a triangulação das pesquisas e a aproximação da análise crítica da realidade, optou-se por direcionar os trabalhos baseando-se nos preceitos da auto-organização de Pistrak (2018) e na Pedagogia do movimento de Caldart (2000), que proporciona com que os trabalhos estejam voltados para a dialética em movimento.

Todas as ações da pesquisa em rede não devem ser vistas como um manual de como fazer, mas também não devem ser desconsideradas. A proposta é uma “construção, reconstrução e transformação das ideias, criando e recriando uma prática de pesquisa coletiva para os grupos de pesquisas ou trabalhos nos âmbitos escolares” (BRANDÃO, C. R., 2013, p. 17). Assim, o que unifica a triangulação das pesquisas, além da base epistemológica, é a preocupação em realizar pesquisas para a transformação social.

As orientações iniciais seguiram para um planejamento coletivo e individual de cada pesquisa. Para Fichtner et al. (2020) uma abordagem focada na totalidade em processos investigativos qualitativos favorece rigor e garante confiabilidade e fidedignidade. Partindo disso, o professor

A reconfiguração dos sujeitos da EJA no campo: O caso da EMEFM Mariano Ferreira de Nazareth. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019; c) MÜLLER, E. R. Classes multisseriadas em Domingos Martins: um estudo de caso sobre cultura escolar e cultura da escola. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019; d) CUNHA, E.C.S. **Por dentro de uma escola pública campesina em Tempos de Resistência: o caso da escola do Xúri.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

²⁰ Consultar: FOERSTE, E. (org.). **Culturas, parcerias e educação do campo.** Curitiba: Appris, 2020.

orientador e pesquisadores colaboradores, sobretudo do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Culturas, Parcerias e Educação do Campo”, realizaram diálogos coletivos a partir da problemática de pesquisa apresentada, ao mesmo tempo em que se fizeram registros levantamentos dos principais problemas que emergiram preliminarmente da realidade.

Uma avaliação feita a “várias mãos” (BRANDÃO, C. R., 2003) facilita destacar e dimensionar necessidades, vivências, experiências comunitárias, que contribuem para se elencar questões pertinentes ou lacunas e desafios do próprio grupo de pesquisa em sua trajetória de cerca de 10 anos de trabalho acadêmico coletivo (FOERSTE et al., 2020a). Para tanto, foi decidido que imersões de campo constituem a base que imprime impulso a movimentos de problematizações investigativas, de forma cautelosa, para não reproduzir hierarquização entre ciência e as culturas dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Observação atenta e anotação mais detalhada, em um diário de bordo, sobre os sujeitos envolvidos no processo, trouxeram muitos benefícios para a produção de dados e seu tratamento. Além disso, visitas de campo foram realizadas, por exemplo, a partir de uma assembleia, questionamentos e interlocuções trazidos em fóruns, seminários ou em participação de eventos, momentos de fala em formações e organizações coletivas.

A participação dos pesquisadores nesses momentos iniciais promove a reflexão de questões colocadas pela prática, articuladas à discussão de pressupostos teóricos e metodológicos de diferentes áreas do conhecimento e suas disciplinas (Educação, Sociologia, História, Antropologia, Linguística etc.). As vozes dos sujeitos da pesquisa dialogam com o conhecimento valorizado pela universidade com problematização dialética. O desafio é superar pelo diálogo e práticas colaborativas dicotomias que invisibilizam as línguas e culturas dos sujeitos do campo (FOERSTE, 2012; FICHTNER et al., 2020; FOERSTE et al., 2020a). Foerste complementa pontuando que “as atividades dessa natureza ajudam a redimensionar o olhar do pesquisador na sua relação com o objeto de estudo” (2012, p. 93).

As práticas de parceria (FOERSTE, 2005, 2012) lançam desafios e novas tarefas investigativas que contribuem para promover a construção coletiva de caminhos e processos de pesquisa. Nesse sentido, o exercício do diálogo interinstitucional e intercultural leva a problematizações que colocam em questionamento a hegemonia dos conhecimentos acadêmicos livrescos focados nas disciplinas científicas. Nesse movimento, há produção de arranjos de colaboração que prezam a não hierarquização de conhecimentos, quando se trata da ciência e das culturas e

saberes orais dos Povos e Comunidades Tradicionais (FOERSTE; FICHTNER; NUNES; SOUZA NETO, 2018).

Partindo disso, a metodologia é um trabalho colaborativo feito a “várias mãos” (BRANDÃO, C.R., 2003), para aprofundamento crítico sobre os processos investigativos a serem empreendidos, com ênfase na transformação social e produção de condições dignas de vida para todos. Essa dinâmica coletiva de colaboração, que tantos benefícios traz para quem realiza pesquisas, pode ser entendida como uma prática de parceria. Como afirma Foerste, “a parceria consiste em prática emergente de colaboração, cooperação, partilha de compromissos e responsabilidades entre os diferentes grupos” (2012, p. 107).

Assim, os movimentos coletivos de construção do objeto de estudo e o olhar da pesquisadora resultaram na elaboração de uma metodologia de investigação em diálogo com as abordagens qualitativas em educação (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; BRANDÃO, C.R., 2003; BRANDÃO, Z., 2002; FICHTNER et al., 2020). O estudo de caso (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e a pesquisa participante (BRANDÃO, C.R., 1987) trouxeram significativas contribuições para todo o trabalho investigativo realizado.

Essas escolhas de metodologias abriram caminhos para pensar e estruturar as pesquisas, pensando passo a passo a elaboração de metas para atingir objetivos definidos e avaliados de forma colaborativa. Muitos desafios foram postos para o GT, visto que realizar uma pesquisa é um processo complexo e minucioso, que exige do pesquisador muita disciplina e comprometimento. A atenção para realizar prática colaborativa de triangulação revelou a necessidade de vigilância e de canais permanentemente abertos de diálogos entre os sujeitos envolvidos no GT, no grupo de pesquisa, na LEdoC etc.

Como estamos em meio a uma pandemia, foi preciso atenção redobrada e um esforço especial para uma complexa tarefa de reinvenção dos tempos e modos de fazer universidade e escola, uma vez que o “distanciamento” e o “isolamento” exigiram cuidados na adoção de estratégias para produção de dados confiáveis e fidedignos. No processo, surgiram muitos questionamentos: que instrumentos de pesquisa seriam mais adequados? Como garantir diálogo permanente com as fontes e com os sujeitos da investigação entre si? Que impactos os tempos da pandemia poderiam trazer na organização e tratamento do banco de dados? Nesse sentido, o Grupo de Trabalho “Pesquisa em Rede” e o Grupo de Pesquisa (CNPq) “Culturas, Parcerias e Educação do Campo” consolidaram-se como coletivos com os quais contávamos de maneira

permanente por meio de recursos on-line (correio eletrônico, WhatsApp, telefone, videoconferência etc.).

A escrita das pesquisas foi afetada positivamente por este movimento. Houve momentos em que o trabalho avançou de forma significativa, sobretudo quando os textos eram compartilhados entre os pares. Do mesmo modo, a escrita de alguns capítulos ou parte deles beneficiou-se do trabalho a “várias mãos”. Exemplo disso se encontra nas duas dissertações e na tese em produção, precisamente, quando tratam da contextualização histórica do objeto de estudo e do levantamento e análise da produção acadêmica acumulada disponível. O trabalho se iniciou com a busca de publicações sobre o tema, a partir das palavras-chave ou termo descritor central *Licenciatura em Educação do Campo*. Assim, focamos na leitura dos anais de eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPEd) e do Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (Endipe), também nas publicações da Revista Brasileira de Educação do Campo (RBEC), com o recorte temporal entre 2008 a 2019, que se justifica pela criação da Licenciatura em Educação do Campo. A escolha dessas fontes contou com a colaboração e participação ativa do Grupo de Pesquisa. Após muita discussão sobre os critérios adotados para essa seleção, definiu-se por canais credenciados pelo meio acadêmico que trabalham em favor do fortalecimento da Educação do Campo como direito social dos camponeses e como política pública.

Este trabalho foi marcado por tensões e ao mesmo tempo por entusiasmo. Na medida em que nossas incursões teóricas e metodológicas se constituíam como práxis de investigação colaborativa, apresentavam-se condições concretas para realização de observações e testagem de instrumentos que favorecessem um maior conhecimento de aspectos da realidade. Dessa maneira, vivências e experiências de pesquisa concretizam alternativas de leitura e reflexão a partir de múltiplos olhares, indagando e levantando novas problematizações. O professor Erineu Foerste destaca bem esse momento do trabalho: “[...] um estudo mais aprofundado evidentemente ajudará a compreender melhor sobre a prática do trabalho coletivo, solidário e colaborativo” (FOERSTE, 2012, p. 108).

Nos encontros presenciais entre as pesquisadoras no PPGE/UFES, foi possível compartilhar artigos, livros e discussões acerca do tema. Para facilitar o diálogo, foi proposta a utilização de ferramentas digitais, criando um grupo de WhatsApp (GT Pesquisa em Rede), a fim de agilizar a troca de informações, esclarecimento de dúvidas e tomada de decisões. Devido ao contexto

da pandemia da COVID-19, foi necessária uma adaptação dos encontros para o modo totalmente virtual, que passaram a ocorrer via plataforma Google Meet.

Vale ressaltar que em decorrência da COVID-19, houve suspensão das atividades presenciais na UFES²¹, no primeiro semestre de 2020, estendendo as atividades acadêmicas remotas até final de maio de 2021. Apesar disso, o PPGE/UFES não paralisou, suas pesquisas continuaram, as orientações de dissertações e teses nas respectivas linhas de pesquisas foram mantidas. Os grupos de pesquisa realizaram reuniões de forma on-line. Exames de Qualificação e Defesas seguiram o cronograma planejado anteriormente. Contudo, houve obstáculos que impossibilitaram algumas etapas das pesquisas, sendo preciso encontrar caminhos alternativos para realizá-las.

Os Exames de Qualificação das pesquisas que compõem a triangulação do GT “Pesquisa em Rede” ocorreram na modalidade remota, respectivamente, na sequência: a) Alessandra Reinholz Velten, título “Licenciatura em Educação do campo na Universidade Federal do Espírito Santo: diálogos interculturais com os Povos e Comunidades Tradicionais”, em 15 de junho de 2020, banca examinadora composta pelas professoras Cláudia Maria Mendes Gontijo, Silvanete Pereira dos Santos e Janinha Gerke; b) Eliana de Deus Sobrinho, título “Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo: um estudo de caso com os estudantes egressos”, em 10 de agosto de 2020, banca examinadora composta Silvanete Pereira dos Santos, Janinha Gerke e Claudete Beise Ulrich. Seguindo para o Exame de Qualificação²² da doutoranda Soraya Pompermayer, título “Leitura literária e Educação do Campo na Formação Inicial de professores”, em 06 de outubro de 2020, banca examinadora composta Silvanete Pereira dos Santos, a coorientadora professora Letícia Queiroz de Carvalho, coordenadora do Profletras do (IFES) — campi em Vitória/ES — e membro do grupo de pesquisa “Culturas, Parcerias e Educação do Campo” e a Edivanda Mugrabi, professora

²¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho universitário. **Resolução nº 04/2020**. Regulamenta a reorganização das atividades acadêmicas, administrativas e eventos no âmbito da Ufes a partir de 17/3/2020, como medida de prevenção ao COVID-19. Vitória: Conselho Universitário, 2020.

²² Com base no Currículo PPGE/CE/UFES (2017) —EMENTA DO MESTRADO: Qualificação do projeto de dissertação, com os critérios para a apresentação do projeto de pesquisa: constituição do campo problemático; revisão da literatura; discussão aprofundada do quadro teórico-metodológico; cronograma; formatação de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). EMENTA DO DOUTORADO: Qualificação do projeto de Tese, seguindo os critérios para a apresentação do projeto de pesquisa com constituição do campo problemático; revisão da literatura; discussão aprofundada do quadro teórico-metodológico; cronograma; formatação conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). UFES/CE/PPGE - PORTARIA NORMATIVA Nº 01, DE 11 DE ABRIL DE 2016 Estabelece diretrizes básicas para a realização de defesas de Dissertação ou Tese por meio de videoconferência ou outro suporte eletrônico a distância equivalente, nos cursos de pós-graduação stricto sensu no âmbito desta Universidade.

aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo, consultora do “Enfants du Monde” e do “Institut pour le Développement de l'Éducation des Adultes” em Genebra.

Os diálogos com as respectivas Bancas Examinadoras fomentaram debates que afetam cada projeto em particular e o GT de modo especial. Assim, os trabalhos em colaboração dão continuidade com foco agora em novos e outros desafiadores diálogos, com reafirmação e/ou redefinição de metas e estabelecimento de caminhos a serem trilhados por cada um, pelo GT e pelo próprio Grupo de Pesquisa. Muito se discutiu sobre como realizar pesquisas em tempos de pandemia e ao mesmo tempo garantir qualidade acadêmica às produções. Sem perspectiva de vacinação orquestrada pelo governo federal e sem o retorno das aulas presenciais na LEdoC, avaliou-se, como necessário, buscar meios digitais para que as pesquisas não parassem no meio do caminho, sobretudo considerando os prazos exigidos pela CAPES. A realização do “III Fórum de Educação”²³ de 23 a 26 de novembro de 2020, promovido pelo PPGE/UFES, com o tema “Educação em Tempos de Pandemia”, trouxe alento para a continuidade das pesquisas. Articularam-se debates a partir da organização de um total de 10 Grupos de Trabalho, que objetivaram abarcar a complexidade do conjunto de projetos para produção de dissertações, teses e pós-doc em andamento nas diversas linhas de pesquisa no PPGE/UFES. Assim, o GT “Pesquisa em Rede” teve oportunidade singular de socialização coletiva de parte das investigações realizadas até aquele instante no Grupo de Trabalho 10: “Educação Básica e suas Modalidades: Educação Infantil; Educação para Jovens e Adultos; Educação no Campo; Etnoeducação e Educação Popular”. Tanto o Grupo de pesquisa (CNPq) “Culturas, Parcerias e Educação do Campo”, como o GT “Pesquisa em Rede” avaliaram positivamente a exposição e recepção com debates das três pesquisas em andamento.

Em plena pandemia, o Grupo de Pesquisa “Culturas, Parcerias e Educação do Campo” participou de eventos on-line, publicou artigos e lançou livros. Uma das ações do grupo de pesquisa que merece destaque foi a criação do “Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação do Campo, da Cidade e Educação Social” (NEPECES) vinculado ao Centro de Educação (CE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que tem por finalidade ampliar, aprofundar,

²³ O Fórum de Educação compõe o currículo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES), como atividade obrigatória. O evento teve o propósito de oportunizar aos estudantes, de Mestrado e Doutorado, apresentarem seus projetos de pesquisa para a comunidade interna e externa à Universidade. Envolve a participação de estudantes da Pós-Graduação, da Graduação (das diversas licenciaturas), bem como os profissionais de ensino das redes públicas e privadas que atuam na Educação Básica. Em 2020, em razão da situação de pandemia, decorrente da COVID-19, ocorreu no formato on-line entre os dias 23 e 27 de NOVEMBRO, tendo como temática principal “Educação em tempos de pandemia”. Consultar: <http://even3.com.br/forum2020>.

estudar, pesquisar, problematizar e produzir visibilidade das culturas na sua articulação com a Educação do Campo e da Cidade, para fortalecimento da educação, saúde, culturas e diversidade (Minuta da Resolução, 2021, em prelo).

O caminho da pesquisa em rede retrata os desdobramentos de cada pesquisa, seguindo para a parte individual, delineando as ramificações e contemplando as especificidades. A pesquisa de mestrado “Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo: Diálogo Interculturais com os Povos e Comunidades Tradicionais” foi concluída em 2021, estudou os PCTs, realizando um Círculo de Cultura Virtual, grande desafio nesse tempo de pandemia devido à falta de condições tecnológicas para os sujeitos do campo.

Já a pesquisa de mestrado “Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo: Um Estudo de Caso com os Estudantes Egressos” vai ao encontro dos graduandos que finalizaram o curso e trabalham nas escolas de comunidades locais no município de Domingos Martins com o objetivo de analisar a relação da práxis pedagógica desses egressos com o referencial teórico e as proposições do curso expressas no PPC. Além de verificar as contribuições da LEdoC/UFES no fortalecimento da Educação do Campo no município de Domingos Martins/ES. Essa pesquisa de mestrado está em fase de finalização, com previsão para defesa para o segundo semestre de 2022.

Em suma, a “Pesquisa em Rede” vai se constituindo de forma gradativa e coletiva, com muitos olhares, várias vertentes e propostas que dão corpo a um trabalho coletivo de produção de saber e de conhecimento. É um reinventar os padrões acadêmicos da pesquisa, que coloca desafios a cada pesquisador de criar caminhos investigativos a partir da complexidade do objeto de estudo e diálogos dos sujeitos da pesquisa (BRANDÃO, C. R., 2003).

Porém, os trabalhos teórico-metodológicos, promovidos pela “Pesquisa em Rede”, não terminam nessas dissertações. A pesquisa de doutorado “Leitura Literária e Educação do Campo na Formação Inicial de Professores” de Soraya Pompermayer faz parte do GT e tem previsão de conclusão em março de 2023.

O desenvolvimento da pesquisa em rede facilitou o desenvolvimento desta pesquisa nos momentos em que foi necessária uma compreensão mais detalhada do curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo. Nos diálogos coletivos foi possível entender a organização e funcionamento do curso, principalmente através das

contribuições da pesquisadora Alessandra Reinholz Velten que além de mestranda é aluna do curso desde 2019/01, trazendo consigo todas as vivências do curso enquanto estudante.

Para além da Pesquisa em Rede utilizamos como instrumento metodológico para a coleta de dados, o “Círculo de Cultura” do educador Paulo Freire (1967) como uma estratégia política libertadora, que favorece a emancipação humana, política e social de coletivos historicamente excluídos. Este espaço teve como objetivo o diálogo coletivo dos egressos da LEdoC/UFES a fim de investigar as aprendizagens obtidas na Licenciatura em Educação do Campo que podem ser evidenciadas em suas práxis pedagógica.

Segundo Velten (2021, p.65) “o diálogo produz uma forma de comunicação que potencializa os saberes que se entrecruzam no espaço de aprendizagem, a fim de problematizar situações do seu cotidiano para produzir o tema gerador”, que segundo Freire (2018, p. 87) “implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora”, levantando questões com os egressos para compreender a formação obtida na universidade e o que se evidencia em sua práxis.

Esta etapa da pesquisa, realizada em 04 de abril de 2022, gerou uma reflexão sobre essas questões que serão analisadas no decorrer do capítulo cinco. Para a próxima sessão do texto, apresentamos os sujeitos da pesquisa e a organização da Universidade e do Município de Domingos Martins/ES em relação a COVID-19.

2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

“O movimento para a liberdade, deve surgir a partir dos próprios oprimidos, e a pedagogia decorrente serão aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Vê-se que não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas, que se disponha a transformar essa realidade; trata-se de um trabalho de consciência e politização.”

Paulo Freire

A intenção inicial da pesquisa, após a revisão de literatura em nível macro sobre as produções e discussões já realizadas acerca da Licenciatura em Educação do Campo nos diversos meios acadêmicos, era a realização de observações utilizando um diário, entrevistas e questionários com os sujeitos envolvidos a partir dos objetivos propostos, além do encontro com os egressos

da LEdoC para conhecer suas trajetórias de vida e de luta, visita as comunidades em que atuam para observar como conduzem as suas práticas tanto na escola, quanto na comunidade.

Porém, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou no início de 2020 que estamos vivendo uma pandemia do novo Coronavírus, chamado de Sars-Cov-2. Em 28 de abril de 2020, o reitor da UFES, Paulo Sérgio de Paula Vargas, emitiu a Portaria nº 248, criando um Grupo de Trabalho (GT) cuja finalidade era o assessoramento à Administração Central na elaboração de propostas de ações estratégicas para a gestão acadêmica e administrativa frente à situação de prevenção e combate à COVID-19, no que se referia ao período de isolamento social e replanejamento dos trabalhos dos técnicos e docentes, bem como à retomada futura das atividades de modo presencial, observando as diretrizes estabelecidas pelo Comitê Operativo de Emergência da UFES - COE, especialmente o Plano de Contingência aprovado para a universidade e suas possíveis adequações. E a partir da Resolução nº 29/2020, onde o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFES (CEPES), adotou providências para o Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial (EARTE) de Pós-Graduação em tempos de pandemia.

Devido a pandemia as instituições escolares municipais de Domingos Martins/ES foram fechadas desde o dia vinte e três de março de 2020 seguindo as orientações de distanciamento social e na medida do possível, mantendo contato com os estudantes através do envio de atividades pedagógicas não presenciais. Ainda não temos ideia de quando retornaremos a rotina normal.

Enquanto professora do campo e pesquisadora, ciente de todos os desafios que a adesão deste modo de trabalho causa, pois reforça as desigualdades entre as pessoas e contribui para a legitimação do modelo da escola capitalista no campo. Entendendo que os objetivos desta pesquisa não permitem apenas o uso de ferramentas online, pois o encontro com os estudantes da LEdoC e a visita as comunidades em que atuam precisam acontecer presencialmente. Ao longo do processo é possível que seja necessário fazer algumas adequações e lançar mão de algumas estratégias que favoreçam o diálogo com os sujeitos.

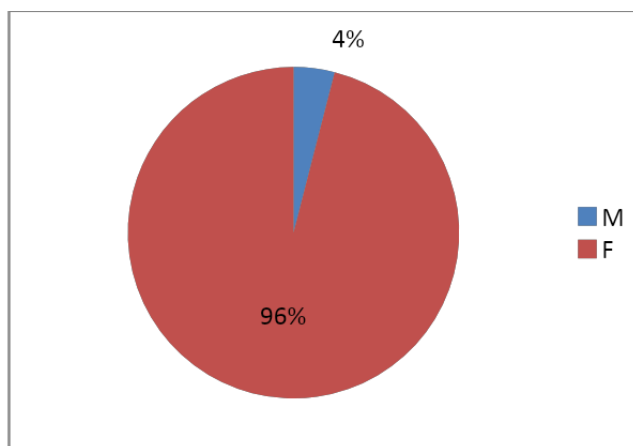
Na busca por minimizar os efeitos restritivos que a pandemia impõe, elaboramos um questionário utilizando a ferramenta do Formulário Google para ser encaminhado aos profissionais da educação de Domingos Martins/ES e respondido por aqueles que já concluíram ou estão cursando a LEdoC/UFES através de e-mail e do aplicativo *WhatsApp*. Utilizaremos

mais de uma ferramenta para o envio do questionário com o objetivo de alcançar o maior número possível de sujeitos, todavia, sabemos que a maioria delas não é acessível a todos no contexto em que estamos inseridos, que se constitui campestre, sem acesso à internet e com poucos recursos tecnológicos.

O questionário foi enviado no dia vinte e um de maio de 2020 aos 28 (vinte e oito) diretores das escolas municipais para encaminhar aos profissionais que atuam na unidade escolar, ficando disponível por uma semana para serem respondidos. Após esse período, recebemos 25 (vinte e cinco) respostas de estudantes que já concluíram ou que estão cursando a Licenciatura em Educação do Campo na UFES.

A partir dessas respostas elaboramos gráficos que serão apresentados a seguir com as respectivas análises enriquecidas pelas respostas discursivas dos entrevistados. No primeiro gráfico demonstramos os entrevistados por sexo.

GRÁFICO 1- Sexo dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Há uma predominância do feminino com 96% (noventa e seis por cento) e apenas 4% (quatro por cento) do masculino. Segundo Álvaro Hypolito (1997), o crescimento da participação da mulher na atividade docente foi bem rápido.

Em 1940, o número de mulheres professoras já ultrapassava o índice de 90% (90,4%), atingindo, em 1948, 93,3%. Esse percentual mantém-se na faixa dos 90 pontos até final dos anos 50, chegando nos anos 70 à marca de 98,8%, configurava-se definitivamente o magistério como uma profissão na qual as mulheres são absoluta maioria (HYPOLITO, 1997, p. 54).

Dados do recenseamento demográfico de 1980 revelam que 86,8% (oitenta e seis vírgula oito por cento) do professorado brasileiro eram do sexo feminino; no ensino primário correspondiam a quase totalidade, com um percentual de 99% (noventa e nove por cento); já no ensino infantil

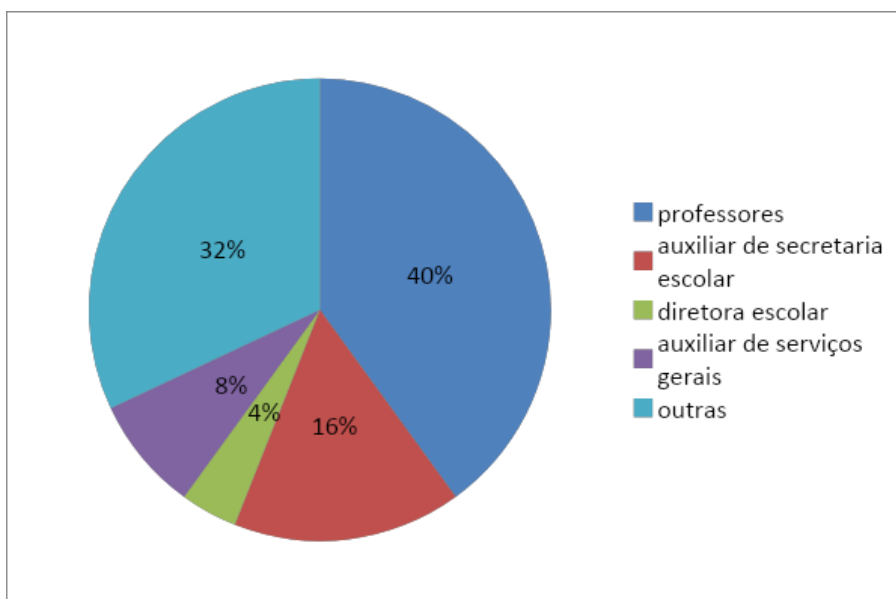
e no ensino do antigo 1º grau (1ª a 4ª séries) representavam 96,2% (noventa e seis vírgula dois por cento) (BRUSCHINI; AMADO, 1988).

De acordo com Hypolito (1997) e Bruschini; Amado (1988) os dados indicam o crescimento da presença feminina no magistério desde a década de 40, na atualidade dados do Ministério da Educação (MEC), referentes ao censo escolar de 2019 (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 2020) mostram que as professoras continuam sendo a maioria das profissionais que atuam na Educação Básica, representando 80% (oitenta por cento) de todos os docentes; sendo que a maior parte dessas professoras (66% - sessenta e seis por cento) possui entre 30 a 49 anos de idade.

É necessário pontuar que a entrada de mulheres na atividade docente não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, em outros países, este cenário também se confirma. Em Portugal estudos de Antônio Nóvoa (1991) trazem dados estatísticos que demonstram tal tendência e nos Estados Unidos, Michael Apple (1988) organizou dados onde relaciona ao fenômeno da feminização, não apenas a categoria de gênero mais de classe, e que subsidiou e continua influenciando estudos até a atualidade.

Os dados apresentados evidenciam uma tendência histórica geral desse fenômeno denominado de feminização do trabalho docente, que aponta para a predominância de mulheres na atividade docente.

O gráfico a seguir demonstra a atuação profissional dos entrevistados, em sua maioria trabalham nas escolas e em vários cargos. Outros atuam em suas propriedades, no comércio local e em outros cargos na Prefeitura.

GRÁFICO 2 - Atuação dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Um fato importante a se destacar é a quantidade de entrevistados que atuam nas instituições escolares (docência - 40% (quarenta por cento), secretários escolares - 16% (dezesseis por cento), serventes – 8% (oito por cento) e gestão escolar – 4% (quatro por cento)). De acordo com Brandão (2007) o processo de educação é permanente, se dá ao longo de toda a vida e o professor não é seu único representante. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz para quem não-sabe-e-aprende (Brandão, 2007, p.18), todos somos educadores. No município de Domingos Martins, muitos profissionais começam a atuar como auxiliares de creche/auxiliares de atendimento educacional especializado (AEE) ou secretários escolares durante a formação inicial. Depois da formação concluída, seguem para a docência.

A Licenciatura em Educação do Campo forma professores em nível superior para atuar nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio nas escolas do campo, além da docência são preparados também para atuarem na gestão de processos educativos e comunitários, por isso a importância da inserção de todos esses profissionais na LEdoC. Os sujeitos entrevistados atuam nas EMEFs, EFA e nas EMUEF²⁴s e EMPEFs²⁵, desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental. Muitos professores já formados e que atuam na educação infantil

²⁴ Escola Municipal Unidocente de Ensino Fundamental: o professor atua com todas as turmas dos anos iniciais em uma única sala.

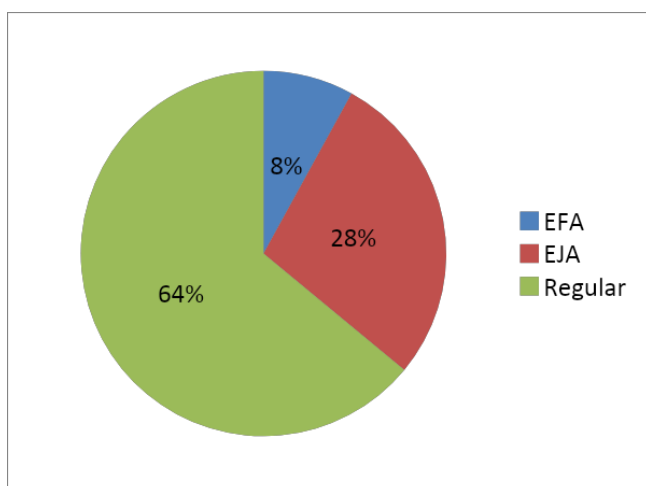
²⁵ Escola Municipal Pluridocente de Ensino Fundamental: o professor atua com duas ou mais turmas dos anos iniciais em uma única sala.

e nos anos iniciais do ensino fundamental buscam a LEdoC para se aprofundar nos estudos sobre a educação do campo.

Em contrapartida, 32% (trinta e dois por cento) dos entrevistados não atuam na educação e exercem outras atividades. Isso corresponde a 08 (oito) sujeitos, esses exercem as seguintes funções: 01 (um) estudante de mestrado e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), 01 (um) estudante e trabalha no comércio, 01 (um) agricultor assentado, 03 (três) agricultores, 01 (um) técnico agrícola e 01 (um) assessora de programa cultural e trabalha com artesanato. Estes optaram pelo curso por que buscam um aprofundamento teórico e metodológico sobre a Educação do Campo e a defesa de uma educação humanizadora. Também citam a oportunidade de cursar a Universidade Pública, sem gastos com a mensalidade e ter uma segunda opção de emprego.

No próximo gráfico demonstraremos a modalidade que os entrevistados cursaram o ensino médio, para se inscrever no processo seletivo da Licenciatura em Educação do Campo na UFES é necessário que o candidato tenha cursado o ensino médio em escola pública.

GRÁFICO 3 - Modalidade que cursou o Ensino Médio



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A maioria cursou na modalidade regular – 64% (sessenta e quatro por cento). Outros são provenientes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 28% (vinte e oito por cento) e da Escola Família Agrícola (EFA) – 8% (oito por cento).

A tabela abaixo demonstra o número total de estudantes que foram matriculados inicialmente em cada oferta da LEdoC, os matriculados que são provenientes do município de Domingos Martins/ES, o número de estudantes de Domingos Martins que responderam a entrevista em

cada oferta do curso e a quantidade total de estudantes provenientes de Domingos Martins que concluíram o curso.

Tabela 2- Quantidade de estudantes de Domingos Martins/ES em cada oferta da LEdoC/UFES

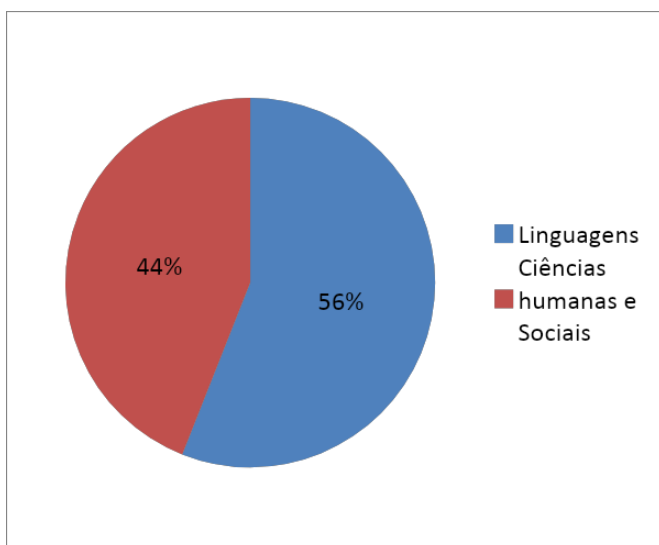
Oferta / Ano	Nº de estudantes matriculados/ por turma	Nº de estudantes provenientes de Domingos Martins/ES	Número de estudantes da LEdoC/UFES que responderam a entrevista de acordo com cada oferta do curso	Estudantes Concludentes	Estudantes Concludentes provenientes de Domingos Martins/ES
1ª oferta 2014/02	07 - CHS 07 - LG	02	00 – CHS 00 - LG	14	02
2ª oferta 2015/02	27 - CHS 24 - LG	10	02 – CHS 05 - LG	51	06
3ª oferta 2016/02	31 - CHS 40 - LG	20	03 – CHS 08 - LG	-----	-----
5ª oferta 2018/01	21 - CHS 29 - LG	18	00 - CHS 01 – LG	-----	-----
6ª oferta 2019/01	29 - CHS 27 - LG	06	04 – CHS 00 - LG	-----	-----
7ª oferta 2020/01	29 - CHS 37 - LG	11	02 – CHS 00 - LG	-----	-----

Fonte: Dados cedidos pela Secretaria da LEdoC/ Campus de Goiabeiras – organização da pesquisadora.

Percebemos um número expressivo de estudantes em cada oferta da LEdoC/UFES provenientes do município de Domingos Martins.

Esta pesquisa possui como um dos seus objetivos específicos, conhecer a trajetória dos sujeitos que cursaram a LEdoC e que atuam na rede municipal de ensino, provavelmente neste momento, histórias de colegas que iniciaram esta caminhada e que por algum motivo precisaram interromper poderão vir à tona e ajudarão a elucidar tais estatísticas. Outra questão importante a ser entendida é sobre os processos que o município realiza para a contratação de seus profissionais e como a Licenciatura em Educação do Campo está inserida.

No gráfico abaixo, demonstramos a área de conhecimento que cada entrevistado escolheu ao se inscrever no processo seletivo da LEdoC/UFES. Fica evidente que a maioria escolheu a área das linguagens:

GRÁFICO 4 - Área de conhecimento

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

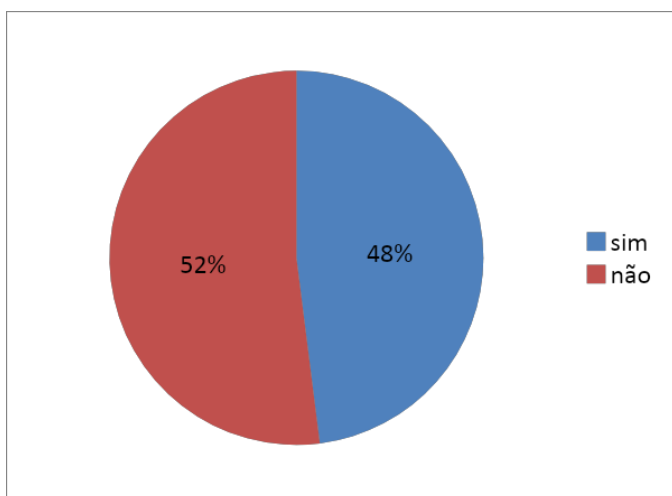
Dentre os entrevistados, 56% (cinquenta e seis por cento) escolheram a área das Linguagens (LG) que compreende: Expressão Oral e Escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura e Educação Física e 44% (quarenta e quatro por cento), a área das Ciências Humanas e Sociais (CHS), englobando História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

A docência multidisciplinar por área de conhecimento permite que os estudantes, ao concluírem o curso, estejam aptos a atuar no conjunto de disciplinas pertencentes ao campo da área de conhecimento escolhida e não em uma única disciplina como ocorre com as demais licenciaturas. Tal vivência contribui no sentido de existir um profissional na escola do campo habilitado a fim de realizar um trabalho que na maioria ele faz sem a devida formação (COSTA, 2012). A possibilidade de assumir mais de um componente curricular também favorece a este profissional, na dedicação de forma integral a uma única unidade escolar, evitando assim que este percorra longas distâncias entre várias escolas em um só dia.

Também é importante demonstrarmos a participação dos entrevistados em Movimentos Sociais, pois uma das características dessa política pública de formação de educadores, a LEdoC, entre outras é a vinculação com a classe trabalhadora do campo e com os movimentos sociais e sindicais do campo. Conforme nos afirma Molina (2015, p. 156), é preciso compreendermos que:

Para que estas graduações possam cumprir os desafios para os quais foram desenhadas, como por exemplo, contribuir para formar educadores do campo capazes de promover a vinculação das Escolas do Campo com as lutas dos sujeitos camponeses para permanecer nestes territórios, esta presença dos Movimentos Sociais é imprescindível (MOLINA, 2015, p. 156).

GRÁFICO 5 - Participação em Movimentos Sociais



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Percebemos que em sua maioria não participam ainda de movimentos sociais, o que corresponde a 52% (cinquenta e dois por cento) e 48% (quarenta e oito por cento) dos entrevistados participam.

É necessário inserir os estudantes desta licenciatura num processo que os desperte para as dimensões da política e de como funcionam as contradições da sociedade para que compreendam e assumam as lutas históricas do campo e os processos de educação empreendidos coletivamente, percebendo as lutas que nos desafiam no presente e no futuro, porém sem nunca esquecer as lutas de nossos antepassados.

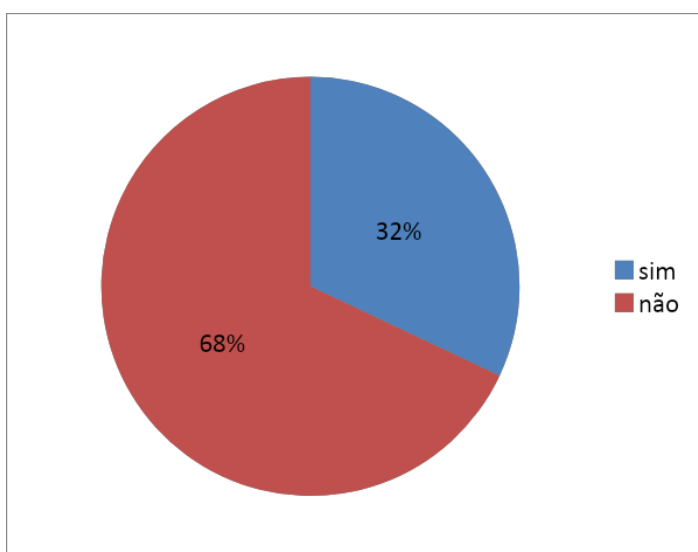
Por isso, a importância da militância e do entendimento de que a Educação do Campo trata dos sujeitos do campo, de sua realidade e de suas especificidades. A consciência do dever militante é a sabedoria que afasta a ignorância e a ingenuidade das relações sociais e políticas. As relações humanas entre homens e mulheres são apreendidas na pertença cotidiana à organização e no fazer do próprio destino (BOGO, 2012, p. 479).

Os movimentos citados foram: 03 (três) fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), 01 (um) da Associação de moradores e agricultores de Alto Paraju (AMALPAR), 01 (um) do Conselho Municipal de Educação (CME) e do Conselho Fiscal do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), 04 (quatro) do Conselho Escola/Associação Escola Comunidade (AEC) das unidades escolares, 01 (um) da Associação de Mulheres Esperança no Campo e Equipes da Igreja Católica, 01 (um) da Associação para o Desenvolvimento Comunitário de Boa Esperança (Adecobes) em Marechal Floriano/ES e da Cooperativa de

Empreendedores Rurais de Domingos Martins/ES (COOPRAM), 01 (um) do Comitê Intermunicipal de Educação do Campo de Domingos Martins/ES e Marechal Floriano/ES, 01 (um) do Conselho de Cultura de Domingos Martins/ES e da Associação de Produtores Rurais da Comunidade de São Bento, 01 (um) da Comissão Pedagógica da Auto-organização da LEdoC/UFES.

A seguir apresentamos quantos entrevistados já concluíram o curso da LEdoC/UFES:

GRÁFICO 6 - Conclusão do curso



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Do total de entrevistados, 32% (trinta e dois por cento) já concluíram o curso, o que corresponde a oito profissionais.

Desses, 04 (quatro) são docentes nos anos finais do ensino fundamental, 01 (um) é gestor escolar de uma escola de ensino fundamental e 02 (dois) são docentes nos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola multisseriada, todos atuando em escolas da rede municipal de Domingos Martins/ES distintas e nos diversos distritos. 01 (um) dos entrevistados atualmente está lotado na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo na função de assessor de programa cultural, mas possui experiência na educação.

Assim identificamos os sujeitos dessa pesquisa levando em consideração as particularidades desta licenciatura, iremos trabalhar com todos os entrevistados que trabalham nos anos finais do ensino fundamental – 4 (quatro) docentes e 1 (um) gestor escolar. Como os sujeitos selecionados são todas do sexo feminino, 5 (cinco) mulheres, a partir de agora usaremos o termo egressas.

Todas as egressas são do Campus Goiabeiras/UFES, da turma do Edital 2015/02, as turmas desse ano não se nomearam, a conclusão do curso se deu em 2019. Quatro delas optaram pela área das Linguagens e uma pela área das Ciências Sociais e Humanas. Duas egressas já eram professoras antes da LEdoC, com graduações em História e Pedagogia. Para as demais, a licenciatura em educação do campo é a primeira graduação e começaram a dar aula após o quinto período. Apenas uma das egressas se dedica a outras funções além do magistério, ajuda nas atividades agropecuárias da pequena propriedade da família. Três egressas fazem parte de movimentos sociais de suas comunidades: Associação de Mulheres Esperança no Campo, Equipes da Igreja Católica, Conselho de Cultura de Domingos Martins/ES, Associação de Produtores Rurais da Comunidade de São Bento e Conselho Escola/Associação Escola Comunidade (AEC) das unidades escolares onde atuam.

As LEdoC'anas²⁶ atuam nas escolas da rede municipal de Domingos Martins, nos anos finais do ensino fundamental com as disciplinas de Arte - duas egressas, com História e Geografia - duas egressas e uma é gestora escolar. Conjecturando que os egressos estejam preparados para atuarem nos anos finais do ensino fundamental, com a docência no campo e com a gestão de processos educativos e comunitários, com essa amostragem será possível analisar se esta licenciatura contribui ou não com a educação campesina de Domingos Martins/ES.

²⁶ Por se tratar de cinco egressas da Licenciatura em Educação do Campo, usaremos o termo LEdoC'anos assim: LEdoC'anas para denominá-las.

3. INTERLOCUÇÃO COM A PRODUÇÃO ACADÊMICA

“A Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mais um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados.”

Paulo Freire

De acordo com Freire (1979) em sua obra “Extensão ou Comunicação”, somos seres-com-os-outros, não há pensamento isolado, estamos em permanente diálogo uns com os outros e a partir disso, novos conhecimentos serão gerados. Imbuídos desse pensamento, propomos ao longo dessa pesquisa um diálogo sobre os seguintes conceitos e com os teóricos: intelectuais orgânicos (Gramsci); educação, diálogo e cultura (Freire, Arroyo e Brandão); educação do campo e licenciatura em educação do campo (Caldart e Molina); formação de professores (Freire e Gerke) e parcerias interinstitucionais (Foerste).

Pensar em Educação é refletir sobre os sujeitos que nela estão envolvidos, ou seja, sobre o processo de ensino e aprendizagem e o perfil de quem nela atua. Segundo Saviani (2012, p.81) “a educação também é um ato político”, não existindo a neutralidade, Freire (1996, p.57) destaca visões antagônicas da educação: a “educação bancária” tem como objetivo acomodar o estudante em sua realidade, eliminando sua capacidade crítica, já a “educação problematizadora” inquieta e leva o estudante a ação, despertando a sua consciência crítica. Mediante a isso é necessário que o educador afirme qual a sua concepção de educação para assim pensar sua ação frente aos educandos.

Muitos são os desafios encontrados para a efetivação de uma educação que pense as especificidades múltiplas que existem no espaço do Campo. Nesse contexto, temos a Educação do Campo que nasce junto às lutas sociais por políticas educacionais que atendam os povos do campo. De acordo com Caldart (2002, p.152),

a realidade que deu origem a este movimento por uma educação do campo é de violenta desumanização das condições de vida no campo. Uma realidade de injustiça, desigualdade, opressão, que exige transformações sociais estruturais e urgentes. Os sujeitos da educação do campo são aquelas pessoas que sentem na própria pele os efeitos desta realidade perversa, mas que não se conformam com ela. São os sujeitos da resistência no e do campo: sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente, sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária, sujeitos da luta por melhores condições de trabalho e pela identidade própria desta herança, sujeitos da luta pelo direito de continuar a ser indígena e brasileiro, em terras demarcadas e em identidades de direitos sociais respeitados, e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas, pedagógicas (...).

Apontando para a perspectiva de entendimento nesse discurso, sobre as contribuições dos movimentos sociais camponeses e manifestações populares para a Educação do Campo, é fundamental nos direcionarmos para as especificidades do espaço campestino, hoje visto como espaço da diversidade cultural, econômica, social, étnico-racial e política.

Nesse sentido, entendemos a Educação do Campo como uma proposta baseada nos saberes dos povos campestinos, na experiência, na luta por políticas públicas e pelo reconhecimento de que é possível aprender num conjunto heterogêneo e multicultural, que é o ambiente campestino. Deste modo, conceber a educação que respeite essa diversidade só é possível considerando-a como uma forma de contribuir para o desenvolvimento humano.

A busca da qualidade de ensino na formação básica voltada para a construção da cidadania exige necessariamente, um cuidado especial com a formação inicial e continuada dos profissionais com um olhar crítico. Pois, tendo em vista o atual contexto das reformas educacionais, que visam impor à sociedade normas e procedimentos que vão na contramão de um pensamento crítico e capaz de emancipar os sujeitos, trazendo um modelo de escola que perpetua a dicotomia de uma educação que diferencia os filhos das classes trabalhadoras e os filhos das elites.

Segundo Foerster (1996) o interesse dos dominantes por uma escola de mais qualidade articula-se a uma reestruturação do capital internacionalmente. Esse quadro coloca a Universidade desafios fundamentais na área da educação. A formação dos profissionais da educação se configura como uma opção que impulsiona as lutas pela construção de uma escola emancipatória, como parte de uma política de cultura em nível nacional. Ainda de acordo com o autor, a escola é um espaço em que professores e estudantes podem refletir criticamente sobre a realidade, construindo novos saberes e alternativas para os problemas cotidianos. Desse modo essas práticas pedagógicas possibilitam uma formação emancipatória.

A Educação do Campo é um projeto popular de desenvolvimento dos sujeitos que vivem do campo. Arroyo et al. (2004, p. 14) explicam que este projeto almeja uma educação que garanta o direito ao conhecimento, à ciência e à tecnologia socialmente acumuladas, mas também que contribua para a construção e afirmação dos valores, da cultura e identidades da diversidade que compõem o povo do campo. Para os autores:

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam.

Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo.

Para que a escola seja um lugar privilegiado de formação, de conhecimento, de respeito e valorização à cultura, aos valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos é preciso repensar a formação dos professores do campo de maneira que possam compreender e intervir na realidade a partir de sua totalidade.

Em 2018 comemoramos 50 anos da Pedagogia de Alternância em terras capixabas e em grande parte desse tempo, foi pensada e organizada para as escolas de ensino fundamental e médio. Uma realidade bem distante do ensino superior, apenas em 2008 e 2009, atendendo um chamamento do MEC para a oferta da Licenciatura em Educação do Campo, a UFES organiza e encaminha uma proposta e esse quadro começa a mudar.

A criação do curso de Licenciatura em Educação do Campo baseia-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Licenciatura²⁷ e é ofertado em regime de alternância entre Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC). Sua organização curricular prevê etapas semestrais, entre TU e TC, sendo coerente com os princípios da Educação do Campo, pois abrange os diferentes tempos e espaços formativos existentes na vida do campo e nas lutas dos sujeitos para a organização de seus territórios.

Segundo o PPC do curso de 2013 (UFES, 2013), essa alternância permite a dialética entre educação e experiência, oferecendo preparação específica para o trabalho pedagógico com as famílias e ou grupos sociais de origem dos estudantes, para liderança de equipes e para os projetos de desenvolvimento comunitário. Além disso, MOLINA e SÁ (2011) consideram a alternância como uma forma de evitar que o ingresso de jovens e adultos na Educação Superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo, bem como objetiva facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício nas Escolas do Campo.

Desse modo, as ações formativas desenvolvidas pelos estudantes nos espaços e tempos da Universidade e da Comunidade são mediadas por elementos que contribuem na materialidade da alternância para além da física e temporal. E ainda, possibilita a compreensão de formas de agir em diferentes espaços, tempos e situações. Cabe, portanto, a esta licenciatura, desenvolver posturas docentes que permitam a necessária dialética entre educação e experiência, entre rigor

²⁷PARECER CNE/CP 05/2005 e a Resolução Nº 1/2006 e 05/2006.

científico e a valorização dos conhecimentos produzidos pelos estudantes em suas vivências socioculturais (MOLINA E SÁ, 2012).

Portanto, a alternância é um regime que garante ao futuro docente o domínio das bases das ciências a que correspondem às disciplinas que compõem cada habilitação, mas compreende-se também que os fenômenos da realidade precisam ser estudados em toda a sua complexidade.

E é neste sentido que surge a Licenciatura em Educação do Campo, com projeto político pedagógico pensado a partir das lutas de classes do campo, defendendo a educação como um direito coletivo e social, pautando a formação docente comprometida com a construção de uma escola que seja capaz de contribuir para a transformação social da comunidade. Corroborando com esse entendimento, SANTOS (2018, p.50) explica que o surgimento e a criação desses cursos estão diretamente ligados aos movimentos sociais existentes e são resultados da conquista de uma formação inicial de educadores do campo atrelada às lutas camponesas.

De acordo com Villas Bôas (2011), o curso tem um público-alvo bem específico: quilombolas, trabalhadores rurais assentados ou acampados, professores do campo que moram na comunidade rural ou em cidades próximas e militantes de diversos movimentos sociais do campo brasileiro.

Para Caldart (2010), uma das principais contribuições da LEdoC às políticas de formação de educadores é o fato de a matriz formativa²⁸ dessas novas graduações ter-se desafiado, como pressuposto do perfil docente que se propôs a formar, a estabelecer qual a concepção de ser humano, de educação e de sociedade pretende desenvolver.

Diante do que dizem os autores, entendemos que a formação desses profissionais não começa nem termina no curso de graduação, mas tem início na sua história de vida, na sua relação com os Movimentos Sociais e na sua experiência profissional, que culmina na Universidade e se estende ao longo da sua prática social nos diferentes processos formativos. É importante que o docente formado esteja em constante exercício da sua militância política e social com relação à Educação do Campo e a toda a sociedade.

A partir da elaboração do problema e dos objetivos propostos para esta pesquisa, fez-se necessário conhecermos o que já vem sendo produzido sobre o tema. Esse movimento é de

²⁸De acordo com Molina e HAGE (2015, p. 141), a matriz formativa desenvolvida pela Licenciatura em Educação do Campo apresenta a intencionalidade pedagógica de formar um educador capaz de compreender a totalidade dos processos sociais nos quais se inserem sua ação educativa.

fundamental importância, pois analisando as produções acadêmicas teremos a possibilidade de encontrar concepções e metodologias que posteriormente nos permitirão dialogar com os pesquisadores que discutem sobre a temática em estudo e suas identidades teóricas.

Para isso, realizamos um levantamento da produção acumulada existente acerca do assunto no Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo, no Banco de Dados da Capes, na Revista Brasileira em Educação do Campo, no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino e na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação.

3.1 PRODUÇÃO ACUMULADA DO GRUPO DE PESQUISA CULTURAS, PARCERIAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Esse levantamento será realizado a partir do artigo (em prelo) “O grupo de pesquisa Cultura, Parcerias e Educação do Campo: 10 anos de produção acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE/UFES. Os autores Adriano Ramos Souza; Eduardo Carlos Souza Cunha; Eucinéia Regina Müller, contribuíram para que o levantamento dos dados apresentados fosse realizado de forma sistematizada.

O Grupo de pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo estabelece em seus estudos inúmeras problemáticas sobre territórios, povos, saberes, movimentos sociais, sustentabilidade, parceria interinstitucional e uma frente de pesquisa que se destaca no referido grupo é a formação inicial e continuada de professores. Das trinta produções encontradas no período de 2006 a 2016, onze abordam diretamente o tema, as outras trazem implicitamente o assunto.

Os critérios adotados para selecionar essas produções acadêmicas foram os conceitos que abordam: Educação do Campo, Formação de Professores, Práxis e Parceria. Esses apresentam contribuições mais peculiares em nosso estudo, conforme a seguinte tabela.

Tabela 3 - Produção Acumulada do Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo - PPGE/UFES

Bibliografias selecionadas conforme as palavras-chaves			
Palavras-chaves:	Publicações encontradas	Publicações Selecionadas	Textos que serão lidos na íntegra
Educação do Campo Formação de professores	30	04	04
Publicações relacionadas ao tema lidas na íntegra			
Autores (as)	Títulos	Tipo/Ano	
KLEIN, Sonia Francisco	EDUCAÇÃO DO CAMPO: um estudo sobre cultura e currículo na escola municipal de ensino fundamental Crubixá - Alfredo Chaves - Espírito Santo.	Dissertação. UFES, 2013.	
HEHR, Roseli Gonoring	PRODUÇÃO ESCRITA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: um estudo de caso em uma escola de ensino fundamental do município de Domingos Martins-ES.	Dissertação. UFES, 2015.	
NICKEL, Mônica	FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS – ES.	Dissertação. UFES, 2016.	
JESUS, Janinha Gerke de	SENTIDOS DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO NA VOZ DO PROFESSOR DO CAMPO.	Tese. UFES, 2014.	

Fonte: Livro *Culturas, Parcerias e Educação do Campo (em prelo)* – organizado pela pesquisadora.

A dissertação intitulada *EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM ESTUDO SOBRE CULTURA E CURRÍCULO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CRUBIXÁ - ALFREDO CHAVES – ESPÍRITO SANTO* (KLEIN, 2013), subsidiada no referencial teórico de Eagleton (2011), Foerste (2004), Forquin (1993), Freire (2011), Geertz (1989), Sacristán (2000) e Williams (2011), constrói as bases de reflexão sobre Educação do Campo, formação de educadores, cultura, currículo e trabalho colaborativo interinstitucional.

Considera que a educação do campo não é adaptação de conteúdos a realidade do campo dentro do currículo e sim a problematização da realidade vivida, a

escola do campo deve possibilitar o diálogo entre culturas e saberes, precisa interagir com o contexto social, cultural local e global, além de considerar as especificidades culturais da realidade, com possibilidade da troca de saberes (KLEIN, 2013, p.193)

Aponta-nos a formação de educadores como um caminho para a mudança nesse contexto. Através desse movimento, os professores podem transformar sua práxis, com atenção especial para as diversidades culturais existentes no meio campesino, respeitando as multiplicidades de saberes e cultura dos sujeitos campesinos (KLEIN, 2013, p.192).

A próxima dissertação para análise, Hehr (2015) com o título de PRODUÇÃO ESCRITA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: um estudo de caso em uma escola de ensino fundamental do município de Domingos Martins-ES, explana as situações de opressão na Educação do Campo com Freire (2013) e Arroyo (2007), Bakhtin (2010, 2013) e Geraldi (2013) conduzem a análise das práticas escolares de produção escrita e Candau (2012), para os diálogos sobre interculturalidade.

A pesquisa evidencia a Educação do Campo como direito dos estudantes de serem respeitados e reconhecidos em seu contexto de vida e de conhecerem e dialogarem com outras realidades e culturas. Ressalta a formação de professores ofertada pela Secretaria Municipal de Domingos Martins/ES em parceria com a Universidade Federal do Espírito, que com sensibilidade às demandas educacionais e sociais de um município, que se caracteriza por um território essencialmente campesino, ao elencar como diretriz a Educação do Campo registra mudanças positivas nos índices de demanda de fluxo de sua rede (HERH, 2015, p. 133).

A terceira dissertação, com o título FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS – ES (Nickel, 2016), através dos referenciais teóricos Freire 2005; 2011a e 2011b; Vazquez 2007; Arroyo 1999 e 2007; Candau 2001 e 2003 e Foerste 2005; FUSARI 1988; Marin 1995 discute dimensões sobre a prática da educação do campo, da formação continuada de professores e sobre parceria.

A autora propõe que a formação de professores rompa com o modelo tradicional e descontextualizado que na maioria das vezes é realizada. Nos instiga a pensar a formação com os sujeitos e não para os sujeitos, é necessário que estejam inseridos nas discussões e planejamento. Portanto,

a formação continuada surge como uma proposta essencial para o desencadeamento de mudanças na prática pedagógica, implicando, conseqüentemente, na melhoria do

trabalho docente e instigando o professor a refletir sobre a sua prática e aperfeiçoá-la constantemente. (NICKEL, 2016, p.53)

Compreende e reconhece a importância histórica da luta empreendida pelos movimentos sociais em prol do direito a Educação dos povos camponeses, mas para a realidade de Domingos Martins/ES,

defendemos uma Educação do Campo que surge a partir da interlocução com os diferentes contextos e sujeitos para a promoção o diálogo e a transformação social. Queremos uma Educação do Campo enquanto direito e que respeite a multiplicidade de saberes que existe neste contexto. (NICKEL, 2016, p.92)

A última produção a ser analisada do grupo de Pesquisa, é a tese de Gerke (2014) com o título SENTIDOS DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO – Na Voz do Professor do Campo, através dos teóricos Vigotski (2005), Benjamin (1994), Larrosa (2002), Bertaux (2010) e Josso (2002) discute os sentidos da formação docente na profissionalização de professores camponeses.

Gerke (2014) nos instiga a pensar a formação continuada de professores do Campo como uma especificidade necessária sem, contudo, cair no isolamento. “Defender a especificidade sem cair no isolamento é reconhecer a pluralidade e dialogar com a diferença, contrapondo-se a discursos que legitimam um único caminho pedagógico para a educação do campo” (GERKE, 2014, p. 62).

Todo esse conhecimento acumulado contribui com a pesquisa, visto que estamos inseridos em uma sociedade capitalista e a educação muitas vezes é planejada atendendo as suas necessidades mercadológicas, nesse sentido a discussão sobre a formação de professores é urgente e necessária, oportunizando um aprender a pensar e a agir a partir das reflexões coletivas.

3.2 PRODUÇÃO ACUMULADA NO BANCO DE DADOS DAS CAPES (TESES E DISSERTAÇÕES):

Proseguimos com a busca sobre as produções acadêmicas existentes no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (CAPES), como critério escolhemos os trabalhos com os descritores voltados a Licenciatura em Educação do Campo, Egressos da LEdoC, Práxis e Formação de Professores, com um levantamento quantitativo e depois uma análise qualitativa. Os resultados obtidos por esses pesquisadores contribuirão com o desenvolvimento dessa pesquisa.

Tabela 4 - Produção Acumulada do Banco de Dados da Capes - Teses e Dissertações

Bibliografias selecionadas conforme as palavras-chaves			
Palavras-chaves:	Publicações encontradas	Publicações Selecionadas	Textos que serão lidos na íntegra
Licenciatura em Educação do Campo Formação de professores	10	05	05
Publicações relacionadas ao tema lidas na íntegra			
Autores (as)	Títulos	Tipo/Ano	
TRINDADE, Antenor Carlos Pantoja	Representações Sociais de Egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPA: formação e atuação no contexto social do campo	Dissertação UFPA, 2016	
GONCALVES, Michelle Bocchi	Performance, Discurso e Educação: (re)construindo sentidos de escola com professores em formação na Licenciatura em Educação do Campo – ciências da natureza	Tese UFPA, 2016	
SARMENTO, Consuelem da Silva	A Formação Profissional de Egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (UFRR): desafios da profissão na contemporaneidade	Dissertação UFRR, 2018	
MELO, Patricia Sara Lopes	Construção Identitária Profissional Docente na Educação do Campo: produção de narrativas no ensino superior	Tese FUFPI, 2018	
GONCALVES, Micheli Suellen Neves	Gênero e Formação Docente: análise da formação das mulheres do campo do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.	TESE UNB, 2019	

Fonte: Banco de Dados da Capes 2020 – organizado pela pesquisadora.

O primeiro trabalho a ser analisado é a dissertação intitulada “Representações Sociais de Egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPA: Formação e atuação no contexto social do campo” (TRINDADE, 2016), o estudo estabelece reflexões sobre as Representações Sociais de oito egressos da Licenciatura sobre a formação docente no curso e sua relação com a atuação docente no contexto social do campo. Os resultados encontrados apontam que os egressos reconhecem a importância do curso na região por ter oferecido uma formação para além das expectativas esperadas, uma formação crítica, política, a valorização da cultura local e a preparação para atuar nas escolas do campo e na comunidade.

O segundo trabalho é a tese “Performance, Discurso e Educação: (Re)Construindo Sentidos de Escola com Professores em Formação na Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza” (GONÇALVES, 2016) que tem como objetivo compreender os sentidos atribuídos à escola por professores em formação por meio de um processo de experimentações performáticas vivenciado na Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná. Os acadêmicos foram convidados a realizar, durante o Tempo Comunidade, produções audiovisuais e narrativas escritas sobre o processo da pesquisa, tendo como foco a (re)construção dos sentidos de escola, em uma perspectiva performático-discursiva, pela qual práticas corporais e de escrita são consideradas como performance.

Os resultados apontam para sentidos relacionados à memória discursiva escolar e às formações imaginárias de uma escola hierarquizada e permeada por relações de poder. Ao mesmo tempo, os sujeitos apontam para uma escola que, enquanto professores em formação, querem transformar, por uma perspectiva localizada espaço-temporalmente em futuro utópico, porém possível. O estudo apresenta, ainda, a triangulação entre Performance, Discurso e Educação como possibilidade de se pensar uma dimensão pedagógica ético-estética, por meio da qual a ação corporal se configure enquanto ação de resistência dos sujeitos para com a sua realidade, na sua comunidade e no seu processo de formação docente.

A dissertação intitulada “A Formação Profissional de Egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (UFRR): Desafios da Profissão na Contemporaneidade” (SARMENTO, 2018) o estudo tem como objeto a trajetória formativa dos egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (LEDUCARR/URR) e seu objetivo central constitui em entender os desafios da profissão docente dos egressos na contemporaneidade. Os resultados obtidos a partir da história oral, constatou-se a importância da Licenciatura em Educação do Campo como efetivação de

políticas públicas para a formação dos sujeitos do campo, pois trata-se de um sonho para maioria dos respondentes da pesquisa.

A tese sob o título “Construção Identitária Profissional Docente na Educação do Campo: Produção de Narrativas no Ensino Superior” (MELO, 2018) apresenta como tema a construção identitária profissional docente no curso de Licenciatura em Educação do Campo, e traz como problema de pesquisa saber: Como acontece a construção identitária profissional dos docentes atuantes na Licenciatura em Educação do Campo? Seu objetivo geral: Investigar a construção identitária profissional do docente que atua na Licenciatura em Educação do Campo, no contexto do semiárido piauiense.

Realizou-se uma revisão de literatura sobre a Educação do Campo e a construção identitária que fundamentasse as discussões, apoiando-se em alguns teóricos e em documentos oficiais que discutem essas temáticas: Bauman (2005); Brasil (2007; 2015); Caldart (2009); Dubar (2009); Hall (2014); Kaufmann (2004); Leite (2002); Silva (2014) e outros. Esta pesquisa se apresenta como referência para permanentes discussões em torno da construção identitária na Educação do Campo. Constatou-se que as experiências adquiridas no Curso, através da mobilização de saberes camponeses e da realização do Tempo Comunidade contribuem para a construção identitária profissional docente.

A última tese a ser analisada e a mais recente, “Gênero e Formação Docente: Análise da Formação das Mulheres do Campo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará” (GONÇALVES, 2019) aborda como temática a formação das mulheres do campo e adota como *locus* de pesquisa o Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Como objetivo geral buscou analisar a experiência formativa ofertada pelo Curso de LPEC/UNIFESSPA, com vistas a identificar os riscos e potencialidades para a consolidação de um projeto de formação emancipadora para as mulheres do campo.

Nos resultados, concluiu-se que as mulheres pertencentes a territorialidade do campo, mesmo inseridas em um contexto de gênero em que o patriarcalismo, o racismo e o capitalismo constituíram circuitos interligados de dominação e influenciam diretamente as relações sociais, construíram movimentos de transgressões e (re)existências durante sua formação na LPEC/UNIFESSPA, driblaram a ausência de políticas públicas e jornadas extenuantes de

trabalho e consolidaram um processo de conscientização de classe e lutas feministas que produziram reflexos nos diversos níveis da vida social.

Destaca que para a transformação deste cenário, é necessário que as políticas de assistência estudantil, bem como a organização político-pedagógica dos cursos superiores, construam a compreensão de que as relações de assimetria de gênero presentes na trajetória dessas mulheres não são problemas individuais, devem ser tratados como um assunto coletivo, institucional, um dever humanitário diante de uma sociedade patriarcal, desigual e opressora da condição feminina.

3.3 PRODUÇÃO DE DADOS ACUMULADOS: REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO- RBEC

Realizada de forma coletiva na “Pesquisa em Rede”, foi elaborado um levantamento das produções com a palavra-chave: LEdoC, com um recorte temporal entre o período da primeira publicação da revista RBEC em 2016 até a presente data (primeiro semestre de 2020). O critério adotado aqui foi conhecer a produção existente que aborda diretamente a Licenciatura em Educação do Campo no Estado do Espírito Santo, pois é o foco principal destas pesquisas.

Tabela 5 - Produção Acumulada da Revista Brasileira de Educação do Campo (RBEC)

Bibliografias selecionadas conforme as palavras-chaves			
Palavras-chaves:	Publicações encontradas	Publicações Selecionadas	Textos que serão lidos na íntegra
Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)	14	02	02
Publicações relacionadas ao tema lidas na íntegra			
Autores (as)	Títulos		Tipo/Ano

COSTA, Eliane Miranda	Licenciatura em Educação do Campo: Intencionalidades da formação docente no Marajó	2016 Volume único
SOUZA, Daniele Cristina; KATO, Danilo Seithi; PINTO, Tânia Halley Oliveira	A licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Triângulo Mineiro: território de contradições	2017 Volume 2 N1
LUIZ, Miriã Lúcia; ALCÂNTARA, Regina Godinho	Os processos formativos dos estudantes da LEC/UFES: um olhar com/pelos Cadernos da Realidade	2017 Volume 2 N 1
AZINARI, Amanda Pereira da Silva; PERIPOLLI, Odimar João	Uni-versidademulti-versa? Reflexões sobre a formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia do Campo no distrito de Caramujo, Cáceres/MT	2017 Volume 2 N 2
ALBUQUERQUE, Ronald de Figueiredo; PÁSSARO, Eloisa Rodrigues; FIGUEIRÊDO, Tatiane de Araújo	Educação do Campo: percalços na construção do curso de licenciatura em Educação do Campo na Universidade Regional do Cariri	2017 Volume2 N 2
BEGNAMI, João Batista; HIRATA, Aloísia Rodrigues; ROCHA, Luiz Carlos Dias da	Licenciatura em Educação do Campo – Área Ciências Agrárias no IFSULDEMINAS/Campus Inconfidentes	2018 Volume 3 N 2
D'ÁVILA, Jorge Luis	Política de expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios para a implantação do Programa Nacional de Educação do Campo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	2018 Volume 3 N 2
SILVA, Diego Gonzaga Duarte da; SILVA, Lourdes Helena da	Licentiate Degree in Rural Education: contributions to training monitors of Agricultural Family Schools	2018 Volume 3 N 3

SAUL, Tamine Santos; RODRIGUES, Ricardo Antonio; AULER, Neiva Maria Frizon	A Pedagogia da Alternância nas licenciaturas em Educação do Campo: olhar sobre as produções acadêmicas.	2019 Volume 4
ALVES, Maria Zenaide, FALEIRO, Wender	Interdisciplinaridade na formação de professores em uma LEdoC: desafios de ensinar e aprender	2019 Volume 4
LOPES, Sérgio Luiz	Interfaces ambientais na Licenciatura em Educação do Campo: uma análise da proposta pedagógica	2019 Volume 4
BRITO, Márcia Mariana Bittencourt; MOLINA, Mônica Castagna	Reflexões sobre os egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília: os elementos para “Transformar (ação) Pedagógica” na Educação Superior	2019 Dossiê Temático: Políticas para a educação e a diversidade sociocultural
CAMPOS, Dulcinéia; FRANÇA, Dalva Mendes; SANTANA, Valmere	A organização curricular em alternância nos cursos de formação de professores: PRONERA e Licenciatura em Educação do Campo.	2019 Dossiê Temático: 50 anos da Alternância no Brasil
TEIXEIRA, Antonio Marcos Dalmolin; GARCIA, Rosane Nunes	Licenciaturas em Educação do Campo da área de Ciências da Natureza: análise da produção em periódicos nacionais.	2020 Volume 5

Fonte: GT- Pesquisa em Rede (GTPR/2020).

Para a análise dos artigos publicados, dos 14 (quatorze) trabalhos encontrados, a pesquisa se ancora nas escritas que abordam diretamente a Licenciatura em Educação no Estado do Espírito Santo.

Em 2017, as autoras Miriã Lúcia Luiz e Regina Godinho Alcântara, descrevem sobre “Os processos formativos dos estudantes da LEC/UFES: um olhar com/pelos Cadernos da Realidade”. O artigo apresenta dados parciais do projeto de pesquisa sobre a produção dos saberes dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Espírito Santo e seus processos formativos, tomando como fonte para a pesquisa o

Caderno da Realidade, que é o instrumento principal no processo metodológico da Pedagogia da Alternância.

Os Cadernos foram analisados para a compreensão dos processos formativos dos estudantes, trazendo vozes a qual vai tecendo e produzindo enunciados, não numa relação monológica e limítrofe, em uma perspectiva dialógica e dialética. Como resultados da pesquisa foi evidenciado estudos realizados no Tempo-Universidade e Tempo-Comunidade no sentido da alimentação mútua e fértil desses momentos, visando à qualificação da formação docente.

O segundo artigo, veio na edição do “Dossiê Temático: 50 anos da Alternância no Brasil” em 2019, os autores: Dulcinéa Campos, Dalva Mendes de França e Valmere Santana, publicam o artigo intitulado “A organização curricular em alternância nos cursos de formação de professores: PRONERA e Licenciatura em Educação do Campo”, que traz reflexões sobre os princípios teórico-metodológicos que orientam a organização curricular em alternância da Licenciatura em Educação do Campo. Também, analisa como esses preceitos, materializados no trabalho pedagógico do curso em alternância, podem servir de parâmetro para a construção de uma nova referência de escola.

Pontuando resultados que sinalizam a proposição de uma organização curricular em alternância na Licenciatura em Educação do Campo, voltada para um ensino coerente com o método dialético de interpretação da realidade, confere aos professores as ferramentas necessárias para repensar e transformar a configuração escolar existente no campo.

3.4 PRODUÇÃO DE DADOS ACUMULADOS: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – ENDIPE

Realizada de forma coletiva na “Pesquisa em Rede”, foi elaborado um levantamento das produções com a palavra-chave: Licenciatura em Educação do Campo. Como critério, estabelecemos um recorte temporal entre 2008 até 2018, que se justifica pela criação da LEdoC no Brasil e a realização do evento ser bianual. Em 2020 será realizado de 14 a 17 de julho na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, com o seguinte tema: XX ENDIPE – “Fazeres-Saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas”.

Tabela 6 - Produção acumulada do Evento Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe)

Bibliografias selecionadas conforme as palavras-chaves			
Palavras-chaves	Publicações encontradas	Publicações selecionadas	Textos que serão lidos na íntegra
Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC	18	08	08
Publicações relacionadas ao tema lidas na íntegra			
Autores (as)	Títulos	Instituição	Tipo/Ano
SÁ, Laís Maria Borges de Mourão MOLINA, Mônica Castagna	Desafios e Perspectivas na formação de educadores: reflexões a partir da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade de Brasília	UnB	2010
ROCHA, Maria Isabel Antunes	Desafios e Perspectivas na formação de educadores: reflexões a partir da Licenciatura em Educação do Campo desenvolvidas na FAE/UFMG	FAE/UFMG	2010
LIMA, Maria Emília Caixeta da Castro	Uma formação em ciências para educadores do campo e para o campo numa perspectiva dialógica	UFMG	2010
MENEZES, Marly Cutrim de	Experiências e Desafios das Licenciaturas em Educação do Campo no Maranhão	UFMA	2014
SILVA, Márcia Cristina Lopes e	Formação em área e conhecimento na Licenciatura em Educação do Campo PROCAMPO/Campus de Castanhal/IFPA	UFC	2014
MARTINS, Maria de Fátima Almeida	Alternância e Formação na Licenciatura em Educação do Campo	UFC	2014

SILVA, Hellen do Socorro de Araujo	Ensaio sobre Educação Superior do Campo: Contextualização das Licenciaturas em Educação do Campo	UFPA	2014
MOLINA, Mônica Castagna	Licenciatura em Educação do Campo: Desafios à formação de educadores e à transferência da Escola do Campo: Reflexões a partir das turmas da Universidade de Brasília	UnB	2014
FERREIRA, Maria Jucilene Lima	Processos didáticos na formação de educadores, indagando os trabalhos pedagógicos na escola do campo	UNEB/DED C-X	2016
CUNHA, Maria Bernadete de Melo GONZALEZ, Isadora Melo	Formação de professores/professoras do campo utilizando os complexos temáticos	UFBA	2016
ALVES, Gisele Morilha BOLSON, Hildete Pereira da Silva	Educação do Campo: Políticas públicas e formação docente	UCDB	2016
MELZER, Erick Eduardo Martins	O diálogo de saberes na licenciatura em Educação do Campo da UFPR Litoral	UFPR	2016
SOUZA, Maria Antônia de	Escolas Públicas, formação continuada de professores e princípios da Educação do Campo	UTP UEPG	2016
KATUTA, Angela Massumi	Educação Popular, pensamento decolonial e formação inicial e continuada de professores da Educação do Campo	UFPR	2016
PIRES, Suely Maria CORREIA, Rosimeire Cardoso DINIZ, Eder Carlos Cardoso	Egressas da Licenciatura sob a lente da comunidade do Campo	SEDUC/OBE DUC SEMED IFRO	2016
PAIVA, Fabrícia Vellasquez	Diálogos de saberes: identidade memória docentes nos cadernos reflexivos da licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ	UFRRJ	2016

MELO, Patrícia Sara Lopes COSTA, Maria Lemos da	Tornar-se docente: A construção identitária o curso da Licenciatura em Educação do Campo da UFPI	UFPI	2016
ANGELO, Aparecida Aline KRUPPA, Sonia Maria Portella	Licenciatura em Educação do Campo: algumas questões para a formação a partir de uma pesquisa com egressos	FEUSP/ UFMA	2018

Fonte: GT- Pesquisa em Rede (GTPR/2020).

A pesquisa se ancora nas escritas que abordam diretamente a Licenciatura em Educação do Campo no Estado do Espírito Santo – UFES, que é o principal foco da pesquisa, porém neste evento nada foi publicado até o início de março/2020. Sendo assim, dos 18 (dezoito) artigos encontrados que versam sobre a LEdoC, analisamos aqueles que dialogam sobre a formação docente por entender que uma das finalidades desta licenciatura é formar educadores habilitados a fazer a gestão de processos educativos nas escolas do campo, contribuindo na diversidade de ações pedagógicas e na concretização da educação do campo como direito humano.

Em 2010, as autoras Mônica Castagna Molina e Laís Mourão Sá, apresentam os “Desafios e Perspectivas na Formação de Educadores: Reflexões a partir da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília”. Trata-se de uma experiência em desenvolvimento, pois ainda não houve tempo hábil para formatura de nenhuma turma, descrevem os processos que estão sendo implementados na UnB, cotejando-os com o devir da Escola do Campo, com utopias e projeções para o seu vir-a-ser.

Localizam o foco da descrição desta prática formativa em um ponto que reflete convergências e tensões na formação docente no âmbito da relação das estratégias de produção de conhecimento apreendidas e disseminadas comumente nos processos formativos. Encerram o texto afirmando que o projeto político pedagógico do curso está em permanente processo de transformação, de enriquecimento, de abertura para as demandas surgidas a partir das novidades acadêmicas e da formação por área de conhecimento, com a garantia de oferta e disponibilização de conhecimentos necessários à prática e ensino dos futuros educadores.

O segundo artigo, escrito por Maria Isabel Antunes-Rocha em 2010, também expõe os “Desafios e Perspectivas na Formação de Educadores: Reflexões a partir do Curso de Licenciatura em Educação do Campo desenvolvido na FAE/UFMG”. Descreve a estrutura geral, princípios políticos pedagógicos, alguns aspectos da estrutura curricular e de gestão do

curso de Licenciatura em Educação do Campo desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Sinaliza os desafios e possibilidades que o curso produz no sentido de possibilitar uma formação docente vinculada aos princípios e práticas da Educação do Campo. O texto traz a experiência com três turmas: 2005, 2008 e 2009, realizadas em parceria com sujeitos e instituições diferenciadas. Reflete em torno dos limites e possibilidades que tais experiências podem significar para a construção de um Projeto de Educação do Campo.

Conclui dizendo que os cursos têm caráter experimental, não existe uma proposta pronta, o que há é uma matriz curricular. A partir dela é possível discutir, rever e ampliar as possibilidades de construir o currículo como espaço/tempo de possibilidades de germinação, florescência, frutificação e produção de novas sementes. Tornando-se fonte de pesquisa e geração de conhecimentos quanto à formação docente no contexto educativo do campo brasileiro.

Passados quatro anos, Mônica Castagna Molina apresenta outro artigo, após a conclusão de três turmas da LEdoC da UnB. Intitulado “Licenciatura em Educação do Campo: Desafios à Formação de Educadores e à transformação da Escola do Campo: Reflexões a partir das turmas da Universidade de Brasília”, apresentando as principais características de uma política de formação de educadores do campo conquistada nas lutas pelo Movimento da Educação do Campo que se materializa nas Licenciaturas em Educação do Campo.

Destaca os principais desafios enfrentados na formação de educadores do campo e na promoção de ações e práticas pedagógicas que contribuem na materialização da chamada Escola do Campo. Conclui o texto chamando a atenção para a importância da presença e participação da comunidade camponesa do território no qual insere esta escola no seu interior, pois essa relação dá sentido à sua existência. Se estes sujeitos forem desterritorializados, pelo intenso avanço do capital no campo, esta escola deixará de existir, assim como o sentido e os esforços de construção de propostas específicas para formar educadores do campo.

Em 2016, Maria Jucilene Lima Ferreira nos apresenta o resultado do trabalho de pesquisa realizado entre os anos de 2012 a 2014 e dos estudos, debates protagonizados na linha de pesquisa Educação do Campo e Educação Ambiental, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Tendo como título “Processos didáticos na Formação de Educadores, indagando os trabalhos pedagógicos na Escola do Campo”, seu foco é a

formação de educadores e as implicações desta formação para o exercício da docência na Escola do Campo.

Os resultados apontam que as relações sociais e pedagógicas entre os processos formativos, na universidade, e o trabalho docente, na Escola do Campo, encontram possibilidades de se ressignificarem, de se superarem pela materialidade do trabalho coletivo entre os Educadores do Campo e os professores formadores, seja da universidade ou de outras instâncias sociais e educativas que se fizerem necessárias.

Neste mesmo ano, Maria Bernadete de Melo Cunha e Isadora Melo Gonzalez produzem o artigo “Formação de Professores/Professoras do Campo utilizando os Complexos Temáticos”. Os docentes formados no curso da licenciatura em Educação do Campo devem atuar com o conhecimento produzido pela humanidade, baseado no referencial teórico crítico, no sentido de contribuir para a superação do projeto histórico capitalista nas escolas do campo. Com base nisso, investigaram o último Tempo Escola considerado como o momento do retorno à prática social, quais eram os significados atribuídos ao Sistema de Complexos Temáticos (PISTRAK, 2008; 2009) na formação de professores no curso.

As autoras observaram através das sequências didáticas propostas e entrevistas realizadas pelos licenciandos da LEdoC da Universidade Federal da Bahia, que o Sistema de Complexos Temáticos foi parcialmente incorporado na práxis pedagógica desses sujeitos, mostrando a relevância da relação estabelecida, por eles, entre os conteúdos científicos-escolares e as questões sociais vinculadas à realidade das comunidades escolares.

O sexto artigo, escrito em 2016 por Gisele Morilha Alves e Hildete Pereira da Silva Bolson da Universidade Católica Dom Bosco/Mato Grosso do Sul, é nomeado “Educação do Campo: Políticas Públicas e Formação Docente”. As autoras apenas citam a criação do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO) em 2010, mas não fazem nenhuma reflexão ou consideração acerca do curso, pois as professoras pesquisadas são graduadas em Pedagogia.

Da Universidade Federal do Paraná/Setor Litoral, a autora Ângela Massumi Katuta, produz em 2016 o artigo “Educação Popular, Pensamento Decolonial e Formação Inicial e Continuada de professores da Educação do Campo”. Com caráter exploratório tem como referência investigações realizadas ao longo de 7 anos com educadores de escolas localizadas no campo e de licenciaturas em Educação do Campo. Reflete sobre as contribuições possíveis da educação

popular e do pensamento decolonial aos desafios da formação inicial e continuada destes profissionais.

Concluindo que a educação popular e o pensamento decolonial, em função de seus aportes teórico-práticos, teórico-metodológicos e epistemológicos constituem campo profícuo para elaboração de estratégias de enfrentamento dos desafios ligados à formação inicial e continuada de educadores do campo.

O último artigo a ser analisado, escrito em 2018 pelas autoras Aline Aparecida Angelo e Sonia Maria Portella Kruppa, ambas da Universidade de São Paulo, intitulado “Licenciatura em Educação do Campo: algumas questões para a formação a partir de uma pesquisa de egressos”. Apresentam dados de uma pesquisa de doutoramento, que busca analisar a trajetória de trabalho de egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, discutir a contribuição dessa formação e os desafios atuais dos egressos pelo reconhecimento dessa licenciatura nas políticas públicas educacionais.

Como primeiros resultados, pois a pesquisa ainda estava em andamento, as trajetórias de trabalho docente das egressas revelam tensões com a realidade da escola pública do campo com as políticas públicas locais e com as condições de trabalho muitas vezes adversas às expectativas apresentadas durante o processo de formação.

3.5 PRODUÇÃO DE DADOS ACUMULADOS: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO –ANPEd

Realizada de forma coletiva na “Pesquisa em Rede”, foi elaborado um levantamento das produções com a palavra-chave: Licenciatura em Educação do Campo. Mais uma vez, usamos como critério o recorte temporal entre 2008 até 2019, que se justifica pela criação da LEdoC no Brasil. Até 2012 as reuniões eram anuais e aconteciam sempre na cidade de Caxambu-MG. Contudo, a partir de 2013, passou a ser uma Reunião Nacional a cada dois anos, em cidades diferentes do país. Em 2019 foi realizado a 39ª Reunião Nacional, de 20 a 24 de outubro na Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói - Rio de Janeiro, com o seguinte tema: "Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências".

Foram pesquisados os Anais da ANPEd de 2008 até 2019, com enfoque no GTO3 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos. Com a palavra-chave “Licenciatura em Educação do

Campo”, foram encontrados somente 2 (dois) trabalhos, um na 38ª Reunião Anual em São Luís do Maranhão em 2017 e outro na 39ª Reunião Anual em Niterói – RJ, em 2019. Destaca-se o fato de que somente em 2017 vamos encontrar um trabalho citando a LEdoC.

Tabela 7 - Produção acumulada na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)

Bibliografias selecionadas conforme a palavra-chave			
Palavras-chave	Publicações encontradas	Publicações selecionadas	Textos que serão lidos na íntegra
Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC	02	02	02
Publicações relacionadas ao tema lidas na íntegra			
Autores(as)	Títulos	Instituição	Tipo/Ano
MORAES, Valdirene Manduca de SOUZA, Maria Antônia de	Movimentos Sociais, Governos e Universidades: a produção da LEDOC no Brasil	UNICENTRO UTP UEPG	2017
CREPALDE, Rodrigo dos Santos	Desafios e Potencialidades da Construção de Trabalhos de Conclusão de Curso na Alternância da Licenciatura em Educação do Campo da UFTM-MG	UFTM-MG	2019

Fonte: GT- Pesquisa em Rede (GTPR/2020).

Sendo assim, analisaremos os 02(dois) artigos encontrados que versam sobre a LEdoC.

Em 2017, as autoras Valdirene Manduca Moraes e Maria Antônia de Souza, apresentam os “Movimentos Sociais, Governos e Universidades: a produção da LEdoC no Brasil”. Analisam

a relação entre movimentos sociais, governos e universidades na produção da Licenciatura em Educação do Campo. O trabalho é fruto de pesquisa documental realizada no período de 2012 a 2016, com base nos editais, relatórios do Fórum Nacional da Educação do Campo, da Comissão Nacional de Educação do Campo e sínteses de seminários nacionais da LEdoC. A perspectiva teórica vincula-se ao debate sobre formação de educadores, considera o movimento contraditório vivido na produção da LEdoC e a concepção da educação do campo. Os resultados indicam: a) uma força social conservadora que está dispersa na sociedade, governos e universidades, que se põe contra os processos formativos da classe trabalhadora. b) uma força social oriunda de coletivos de trabalhadores que lutam manter processos formativos em perspectiva de emancipação humana. c) um movimento contraditório que propicia a origem de programas governamentais com vínculos com a classe trabalhadora, mas que no processo dificulta a finalização da formação, seja dentro das universidades, seja dentro da aparelhagem governamental no momento de ingresso na profissão. d) força jurídica com marcas conservadoras silenciando ou dificultando práticas voltadas para a transformação.

As autoras nos atentam para o momento de crise em que vivemos, comum ao capitalismo, para a necessidade de mobilização de todos os sujeitos comprometidos com o projeto social contra hegemônico. Além das questões educacionais, o coletivo do ENERA (2015) destacou a forte presença do agronegócio no campo, que tem ampliado conflitos e processos de expulsão de povos do campo.

Destacam ainda que os impasses centrais nesse processo formativo residem na institucionalidade governamental, tanto em universidades como em escolas públicas. Constatam que o maior desafio é realizar o idealizado em termos de concepção de mundo, sociedade, educação, escola e campo. A concepção de formação LEdoC propõe um trabalho pedagógico por área do conhecimento e as escolas que recebem os educandos, tanto para a realização dos estágios supervisionados, como docentes depois de formados, têm seus currículos organizados por disciplinas, além de equipes pedagógicas, muitas vezes, alheias ao debate da formação de educadores no Brasil.

Outro aspecto que merece destaque, segundo as autoras, é a alternância como concepção pedagógica na LEdoC, é reconhecida como uma possibilidade de estudos para os camponeses, essa forma de organização da educação surge da necessidade de um sistema de ensino que vise a superação da precariedade do ensino oferecido aos sujeitos do campo, a combinação entre dois tempos de aprendizagem distintos, Tempo Universidade – TU, períodos nos quais os

educandos permanecem na universidade em regime de semi-internato e frequentam as aulas, e Tempo Comunidade – TC, períodos em que os estudantes voltam às suas comunidades para realizar trabalhos teórico práticos referentes aos conteúdos estudados.

Por fim, com este texto reafirmam a ideia de que os cursos de LEdoC expressam os princípios dos movimentos Sociais do Campo no movimento contra hegemônico de transformação das políticas públicas de educação no Brasil, configura-se através de processos coletivos, de luta pelo direito à uma educação de qualidade e pela construção de um novo projeto societário.

O segundo artigo, escrito por Rodrigo dos Santos Crepalde em 2019, “Desafios e Potencialidades da Construção de Trabalhos de Conclusão de Curso na Alternância da Licenciatura em Educação do Campo da UFTM-MG”, é parte de uma pesquisa em andamento que pretende discutir os desafios e potencialidades da construção de TCC’s no contexto da Pedagogia da Alternância adotada pelas Licenciaturas em Educação do Campo. Para isso, se propõe a discutir as informações provenientes do processo de elaboração de TCC’s, na fase após a elaboração dos projetos, de duas turmas de licenciandos do campo da UFTM, procurando destacar suas especificidades no contexto da Pedagogia da Alternância. Os TCC’s em construção já o permitem afirmar traços distintivos desse produto da culminância da formação inicial de professores para o campo: 1) a Alternância é formativa; 2) os TCC’s são do campo e não apenas no e sobre o campo; 3) as trocas interculturais; 4) o TCC é visto como artefato de uma cultura estrangeira; 5) a relação insider/outsider; 6) a autonomia e a responsabilidade são marcas presentes nesse processo.

Sinaliza que a reflexão sobre o processo de elaboração dos trabalhos de conclusão enquanto objeto de pesquisa é incipiente. E o cenário encontrado não é diferente quando levamos em consideração os cursos de formação de professores para a diversidade cultural, como é o caso das Licenciaturas em Educação do Campo.

Outro aspecto da pesquisa de Crepalde (2019) que interessa a nossas pesquisas é a discussão sobre a Pedagogia da Alternância. Defende que a alternância contribui para descentramentos culturais, para uma postura mais relativa perante os conteúdos canônicos da universidade que têm implicações no que é ensinado, na forma de ensinar, no que é avaliado ou nas metas exigidas, naquilo que deve ser mais valorizado, como também ao que pode ser negociado entre os compromissos assumidos entre docentes e discentes; como integração, a alternância empodera ou carrega o potencial de empoderar os saberes, as práticas, as vivências, os modos

de existências dos povos do campo por meio de seu reconhecimento rumo a uma presença mais efetiva nas disciplinas, nas práticas pedagógicas, no currículo, nas avaliações, na pesquisa e na extensão, enfim, na formação docente.

Concluí, citando Arroyo (2014), destacando que os novos coletivos que chegam à universidade, tensionam por novas relações, responsáveis e coerentes com sua existência, perante os conhecimentos acadêmicos. Esses novos sujeitos, que pela primeira vez conquistam o direito de acesso ao Ensino Superior, não se pretendem meros consumidores de conhecimentos, pelo contrário, afirmam-se como sujeitos que produzem conhecimentos (ARROYO, 2014). Logo, ressalta que os TCC's em construção dos licenciandos do campo, sob a Pedagogia da Alternância, já permitem afirmar traços distintivos desse produto da culminância da formação inicial de professores para o campo.

Ainda chama nossa atenção que há um longo caminho a ser percorrido para compreender o novo ou o singular na elaboração dos TCC's, por assim dizer, do campo. Neste texto, mesmo que de modo inicial, o autor buscou expor reflexões a partir de seu lugar, docente de um curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, cujos os cursos têm caráter experimental, não existe uma proposta pronta, o que há é uma matriz curricular e foca as licenciaturas das áreas de Matemática e Ciências da Natureza (Ciências Biológicas, Física e Química).

Como primeiros resultados, pois as pesquisas ainda estão em andamento, o presente levantamento demonstra que se deve considerar a necessidade premente em dar visibilidade às produções do grupo de pesquisa “Cultura, Parcerias e Educação do Campo” (UFES), bem como à Educação do Campo no Estado do Espírito Santo, além da necessidade de mais participação e divulgação em eventos nacionais, e até mesmo internacionais, dos integrantes (mestrandos e doutorandos) do grupo de pesquisa.

A pesquisa inicial também revelou, que o Endipe produz mais trabalhos sobre a Educação do Campo, no geral e, mais especificamente sobre a Licenciatura em Educação do Campo, em relação a ANPEd. Conclui-se, por enquanto, que há uma carência de pesquisas sobre as LEdoC no Brasil. Por isso, aponta, ainda, a relevância e o ineditismo de nossas pesquisas relacionadas à Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UFES) e sobre as Licenciaturas em Educação do Campo nas demais Universidades Brasileiras.

O levantamento dos dados das produções acumuladas citadas até aqui, contribuiu para a realização desse estudo, iniciamos no Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo - PPGE/UFES que é o nosso ponto de partida e nossa essência, para conhecer os trabalhos com os conceitos de Educação do Campo, Formação de Professores, Práxis e Parceria que mais se aproximam dessa pesquisa. Partimos então a produção acumulada existente no Banco da Capes, pesquisamos agora em nível nacional sobre a Formação de professores, Práxis, Licenciatura em Educação do Campo e Egressos da LEdoC.

Pesquisamos também na Revista Brasileira da Educação do Campo para descobrir os estudos relacionados a LEdoC na Universidade do Espírito Santo, a partir daqui concentramos um pouco mais as pesquisas voltadas a Licenciatura em Educação do Campo, objeto de estudo da Pesquisa em Rede. Os eventos, ENDIPE e ANPEd, nos mostraram a produção acumulada em nível nacional sobre a Licenciatura em Educação do Campo, de 2008 ano da criação da LEdoC até 2019.

4. CONJUNTURA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CAMPO E DAS LEdoCs

Se você faz planos de vida para um ano, semeie arroz.

Se você faz planos para dez anos, plante árvores.

Se você pensa planos para cem anos, eduque o povo.

Provérbio chinês (apud BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 61)

No Brasil, a escola chega ao meio rural somente na década de 30. De forma tardia o poder público coloca em pauta esse direito e as consequências disso se refletem na educação do trabalhador do campo até o momento atual.

No contexto capixaba²⁹, a chegada dos imigrantes europeus, a partir do século XIX, provoca mudanças neste cenário, e os debates sobre a importância da escola pública para todos são iniciados. Sem nenhum apoio do poder público, e preocupados com a educação de seus filhos, eles se organizam para ofertar a leitura, a escrita e as operações matemáticas. Quem conduzia esses momentos eram as pessoas mais experientes da comunidade que dominavam a leitura e a escrita, em alguns casos era o padre ou o pastor encarregado desta função. Segundo Vieira (2015, p. 341):

As famílias que habitavam a comunidade sentiram a necessidade de ter uma escola para educar seus filhos. Construiu-se uma pequena escola na propriedade do Sr. Hollunder e para o funcionamento, os pais desta região e regiões vizinhas, contrataram o primeiro professor. Essas aulas eram administradas em alemão, já que os alunos não falavam a língua portuguesa, onde era dada a prioridade ao domínio de leitura, escrita e as quatro operações fundamentais da matemática.

Aos poucos as comunidades foram se mobilizando e reivindicando aos governantes a construção de escola e a contratação de professores para seus filhos, conforme relata Vieira (2015, p. 345):

... os camponeses da região não desanimaram e procuraram na sede do município o Sr. Otaviano Santos, ex-prefeito municipal, que apoiou os moradores e criou a Escola Municipal Singular do Galo, nomeando a professora recém formada pelo Colégio do Carmo de Vitória, a senhora Paulina Wernersbach.

²⁹ Denomina-se capixaba as pessoas nascidas no Espírito Santo.

Esse recorte histórico nos apresenta o início da escolarização no campo, a importância dos movimentos sociais e das políticas públicas para a conquista e garantia dos direitos sociais coletivos.

Considerando que a escola desse território sempre ficou em segundo plano, funcionando em condições precárias e reforçando os interesses hegemônicos capitalistas através de suas práticas, podemos indagar: em que momento a formação de professores que atuam neste contexto ganha os primeiros contornos? Analisando o momento presente, procurando na história a relação estabelecida entre educação e políticas públicas para a formação de professores do campo, instituiu-se em um esforço paciente de puxar os fios dos acontecimentos que constituíram aquilo que somos, fazemos e pensamos de nós mesmos hoje (GIMBO, 2017).

A discussão em torno da formação dos sujeitos do campo é pertinente, marcada por paradigmas e concepções ao longo da história educacional, por tensões e interesses de toda ordem: políticos, econômicos e culturais. Nas últimas duas décadas, a formação docente passou a ser discutida com maior ênfase no âmbito das políticas oficiais da educação, outrora a Constituição de 1988 e a LDB 9394/96 rompem com a perspectiva que separa a educação do campo e das cidades. O artigo 28 da LDB 9394/96 estabelece as seguintes orientações:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I- conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III- adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

O artigo traz uma inovação no sentido de acolher as diferenças sem transformá-las em desigualdades, possibilitando o levantamento de metas e alternativas pedagógicas que viabilizem na prática uma abordagem do conhecimento contemplando as questões do campo, respeitando a diversidade e peculiaridades de cada comunidade.

Nos anos 90 os movimentos sociais conquistaram gradativamente importantes avanços, trazendo as temáticas do campo em uma perspectiva crítica para o centro dos debates no país. Em solo capixaba, neste mesmo período, segundo Schütz-Foerste. Foerste, E., & Merler, A. (2014, p. 9), havia cerca de doze mil professores leigos atuando em contextos camponeses, demonstrando um descaso com a educação pública.

A partir do movimento nacional sobre formação de professores do campo, no período do governo dos Presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, parcerias foram

impulsionadas pelo diálogo entre: a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (SEDU), a União de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) do Espírito Santo, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (SINDIUPES), o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (Mepes), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), para debater sobre a urgência de ofertar a formação inicial aos profissionais leigos.

A partir deste diálogo, a UFES cria o Curso de Pedagogia das Séries Iniciais do Ensino Fundamental na Modalidade Aberta e a Distância, organizado nos Polos Municipais de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Na primeira oferta, formaram-se três mil professores e, na segunda, seis mil profissionais que atuavam no contexto campestre.

Em 1999 o MST recorreu a UFES reivindicando a oferta de um curso superior para seus membros, mas com uma especificidade: desejavam participar da elaboração da ementa do curso. Em consonância com o MST, a Universidade oferta o Curso Pedagogia da Terra, sendo a primeira universidade pública a ofertar um curso de graduação para formação de educadores sem-terra.

Essas práticas de formação inicial de professores evidenciaram, pelas vozes dos novos sujeitos e de seus coletivos, que agora era necessário pensar a formação continuada junto com os profissionais e a Secretaria de Educação, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI³⁰). Para suprir essa demanda, a universidade articula de maneira interinstitucional a oferta de cursos de aperfeiçoamento para professores do campo.

Com essa organização, o programa de formação continuada Escola da Terra foi proposto, convidando o Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), a Secretaria de Estado de Educação e as Secretarias Municipais de Educação para aderirem ao projeto. SOUZA (2019, p. 20) elucida que

conhecido em âmbito nacional como Escola da Terra, no Espírito Santo o Programa Federal de Aperfeiçoamento adiciona o termo Capixaba, em função de seus cidadãos assim serem historicamente conhecidos. O curso faz parte de uma ação federal de formação continuada de professores voltada a Educação do Campo, em especial as

³⁰ Através do Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019, a SECADI foi extinta do Ministério da Educação - MEC.

escolas multisseriadas que se caracterizam por concentrar em um mesmo espaço físico diferentes séries que são regidas majoritariamente por um único docente.

Este curso foi voltado para a formação de professores das classes multisseriadas do campo, promovendo a formação continuada em serviço de aproximadamente cinco mil profissionais do Estado.

Os movimentos sociais do campo sempre lutaram por uma educação que de fato contemplasse as suas especificidades, partindo de sua realidade e não adequações em uma proposta que privilegiava a escola urbana. Segundo Arroyo (2004, p. 79), a cultura dominante trata os valores, os saberes do campo de maneira depreciativa, como valores ultrapassados, como saberes tradicionais, pré-científicos e pré-modernos. Utilizando o modelo de educação urbana, impõe para o campo o currículo, os saberes e os valores urbanos, como se o campo e sua cultura permanecessem em um passado que precisa ser esquecido e superado.

Partindo dessas inquietações, muitos encontros foram organizados e promovidos por estes movimentos para discutir qual seria de fato a educação para a população que vive e trabalha no campo e sobre a necessidade da criação de uma política pública de formação de professores para atuar nestas escolas.

Em 2004 foi realizada em Luziânia/GO a II Conferência Nacional de Educação do Campo, tendo como lema “Educação do Campo: Direito Nosso, Dever do Estado” e os movimentos sociais do campo levaram suas inquietações para serem dialogadas, como resultado

[...] no documento final da II Conferência Nacional de Educação do Campo, realizada em 2004, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), instituiu, em 2005, um grupo de trabalho para elaborar subsídios a uma política de formação de educadores do campo. Os resultados produzidos neste grupo de trabalho transformaram-se no Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (Procampo) (MOLINA e SÁ, 2012, p.466).

Dessa forma é criado o Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (PROCAMPO), sua implantação vem sendo gradativa nas universidades públicas brasileiras e passa constantemente por adequações baseando-se nos conteúdos científico-escolares e questões sociais vinculadas à realidade das comunidades escolares.

Em 2007 foi organizado o projeto político-pedagógico que deu início a implantação desta nova modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras, aprovado pela SECADI (BRASIL, 2011) e por representantes de movimentos sociais e sindicais, representantes das universidades e técnicos do Ministério da Educação (MOLINA e SÁ, 2012, p.467).

Essa política foi instituída através de um projeto piloto, o Ministério da Educação convidou quatro instituições que já tinham experiências na oferta de cursos de Educação do Campo e parcerias com os movimentos sociais e sindicais, estas foram indicadas pelos movimentos sociais em uma audiência em que a proposta desta política foi apresentada ao coletivo. São elas: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Sem que essa primeira experiência tenha sido concluída, a partir da imensa demanda por formação de professores e da pressão dos movimentos sociais, a SECADI lança editais em 2008 e 2009 para que outras universidades ofertassem em turma única a Licenciatura em Educação do Campo. Assim, 30 (trinta) instituições universitárias ofertaram o curso abrangendo todas as regiões do país (MOLINA e SÁ, 2012, p.467).

Em 2012 a oferta se amplia para 42 (quarenta e duas) instituições, entre elas haviam algumas que nunca desenvolveram projetos de ensino, pesquisa ou extensão nesta área de conhecimento e nem possuíam vínculo com movimentos sociais e sindicais, o que dificultou o desenvolvimento do curso. Neste mesmo ano, objetivando a viabilização da licenciatura, o MEC lança o edital PROCAMPO nº 02 de 2012, disponibilizando 600 (seiscentas) vagas para concurso público de docentes e 126 (cento e vinte e seis) vagas para técnicos administrativos (MOLINA e MARTINS, 2019, p.20).

Atualmente são 225 (duzentas e vinte e cinco) turmas da Licenciatura em Educação do Campo, que correspondem a aproximadamente 8000 (oito mil) matrículas. Distribuídas em 44 (quarenta e quatro) cursos nas cinco regiões brasileiras, vinculadas a 36 (trinta e seis) instituições de ensino superior, sendo 31 (vinte e nove) universidades públicas federais e 05 (quatro) institutos federais (LEAL, DIAS e CAMARGO, 2019, p.42) conforme mostra a tabela abaixo.

Tabela 8 - Levantamento das LEdoCs no Brasil

LEdoCs no BRASIL			
REGIÃO	ESTADO	UNIVERSIDADES	INSTITUTOS
	Acre	-----	-----
	Amazonas	-----	-----

NORTE 06	Roraima	UFRR - Universidade Federal de Roraima (Boa Vista)	-----
	Rondônia	UNIR - Universidade Federal de Rondônia (Rolim Moura)	-----
	Pará	UFPA -Universidade Federal do Pará - Campus Cametá UFPA - Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba UFPA - Universidade Federal do Pará - Campus de Altamira UNESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Marabá)	IFPA – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará (Altamira, Bragança, Breves, Gurupá, Moju e Marabá)
	Amapá	UNIFAP -Universidade Federal do Amapá (Mazagão)	-----
	Tocantins	UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Arraias UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus de Tocantinópolis.	-----
	Maranhão	UFMA - Universidade Federal do Maranhão - Campus de Bacabal	IFMA - Instituto Federal do Maranhão - Campus São Luís- Maracanã

NORDESTE 08	Piauí	UFPI - Universidade Federal do Piauí (Bom Jesus) UFPI - Universidade Federal do Piauí (Picos) UFPI – Universidade Federal do Piauí (Teresina) UFPI – Universidade Federal do Piauí (Floriano)	-----
	Ceará	-----	-----
	Rio Grande do Norte	UFERSA - Universidade Federal Rural do Semiárido (Mossoró)	IFRN - Instituto Federal Rio Grande do Norte - Campus Canguaretama
	Paraíba	UFCG - Universidade Federal de Campina Grande (Sumé)	-----
	Pernambuco	-----	-----
	Bahia	UFRB – Universidade Federal Recôncavo da Bahia (Feira de Santana) UFRB – Universidade Federal Recôncavo da Bahia (Campus Amargosa)	-----
	Alagoas	-----	-----
	Sergipe	-----	-----

SUDESTE 08	Minas Gerais	UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Uberaba) UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (Divinópolis) UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte) UFV - Universidade Federal de Viçosa (Viçosa)	IFSUL - Instituto Federal do Sul de Minas Gerais Campus Inconfidentes
	Espírito Santo	UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – São Mateus UFES - Universidade Federal do Espírito Santo - Goiabeiras	----
	Rio de Janeiro	UFF -Universidade Federal Fluminense - Santo Antônio de Pádua UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- Seropédica	
	São Paulo	-----	-----
CENTRO - OESTE 04	Mato Grosso	-----	----
	Goiás	UFG – Universidade Federal de Goiás (Catalão) UFG – Universidade Federal de Goiás (Goiás) UNB – Universidade de Brasília (Planaltina/DF)	----

	Mato Grosso do Sul	<p>UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados (Dourados)</p> <p>UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Campo Grande)</p>	----
	Paraná	<p>UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul (Laranjeiras)</p> <p>UFPR -Universidade Federal Paraná – Litoral Sul</p> <p>UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Dois Vizinhos)</p>	----
	Santa Catarina	<p>UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim</p> <p>UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina -Campus Florianópolis</p>	----
	Rio Grande do Sul	<p>UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa – Campus Dom Pedrito</p> <p>UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte</p> <p>FURG- Universidade Federal do Rio Grande – Campus São Lourenço do Sul</p> <p>UFRGS - Universidade Federal Rio Grande do Sul/Porto Alegre</p>	<p>IF Farroupilha - Instituto Federal Farroupilha - (Jaguari)</p>

	19 estados	31 universidades	05 institutos
--	------------	------------------	---------------

Fonte: LEAL, A. A. et al. *Cartografia das Licenciaturas em Educação do Campo no Brasil: expansão e institucionalização*, 2019, p. 39-53. Tabela elaborada pelo GT- Pesquisa em Rede/2020.

As licenciaturas apresentadas são ofertadas em seis áreas diferentes de conhecimento: Ciências Agrárias (CA), Ciências da Natureza e Matemática (CNM), Ciências da Vida e da Natureza (CVN), Ciências Sociais e Humanidades (CHS), Línguas, Artes e Literatura (LAL) e Matemática, variando conforme as regiões (LEAL, DIAS e CAMARGO, 2019, p.43).

Revela-se outra hegemonia na formação docente na articulação entre aparência e essência, a partir da qual se busca desenvolver uma formação em nível superior com qualidade social, com capacidade de formação de sujeitos camponeses educadores, com criticidade suficiente que lhes permita olhar para a realidade na qual estão inseridos, o que inclui uma compreensão concreta das determinações que fazem com que essa realidade apareça tal qual ela está constituída, dando, porém, um passo além disso, sendo capazes de construir estratégias para intervir e transformar essa realidade (MOLINA e HAGE, 2015, p. 141).

Portanto, a LEdoC está abrindo um novo olhar para a formação de professores, trazendo algumas diferenças em relação ao modelo atual que elucida a competição, o trabalho individual, a disputa, formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho; propondo um viés de outras regras, a saber: a solidariedade, o trabalho coletivo, o cuidado com o outro, a auto-organização, formação humana e a gestão compartilhada.

4.1 LEdoC – NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

“O aprendizado de outra virtude se impõe à perseverança, tenacidade com o que devemos lutar por nosso sonho. Não podemos desistir nos primeiros embates, mas a partir deles aprender como errar menos. Na existência de uma pessoa, cinco, dez, vinte anos representam alguma coisa, às vezes muito. Mas não na história de uma nação. Temos que transformar as dificuldades em possibilidades. Sermos pacientemente impacientes”.

Paulo Freire

A Universidade Federal do Espírito Santo foi criada em 5 de maio de 1954. Ao longo dos seus 66 (sessenta e seis) anos de história desenvolve diversas atividades de pesquisa e extensão e

oferta aproximadamente 80 (oitenta) graduações, distribuídas nos *campi* de Vitória, São Mateus e Alegre. Em 2006 foi realizada a interiorização presencial da UFES com a implantação do Plano de Extensão e Consolidação da Interiorização do Ensino Presencial, disponibilizando 14 (catorze) cursos de graduação.

Além dos cursos de graduação, existem cursos de pós-graduação Lato Sensu e os programas de pós-graduação Stricto Sensu. O primeiro programa de pós-graduação criado foi o de Educação que, em 1978, começou a ofertar o curso de Mestrado e, a partir de 2004, o curso de Doutorado em Educação.

A UFES já desenvolvia ações de extensão no âmbito da formação de professores do campo mesmo antes da criação da Licenciatura em Educação do Campo. De acordo com PPC do curso, a UFES tem acumulado experiências com a oferta de cursos de graduação que objetivam a formação de professores nos 26 cursos regulares de licenciatura e também, em diálogo com as organizações sociais do campo, na oferta de cursos especiais, tais como: o PRONERA Pedagogia da Terra, ofertado pelo Centro de Educação (CE), com duas turmas concluídas (2003 e 2006); o de Economia Política, realizado pelo Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), concluídos em 2008 e 2011; o Pro-Licenciatura Indígena (PROLIND), desenvolvido atualmente pelo Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN). Outras ações, no âmbito da formação continuada com educadores do campo, têm sido desenvolvidas pela Ufes, por meio de atividades de extensão: PRONERA Educação de jovens e adultos (2001, 2003), realizado pela pós-graduação e o Núcleo de Educação Aberta e a Distância (Ne@ad); Especialização a Distância em Educação do Campo pela UAB e; mais recentemente, também pela Pró-Reitoria de Extensão, a formação de educadores do Projovem Campo Saberes da Terra, concluído em 2012 (PPC, 2013, p.05).

Em 2008 analisava-se a possibilidade de oferta da terceira turma do curso de Pedagogia da Terra, mas o curso não era permanente e a demanda por formação para os professores do campo era urgente. Assim, na atual conjuntura da política de educação superior, o Curso de Graduação Licenciatura em Educação do Campo é uma ação estratégica que possibilitará aproximar as instituições de pesquisa, ensino e extensão, especialmente as universidades públicas das redes de ensino existentes. Constitui uma experiência, para assegurar a especificidade da formação na diversidade sociocultural e o direito universal dos povos do campo à educação pública, de qualidade, socialmente referenciada (UFES, 2013, p. 05).

Atendendo ao chamamento do MEC através dos editais de 2008 e 2009, em que era aberta a possibilidade a outras instituições públicas de ensino superior para ofertar a Licenciatura em Educação do Campo inicialmente em turma única, a UFES organiza e encaminha uma proposta desenvolvida entre o Centro de Educação (CE) e o Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN).

A proposta foi aprovada e o recurso financeiro foi disponibilizado, porém o Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) não foi finalizado o que inviabilizou a oferta. Nesta fase, o edital ainda não disponibilizava verba para contratar docentes, os que atuavam eram de forma voluntária.

O decreto nº 7.352, de 2010 instituiu a Política Nacional de Educação do Campo, exigindo a elaboração de um Programa Nacional de Educação garantindo que todas as ações previstas no decreto fossem concretizadas. Os cursos desenvolvidos por projetos especiais, em turma única como a Licenciatura em Educação do Campo, passam a ser ofertados de forma permanente. Neste mesmo ano, a Secad/MEC solicitou a UFES posicionamento em relação à criação da Licenciatura.

Por meio da Portaria nº 14, do CE, um grupo de dez docentes da UFES foi nomeado para participar do Grupo de Trabalho de Formulação do Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo – Procampo. Eles seriam os responsáveis pela elaboração do PPC em consonância com o edital de convocação nº 09/2009, da Secad/MEC, Resolução CNE/CEB nº 01, de 3 de abril de 2002, e Resolução CD/FNDE nº 06, de 17 de março de 2009, instrumentos legais que normatizam o Procampo (DUARTE, 2019, p.95).

Junto a esse grupo de docentes, também estavam os representantes dos movimentos sociais: o MST, as ECRs, as EFAs, a Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo (Raceffaes), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o Centro de Formação Maria Olinda (Ceforma), o Centro Integrado de Desenvolvimento de Assentados e Pequenos Agricultores (CIDAP), o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (Mepes), a Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Espírito Santo (Fetaes), a Associação de Pais dos Alunos da Raceffaes, a Comissão de Estudos Afro Brasileiros (Ceafro), representantes dos Sem Terrinha, do Comitê de Educação do Campo do Espírito Santo (Comeces), de observatórios de Educação do Campo, entre outros, que uniram

esforços na tentativa de dar vida a esta proposta de formação específica de docentes para a Educação do Campo (DUARTE, 2019, p.95).

Gradativamente houve o afastamento de alguns membros deste grupo de trabalho dificultando o desenvolvimento de suas atividades. Reorganizou-se uma nova comissão para agilizar o processo e as decisões pedagógicas do curso, a partir dessa nova formação os representantes dos movimentos sociais não mais participaram.

O processo de criação do curso, as discussões e tramitações do seu PPC ocorreram de forma articulada entre o CE e o CCHN. Do grupo de trabalho instituído inicialmente com os 10 docentes, sete eram do CE e três do CCHN. Nesta fase o Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) também colaborava com o processo, os três centros seriam responsáveis pela oferta da Licenciatura e juntos decidiram as duas áreas de conhecimento propostas para o curso – Ciências Humanas e Sociais e Linguagens.

Este curso deveria ser administrado por um Colegiado Intersetorial na Universidade, mas acabou ficando como um curso do Centro de Educação. Se analisarmos os eixos de conhecimento do curso, vamos perceber que dialoga com vários campos de conhecimento: a sociologia, a filosofia e a história. E os professores do curso não ficariam lotados no Centro de Educação, passariam por todos os outros fomentando debates nos diferentes colegiados da Universidade que tratam da formação de professores nos cursos de licenciatura (VELTEN, [et al], 2020, p.11).

O projeto previa o início do curso para o primeiro semestre de 2011, porém devido a diversas alterações e tramitações pelas quais passou, a oferta concretizou-se em julho de 2014. A aprovação de sua criação pelo MEC foi em 2012, mediante o Edital de Seleção nº 02/2012 – SESU/SETEC/SECADI/MEC.

Este edital trouxe mais condições para a oferta, com a garantia de até 15 vagas para concursos de professores, até três vagas para servidores técnico-administrativos e o custeio de R\$ 4.000,00 (quatro mil reais) por estudante/ano durante a entrada das três primeiras turmas, como incentivo para a implantação da Licenciatura e a fim de viabilizar o acesso, a permanência e a qualidade na formação desses discentes, por meio do financiamento de alojamento, alimentação, transporte e material didático-pedagógico (DUARTE, 2019, p.98).

Assim os primeiros concursos iniciaram em 2013 com vagas para docentes e técnicos administrativos, com uma proposta de oferta para o campus Goiabeiras, Campus de São Mateus e para o campus de Alegre. Concretizando a oferta apenas para os campi de Vitória e São Mateus.

Infelizmente, o município de Alegre não apresentou demanda para este curso, mas sabemos que a demanda por formação de professores do campo na região é grande. Precisamos conquistar esse espaço institucional de cursos que dialogam com os sujeitos do campo, com os povos tradicionais, pois facilmente a hegemonia da Universidade pode assolar essas demandas (VELTEN, [et al], 2020, p.10).

Atualmente o curso no campus de Goiabeiras, que será objeto desta pesquisa, possui duas turmas formadas (Editais 2014/02–Turma Derli Casali e 2015/02³¹), outras que completarão esta etapa em agosto de 2020 (Edital 2016/02 – Turma Campos de Girassóis/LG e Turma Irmã Dorothy/CHS), no início de 2021 (Edital 2018/01– Turma Regiane Pereira/LG e Turma Paulo Freire/CHS) e as que iniciaram a caminhada em 2019/1 (Turma Oiel Alves/LG e Turma Chico Mendes/CHS) e 2020/1 (Turma Anastácia/LG e Turma Padre Humberto Pietrogrande/CHS), compondo a realização de seis editais.

A aprovação desse curso, que se distingue em vários aspectos das demais graduações da instituição, e a garantia de sua institucionalidade somam-se a outras políticas de ações afirmativas³²desenvolvidas pela UFES, destinadas à promoção do acesso, permanência e conclusão do curso superior para deficientes, estudantes oriundos(as) de escolas públicas e para os(as) discentes autodeclarados pretos(as), pardos(as) e indígenas, o que demonstra o compromisso institucional da Universidade com a inclusão social no espaço universitário das camadas populares excluídas historicamente do Ensino Superior público, seja em função de questões socioeconômicas ou resultantes de seu pertencimento étnico-racial (DUARTE, 2019, p.102).

³¹As turmas do Edital 2015/02 não se nomearam.

³² A Resolução nº 35/2012 do Cepe estabelece o sistema de reserva de vagas no Processo Seletivo da UFES para ingresso nos cursos de graduação. Já a Resolução nº 3/2009 do CUn aprova o Plano de Assistência Estudantil, que reúne ações que visam proporcionar ao (à) estudante condições que favoreçam a sua permanência na Universidade e a conclusão do curso.

Entre os anos de 2010 a 2018 o Projeto Pedagógico do Curso passou por várias alterações com reestruturação de toda a matriz curricular a fim de aproximar ainda mais o documento dos princípios e concepções de Educação do Campo.

4.2 LEdoC – CARACTERIZAÇÃO DO CURSO

A escola pode ser um lugar para fazer avançar a Educação do Campo, pois ela tem um papel importante na disputa hegemônica de projeto de campo, sociedade e formação humana. Buscando na compreensão gramsciniana que coloca este espaço como importante *lócus* de produção de uma outra hegemonia aos valores da sociedade capitalista, o movimento da educação do campo trabalha com a perspectiva de formar educadores que possam atuar nestas escolas como intelectuais orgânicos³³ da classe trabalhadora (GRAMSCI, 1991) buscando a elaboração de um projeto popular de desenvolvimento para o campo.

Assim contribuirão com a formação crítica dos educandos, dando-lhes condições de compreender os modelos de desenvolvimento do campo em disputa, como parte integrante da totalidade maior da disputa de projetos societários distintos, entre a classe trabalhadora e a capitalista (MOLINA, 2014).

O documento³⁴ que norteou a criação desta licenciatura destaca que essa foi uma política concebida para possibilitar a formação, no âmbito da educação superior, para os educadores que já atuam nas escolas campesinas, bem como para os jovens que nelas possam vir a atuar. Os cursos têm como objeto a escola de Educação Básica, com ênfase na construção da Organização Escolar e do Trabalho Pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (MOLINA e SÁ, 2011).

A formação por área do conhecimento vai além das disciplinas separadas e descontextualizadas da realidade, instiga professores e estudantes à prática constante da pesquisa, partindo da realidade e dialogando com os conhecimentos científicos de cada disciplina de maneira

³³Gramsci (1968) denomina como intelectual todo indivíduo que é envolvido diretamente nas relações de produção hegemônica de uma etapa do desenvolvimento histórico real. São “intelectuais orgânicos” porque têm uma ligação vital com a classe que lhe deu origem.

³⁴De acordo com MOLINA e SÁ (2011), o projeto político pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo teve sua estruturação inicial desenvolvida a partir do Documento Orientador aprovado pelo Grupo de Trabalho de Educação do Campo – GPT, do MEC.

contextualizada. Nomeamos esse processo como prática da interdisciplinaridade (VELTEN, DEUS SOBRINHO e FOERSTE, 2020, p.7).

Caldart (2011, p. 106)) aponta alguns dos principais motivos para a LEdoC se estruturar por área do conhecimento, que se justificam em razão da conjuntura política imposta pelas condições materiais, visivelmente apresentadas no cotidiano das escolas do campo, nesse estudo vamos detalhar dois:

1º - “um dos problemas alegados para garantir escolas de Educação Básica completa nas comunidades camponesas é a inviabilidade de manter um professor por disciplina em escolas que nem sempre conseguem ter um número grande de estudantes e cuja localização torna mais difícil a lógica de cada professor trabalhar em diversas escolas para completar sua carga horária” e

2º - “ampliar as possibilidades de oferta da Educação Básica no campo, especialmente o ensino médio, mas a intencionalidade maior é a de contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na lógica de utilização e de produção de conhecimento no campo, desenvolvendo processos formativos que contribuam com a maior compreensão dos sujeitos do campo da totalidade dos processos sociais nos quais estão inseridos”.

Ofertada em regime de alternância³⁵, tempo universidade e tempo comunidade são alternados visando a articulação entre a educação e a realidade das comunidades, tendo a pesquisa como princípio educativo permanente.

A LEdoC também objetiva formar educadores para atuarem na gestão de processos educativos comunitários. A formação destes profissionais deve dar condições aos mesmos de transformar o modelo de escola capitalista atual, contribuindo assim para as urgentes transformações sociais, pois a proposta e o desafio é realmente materializar práticas formativas durante o percurso da Licenciatura em Educação do Campo que sejam capazes de ir desenvolvendo e promovendo nos futuros educadores as habilidades necessárias para contribuir com a consolidação do ideal de escola edificado por este movimento educacional protagonizado pelos camponeses nestes últimos 15 anos: uma Escola do Campo. (MOLINA, 2012).

³⁵De acordo com MOLINA e HAGE (2015, p. 141), a Alternância é compreendida tanto como metodologia, quanto também como pedagogia, materializando e oportunizando novas estratégias de produção de conhecimento que buscam verdadeiramente incorporar os saberes dos sujeitos camponeses.

O perfil de habilitação da Licenciatura em Educação do Campo foi construído com essas três dimensões: à docência por área de conhecimento, o formato em alternância e a gestão de processos educativos, está presente a intencionalidade de promover e cultivar um processo formativo que oportunize aos futuros educadores, uma formação teórica sólida, com o domínio dos conteúdos da área de habilitação, para o qual se titula o docente em questão, porém, articulada ao domínio dos conhecimentos acerca das lógicas do funcionamento e da função social da escola e das relações que esta estabelece com a comunidade do seu entorno, com o território camponês e com a dinâmica societária como um todo (MOLINA, 2014).

O PPC do curso de 2013 está dividido por três núcleos estruturais: 1- Núcleo de Estudos Básicos, dentro dessa organização está compreendido também as disciplinas de Gestão de Processos Educativos, 2- Núcleo de estudos Específicos que compreende as disciplinas da docência por área de conhecimento (Linguagens e Ciências Humanas e Sociais), 3- Núcleo de Atividades Integradoras, abrangendo Pesquisa, Extensão, Prática Pedagógica e Estágio. Prevê também 200h de atividades complementares (artísticas, científicas e culturais).

A matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação do Campo está organizada por área do conhecimento, da seguinte forma: 33 disciplinas obrigatórias, 02 disciplinas optativas, 07 disciplinas integradoras e 04 disciplinas de estágio, com uma carga horária de 3.450 horas e será realizado em 4 anos (UFES, 2013, p. 13).

De acordo com o PPC, os objetivos gerais do curso se voltam para

- a. Formar educadores e educadoras para atuação específica junto às populações que trabalham e vivem no e do campo, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica e com condições de promover uma diversidade de ações pedagógicas que colaborem para a garantia do direito à educação de qualidade no campo e como ferramenta de desenvolvimento social; b. Desenvolver estratégias de formação para a docência multidisciplinar em uma organização curricular por áreas do conhecimento nas escolas do campo; c. Contribuir na construção de alternativas de organização do trabalho escolar e pedagógico que permitam a expansão da educação básica no e do campo, com a qualidade exigida pela dinâmica social em que seus sujeitos se inserem e pela histórica desigualdade que sofrem; d. Estimular na Ufes e junto aos demais parceiros da implementação deste projeto de Licenciatura ações articuladas de ensino, de pesquisa e de extensão voltadas para demandas da Educação do Campo (UFES, 2013, p.09).

A Licenciatura projeta uma identidade para os egressos, espera-se que estejam preparados para atuar na docência multidisciplinar, na gestão de processos educativos escolares (com ênfases na Educação Fundamental Anos Finais, na Educação Básica de Nível Médio, na Modalidade de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional) e na gestão de processos educativos comunitários, assim como realizar pesquisas e intervir na realidade da comunidade onde atuam. Para a concretização do projeto social da Educação do Campo é necessária, então, a adoção de

concepções e princípios que corroborem com esse projeto, o que exige dos egressos a compreensão ampliada de seu papel, que demanda atuação em diversos espaços e tempos formativos (DUARTE, 2019, p.91).

Dessa forma, afirmamos a LEdoC como um espaço de formação para a docência multidisciplinar constituída por áreas do conhecimento referenciada na alternância e a construção de possibilidades para a organização do trabalho escolar e pedagógico que permitam a expansão da educação do campo. Assim a LEdoC assume a especificidade da formação na diversidade sociocultural e o direito dos povos do campo à educação pública e de qualidade.

5.PRÁXIS PEDAGÓGICA DAS EGRESSAS DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS/ES

A Educação do Campo pauta-se por uma matriz formativa ampliada que comporta diferentes dimensões do ser humano. Segundo CURADO SILVA (2019, p. 82) a Educação do campo representa um novo paradigma de educação no qual estamos envolvidos nesse projeto histórico “resistem, insistem e criam formas epistemológicas para a formação de professores”. Para Tonet (2013), a licenciatura em educação do campo foi forjada desde a sua concepção para ser um instrumento de luta capaz de protagonizar processos educativos de resistência, formação de homens e mulheres organicamente mobilizados em direção a emancipação humana.

As LEdoCs partem de um projeto histórico de formação para professores do campo, profissionais da classe trabalhadora, o que provoca novos desafios para as universidades. Como propor uma formação comprometida com as escolas do campo e os movimentos sociais? Para VELTEN (2021, p. 122),

a entrada dos estudantes camponeses na universidade vem possibilitando rupturas teóricas e metodológicas significativas, sobretudo no que se refere às zonas de fronteira entre as disciplinas científicas e as culturas dos Povos e Comunidades Tradicionais. Isso parece gerar desconforto epistemológico na “alta hierarquia do saber” dentro da universidade, visto que a Educação do Campo constitui-se como área de conhecimento interdisciplinar dos diálogos interculturais emergentes e, por isso, representa a classe popular e defende uma sociedade em que o povo tenha poder político em todas as esferas da vida.

Essas licenciaturas têm a missão de construir um projeto de escola diferente, que segundo Caldart (2011) “contribuindo com a elevação do nível de consciência dos estudantes em relação aos projetos do campo..., promovendo a formação omnilateral de homens e mulheres do campo e possibilitando o exercício da práxis na formação de seus educadores”.

Abordamos nesse estudo a atuação dos egressos da LEdoC, por isso apresentaremos a concepção de Trabalho, de Práxis e de Escola do Campo, que sustenta o projeto formativo da licenciatura e são categorias centrais na análise que faremos a seguir sobre a maneira como os egressos estão atuando em suas comunidades, a fim de investigar quais aprendizagens obtidas na Licenciatura em Educação do Campo são evidenciadas na práxis pedagógica dos egressos.

A atuação dos egressos da LEdoC deve ser entendida para além da atuação no mercado de trabalho, pois segundo MOLINA E PEREIRA (2021, p. 142) reduzir a compreensão do trabalho as lógicas instrumental e econômica da sociedade capitalista é um equívoco imenso pelo fato

de negligenciar outras dimensões da formação humana, entre as quais a ética, a estética, a política, a social, a cultural, e principalmente, a emancipação humana.

A educação do campo assume a concepção de trabalho como categoria central do Materialismo Histórico-Dialético e pelas Licenciaturas em Educação do Campo fundamenta-se nos pressupostos de Marx (Marx; Engels, 2009) e Gramsci (2001), que segundo Molina e Pereira (2021, p. 142) a partir dos quais se percebe o seu caráter e sua dimensão teleológica de transformação tanto do próprio homem quanto da realidade social.

E ainda conforme Tonet (2013), o trabalho com ato ontológico que funda o ser social é um processo em que o homem, ao transformar a natureza, também transforma a si mesmo e, a partir dele torna-se um ser radicalmente e histórico. O trabalho assume seu princípio educativo na medida em que exerce sobre o homem uma ação de humanização, pois, nessa concepção, o ensino é entendido concepção inseparável do trabalho.

A concepção de trabalho e formação para o trabalho pretendida pela LEdoC, “assume como princípio uma matriz ampliada, onmilateral” (Frigotto; Ciavatta, 2012) do ser humano. Ou seja, a escola deve desenvolver o “intelecto dos sujeitos que educa, mas não pode se furtar e trabalhar igualmente a formação de valores, o desenvolvimento político, ético, Estético e corpóreo de seus educandos” (MOLINA, 2017, p. 591).

Molina e Pereira (2019) apresentam o conceito de práxis como estruturante no projeto de transformação da forma escolar do campo. Para que haja essas transformações, é preciso uma compreensão de práxis mais alargada, repensar a concepção de sujeitos, da relação teoria e prática, da realidade e vínculo social. O conceito de práxis, segundo Molina e Pereira (2021, p.143) é assumido como central e estruturante da filosofia marxista e está relacionado à compreensão e à transformação do mundo.

A práxis está associada a transformação, a mudança de essência, tanto da natureza por meio do trabalho quanto do homem. A formação de professores deve ser pensada a partir de uma epistemologia da Práxis, que segundo Curado Silva (2016) recorre à atividade prática social dos indivíduos historicamente situados, seres capazes de agir no mundo pela compreensão e transformação do real, da totalidade dos fenômenos, da essência além da aparência.

As LEdoCs articulam dessa forma o seu projeto de formação, tem a concepção ampliada de formação humana vinculada ao entendimento de que a educação não se restringe ou limita ao

espaço da sala de aula, mas a aproxima do projeto histórico da classe trabalhadora e legítima várias agências do meio social e cultural que também são formadoras (Freitas, 2011a). Atrelado ao conceito de práxis, propomos o conceito para Escola do Campo. Conforme Molina e Sá (2012),

a escola do campo fundamenta-se na riqueza cultural e na diversidade dos sujeitos dos locais onde ela está presente; une teoria e prática com vistas à emancipação humana; é protagonizada por sujeitos que pensam a realidade específica sem desconsiderar a totalidade; é espaço de resistência ao controle pedagógico do Estado; reconhece o papel do educador como integrante das lutas e práticas da Educação do campo e da comunidade específica.

A classe trabalhadora anseia por uma Escola do Campo onde sua diversidade seja reconhecida e o ensino e aprendizagem parta da sua realidade, com outras regras, como: a solidariedade, o trabalho coletivo, o cuidado com o outro, a auto-organização, a formação humana e a gestão compartilhada.

Na próxima seção do texto, conheceremos a trajetória das egressas, sujeitos da pesquisa, na LEdoC e na educação do campo.

5.1 TRAJETÓRIA DAS EGRESSAS NA LEdoC E NO TRABALHO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO

“Não se preocupe em entender. Viver ultrapassa todo entendimento. Renda-se como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.”

Clarice Lispector

Clarice Lispector (1998) nos fala que não é possível entender a vida porque “viver ultrapassa qualquer entendimento”. Viver a vida intensamente no movimento de cada ciclo, com simplicidade e naturalidade, assim vamos produzindo sentidos para cada movimento vivido. Segundo SILVA E BASTOS (2017, p.118) só compreendemos esses movimentos quando paramos e reconstruímos por meio de narrativas que vão tecendo em outro tempo e forma os sentidos de uma vida vivida e ressignificada. Pautado nessa ideia é que vamos trabalhar o conceito de trajetória no decorrer desta seção do texto, visto que ela se constitui nos movimentos que a vida nos proporciona e que vão sendo cristalizados na medida em que produzimos significados para cada movimento.

Apresentamos a trajetória das egressas³⁶ na LEdoC/UFES e com a Educação do Campo com intuito de responder o primeiro objetivo específico da pesquisa. Foram entrevistadas no decorrer de junho de 2022, utilizando com base o roteiro abaixo:

- Como foi a escolha do curso?
- Como ficou sabendo do processo seletivo?
- Como foi a organização do trabalho e da vida para o tempo universidade?
- Organização do curso em relação às aulas, professores, atividades propostas, alimentação, estadia, materiais para o curso e tempo comunidade;
- Qual a sua experiência com a Educação do Campo?
- Você faz parte de algum Conselho ou Movimento Social em sua comunidade?
- Já tentou colocar em prática na sala de aula ou nos processos de gestão: a interdisciplinaridade, a auto-organização dos estudantes, a mística, a alternância ou outra característica da Licenciatura em Educação do Campo?
- Outros pontos.

Cada entrevistada ficou à vontade para responder os pontos que desejassem escolhendo a ordem das questões, assim como poderiam acrescentar pontos que o roteiro não contemplou.

A primeira egressa chama-se Patrícia Hand Littig, atua na Escola Família Agrícola (EFA) São Bento do Chapéu com a disciplina de História. A LEdoC já é a terceira graduação e optou pela Área das Linguagens, já fez o curso de História e de Pedagogia. Ela é mãe de duas meninas, professora, ajuda nas atividades agropecuárias da pequena propriedade familiar, componente do Grupo de Danças Folclórico Bergfreunde³⁷ de Campinho, também é aluna do Mestrado Profissional em Educação da UFES, em fase final da escrita de sua pesquisa. A sua história de vida se mistura com a da escola, pois seu avô, o Sr. Floriano Hehr Sobrinho fez a doação do terreno para a construção da escola e sempre esteve envolvido na luta para a implantação da escola família na comunidade e com a Comissão Pastoral da Terra. Ser professora hoje nessa escola tem um significado forte para a egressa, conforme ela mesmo nos conta:

“Meu nome é Patrícia Hand Littig, moro na comunidade de São Bento do Chapéu em Domingos Martins. Até 2013, eu era professora com 40 horas na escola família agrícola, mas no decorrer do ano passei por uma situação que me afetou muito psicologicamente. E ao final

³⁶ No decorrer desta sessão do texto usaremos o nome real de cada egressa, pois temos autorização para o uso.

³⁷ Primeiro grupo de danças típicas alemãs fundado no Espírito Santo.

do ano letivo conversei com a equipe da escola, juntamente com a diretoria da associação, apresentei minha situação e disse que no processo seletivo do próximo ano eu não ia escolher, mas a escola família, por não estar conseguindo mais ficar a noite responsável pelos estudantes pois como a escola funciona em regime de alternância, os estudantes dormem na escola e cada noite um professor fica como responsável. Mas naquele ano o processo seletivo para 2014 foi aberto uma novidade pela Secretaria Municipal de Educação, que era vagas para professor na área de múltiplas linguagens nas escolas multisseriadas. Por eu falar alemão, por exemplo, eu poderia escolher as disciplinas de arte, educação física e língua. Isso me daria uma carga horária de trabalho boa, até para compensar o deslocamento até outras multisseriadas também. Em 2014 e 2015 eu estava trabalhando com a área das múltiplas linguagens nas escolas multisseriadas e com a língua alemã na EFA. Em 2015 a colega Mariana³⁸, professora da escola família, ficou sabendo do processo seletivo da licenciatura em educação do campo e divulgou comigo essa ideia, me incentivando a fazer a inscrição. Então eu fiz e optei justamente pela área de linguagens, porque eu já tinha habilitação em história e para dar aula naquele ano, ia contribuir muito com a minha prática. Então assim foi a escolha do curso da LEdoC, nessa altura eu tinha além da graduação em História, tinha também a graduação em Pedagogia e mais duas pós-graduações. Lembro que o curso de Pedagogia era semi presencial, a cada 3 meses tinha seminário de sexta a noite até domingo. No início levávamos colchão para pernoitar na Escola e depois começamos a ficar em hotel. No dia que fiz a prova do processo seletivo para Pedagogia, senti meu primeiro enjoo da gravidez e Adriana nasceu no ano seguinte. Como ela não foi planejada, foi bem difícil conciliar faculdade, início do primeiro trabalho, gravidez, maternidade aos 19 anos. Já a Isadora foi durante a faculdade de História. Os meus pais me ajudaram muito durante esse período, a minha mãe sempre cuidou das meninas para que eu pudesse trabalhar e estudar, pois em nossa comunidade não tinha e ainda não tem creche. No período da LEdoC, eu não tinha uma carga horária de trabalho fechada, então eu consegui conciliar o trabalho e os estudos, trocando o horário nas escolas e repondo as aulas nas semanas que não tinham Tempo Universidade. Para estar fazendo a licenciatura, eu tive muito apoio da família. Claro que a gente abre mão de estar com a família, mas o apoio recebido foi extremamente importante para que eu superasse essas dificuldades de deixar minha casa para estar fazendo a licenciatura. Por outro lado, eu já tinha uma experiência de ficar fora de casa porque como já relatei, a minha licenciatura em Pedagogia não era 100% à distância, então tinha também os tempos em que eu ficava fora para poder estudar. Além do

³⁸ Nome fictício para a professora que falou sobre a LEdoC.

mais, o curso do MEPES que eu já havia feito também exigia ficar uma semana fora de casa para estudar, então eu já estava habituada a essa rotina. A princípio, eu não havia lido o edital, então eu não sabia que a gente teria, por exemplo, transporte, estadia e alimentação. Então isso superou a minha expectativa com o curso, porque a gente até já tinha conversado como fazer para ficar em Vitória, para poder se alimentar, para poder fazer a licenciatura? E chegando lá, vendo toda essa organização que dava condições, dava esse suporte para a gente que é do interior poder fazer a licenciatura, isso foi de grande valia para encarar mesmo a licenciatura e tudo o que ela exigia também. Minha experiência com a Educação do Campo começa na infância, no ano que eu comecei a vida escolar, que também era o ano que começavam as aulas na Escola Família Agrícola São Bento do Chapéu. No início de minha vida escolar, fui matriculada na escola multisseriada que funcionava ao lado da EFA. E como o meu avô, Sr. Floriano Hehr Sobrinho, esteve sempre envolvido na luta para a implantação da escola família na comunidade e envolvido com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), na minha infância eu lembro de estar andando pelas instalações da escola família e vendo as salas de aula, vendo os estudantes na aula prática na propriedade... então já iniciei minha vida escolar, já tendo essa expectativa de estudar na escola família. Assim que eu tive idade, já iniciei, participando da Associação em Defesa dos Direitos dos Produtores Rurais de São Bento do Chapéu (ADDPRUSBEC), que são dos produtores rurais. Vira e mexe pego cargo na comissão, na diretoria e a gente está sempre assim, tentando reivindicar melhorias para a comunidade desde então. Tenho muito orgulho de ser neta do Senhor Floriano e Dona Alice, por essa história de luta e engajamento na comunidade, sempre reivindicando melhorias para todos, principalmente na área da Educação. Por eles terem sempre participado tanto da fundação da Associação como da fundação da Escola Família Agrícola, a doação do terreno e a procura pela pedagogia que viesse de encontro aos anseios desses agricultores. Tenho muito orgulho mesmo dessa história e ela não acaba, porque no momento que eu entro na EFA como estudante e depois eu atuo como professora, me sinto parte da história. É uma continuidade da luta do meu avô Floriano, como no ano passado eu não estive na equipe da escola família agrícola e esse ano eu voltei, minha avó fica feliz e fez a seguinte fala: “eu fiquei feliz que você voltou, por que é um pedacinho do vovô que tá lá na escola, né? De tudo que ele ajudou e contribuiu, então também te ajudou na sua formação no seu crescimento pessoal e profissional.” Isso é muito importante e aí então esse sentimento de pertencimento a esse projeto, a comunidade, é muito grande. Me sinto muito feliz e muito útil, fazendo parte dessa história, dando essa continuidade. Eu sou a neta mais velha e a que seguiu pelo caminho da educação, o meu avô foi professor na comunidade e também atuou na atual EMUEF São Bento,

também chegou a dar aulas, de forma voluntária, para adultos da comunidade. Minhas filhas, bisnetas deles, também estudaram na escola agrícola, a mais velha já concluiu o nono ano e hoje estuda no IFES de Caramuru. Agora a comunidade sempre vem lutando para o não fechamento da EMUEF São Bento. A EFA trabalha na perspectiva da pedagogia da alternância, que compartilha de elementos da Educação do Campo e o objetivo é potencializar esses elementos sempre, fortalecer para que a nossa prática não perca essa característica. Na escola multisseriada onde atuo, tento sempre estar trazendo os elementos da Educação do Campo, para que os estudantes, se sintam parte dessa realidade, onde eles estão inseridos que é o campo. Então, nas 2 escolas, são perspectivas diferentes em relação a esses elementos.”

As próximas duas egressas são irmãs de uma família de cinco filhas. Simone e Lucení sempre moraram no campo e não tiveram a oportunidade de fazer o ensino médio regular por falta da oferta de transporte escolar no período noturno. Precisavam também trabalhar para ajudar a família, mas nunca desistiram do sonho de serem professoras, até que um dia ficaram sabendo do processo seletivo da Licenciatura em Educação do Campo, que foi um dos fatores determinantes para a mudança do rumo dessa caminhada. Após a conclusão da Licenciatura em Educação do Campo, as duas egressas acabaram incentivando a irmã mais velha a fazer o processo seletivo da LEdoC/UFES e agora ela está cursando o terceiro período da área de Ciências Humanas e Sociais mesmo depois de ficar um bom tempo sem estudar. Quem sabe as irmãs mais novas também fazem parte dessa caminhada? E então serão cinco LEdoC’anas na mesma família.

Vamos a trajetória da segunda filha desse casal campesino da comunidade de Barra do Tijuco Preto, distrito de Paraju. Ela chama-se Simone Helker, atua na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rio Ponte com a disciplina de Arte. Apesar das adversidades enfrentadas, nunca desistiu dos estudos, conforme ela mesmo nos relata:

“Meu nome é Simone Helker e a LEdoC é a minha primeira formação acadêmica. Através do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) conclui o ensino médio. Fiquei sabendo da Licenciatura em Educação do Campo através de um colega de escola do período que eu estudava da quinta à oitava série. Ele participava do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e eu trabalhava em um posto de gasolina, a gente se via frequentemente por que ele passava para abastecer. Então um dia ele me falou desse curso e como eu não tinha condições de pagar um curso na época, pois eu me divorciei e morava sozinha com meu filho, achei uma grande oportunidade. Então eu pensei, não custa nada eu

tentar fazer a prova... então me inscrevi, mas ao mesmo tempo eu pensava assim: Vê se eu vou conseguir uma vaga na UFES? Eu tinha esse pensamento, até porque ele não é só meu, né? Muitas pessoas falavam que não fizeram pois era muito difícil de conseguir entrar na Universidade, que lá era muito rígido, essas coisas..., mas eu pensei assim, não custa nada tentar. Aí eu fui lá e fiz a inscrição na área de Linguagens que eu mais me identificava. Na inscrição tinham duas opções: a área de ciências humanas e sociais e a área de linguagens. Me identifico mais na área de linguagem, eu adoro trabalhar com arte. Foi por isso que eu escolhi essa área. Quando eu estudava de quinta a oitava série, que era na época, eu sempre me identifiquei mais nessa área. Chegou o dia da prova, fui lá e fiz, graças a Deus, deu tudo certo. E depois fui chamada, nem acreditei. Eu fiquei muito feliz! Como eu sou do campo, venho do campo, eu vejo as dificuldades que a gente enfrenta no campo e eu sempre gostei muito. Eu trabalhei muito na roça quando eu era mais nova para ajudar os meus pais. Tive muita dificuldade em estudar até a oitava série, que era na época. Meu pai tinha 5 filhas para criar, ele trabalhava fora e para manter uma casa era muito difícil, né? E nós o ajudávamos. A gente estudava à tarde, eu e minha irmã mais velha, e trabalhava até na hora do almoço na roça. Então, a gente ajudava muito o nosso pai. A gente gostava muito de roça. Eu gosto até hoje. E aí sim, eu via nessa educação do campo uma valorização dos estudantes do campo. Eu me senti muito acolhida nesse curso, por isso que eu senti muito interesse também. Eles davam muita oportunidade para quem era do campo. Na época da escola, terminei a oitava série e depois não consegui concluir o ensino médio. Meu pai não me deixou e minha irmã mais velha estudar à noite, pois ele tinha muito medo de mandar porque era muito longe da onde a gente morava até a escola. A escola fica em Paraju e a gente morava na Barra do Tijuco Preto, próximo a São Rafael. Era muito longe... Meu pai tinha muito medo, entendeu? Depois disso tudo eu vi a necessidade de uma luta para o campo. Uma luta para esses estudantes terem uma escola mais próxima, entendeu? Por eu ter passado tantas situações... Até hoje eu tenho medo de falar sobre o meu ensino médio... evito muito de falar essa questão, porque eu passei muita dificuldade para conseguir concluir o ensino médio, por isso que eu escolhi a licenciatura em educação do campo. Na época eu pensei em fazer pedagogia, que minha irmã mais nova fazia. Só que eu me identifiquei mais, com essa oportunidade... A minha organização pessoal para participar do Tempo Universidade foi muito difícil, até o estágio também foi muito difícil. Nesse período eu morava sozinha com meu filho, eu tinha acabado de me divorciar. O meu ex-marido não gostava que eu estudasse e eu gostaria muito de fazer uma faculdade, era o meu sonho. Por isso meu relacionamento não deu certo. Então pra eu ir pra faculdade eu tinha que pagar alguém para ficar com meu filho e pagar alguém para ficar no meu lugar no posto de gasolina

que eu trabalhava como frentista. Eu era responsável em mexer com a bomba e com o sistema que gerava a nota fiscal, por isso era muito difícil conseguir alguém. Meu horário de trabalho era das 6h da manhã até às 8h da noite, um dia eu trabalhava e no outro eu folgava. Só tinha 2 frentistas nesse posto e um gerente, para o outro frentista era muito cansativo trabalhar por 3 dias seguidos. Quando incluía a quarta-feira que era preciso ir mais cedo para a Universidade, dava quase 4 dias. Então para não incluir a quarta-feira, eu descia de ônibus na quinta-feira de manhã, por conta própria. Eu tinha que pagar o outro frentista ou trocar as escalas, assim eu teria que trabalhar vários finais de semana. Quando eu voltava do Tempo Universidade, tinha que trabalhar 3 ou 4 dias seguidos. Nem sempre o outro frentista queria trocar ou tinha boa vontade de ficar no posto também por ser muito cansativo. Não foi muito fácil organizar o Tempo Universidade com o trabalho, entendeu? Foi bem difícil até o final da faculdade. Mesmo quando eu estava no quinto período, eu me tornei gerente do posto de combustível, eu até achei que ia ser mais fácil..., mas foi muito mais difícil, ainda mais responsabilidade de estar todo dia ali. Foi muito difícil, mesmo... O estágio também foi muito complicado pra mim sair, fazer, mesmo que a escola fosse próxima..., Mas graças a Deus eu consegui... No meio disso tudo também eu casei novamente... engravidei, passei muito mal na minha gravidez, e ainda tinha trabalho e faculdade ao mesmo tempo. Não foi fácil, mas graças a Deus eu consegui! O curso da LEdoC exigiu muita dedicação, muito trabalho... porque nós tínhamos o tempo universidade que a gente tinha muitas aulas, nessas aulas de cada disciplina, tinha muitas atividades além do tempo comunidade. Muita coisa para dar conta, o tempo comunidade foi o melhor, porque a gente fazia a pesquisa e trabalhos pautada em nossa comunidade, voltada a nossa cultura, nossa vivência..., deu um trabalho para fazer as pesquisas e tudo mais, né? E também a gente tinha muito apoio dos nossos professores da universidade, foi muito bom... Nas pesquisas que realizamos descobrimos coisas que não sabíamos dentro do nosso próprio lugar. Eu acho muito interessante essa proposta do curso, de estudar a nossa comunidade. no nosso lugar... Isso também ajudou muito na minha prática de hoje... Essa licenciatura valoriza o povo do campo, suas culturas, raça... A gente precisava de uma educação voltada para o povo do campo, uma valorização... O ensino de qualidade voltado para a realidade do povo do campo. O curso veio para fortalecer esse ensino de qualidade, nas aulas a gente teve oportunidade de falar sobre nossos sonhos, nossa realidade e ser respeitado. Foi maravilhoso conhecer a história de muitos colegas. Das coisas que aprendi no curso, já coloquei em prática na sala de aula a interdisciplinaridade. A gente aprendeu muito no curso sobre isso. Eu trabalho muito a partir da realidade dos estudantes, juntamente com o currículo de Domingos Martins. Isso faz com que os estudantes se sintam

acolhidos, falamos com muito respeito em relação à nossa cultura, sobre o modo de vida de cada um...”

Agora, vamos conhecer a terceira filha desse casal campesino: ela chama-se Lucení Helker Majeovski, atua na EMEF Alto Paraju com a disciplina de Arte, desde a educação infantil de 04 e 05 anos até o nono ano do ensino fundamental. As duas irmãs ficaram sabendo do processo seletivo do curso por fontes diferentes, porém uma foi o apoio da outra durante o curso todo. Durante os eventos do curso realizados fora da Universidade, as duas sempre estavam juntas. Assim como a Simone, sua irmã mais velha, também enfrentou dificuldades para estudar, mas nunca desistiu conforme ela mesmo nos narra:

“Meu nome é Lucení Helker Majeovski parei meus estudos aos 14 anos de idade quando conclui o ensino fundamental, por não ter condições financeiras e não ter transporte escolar à noite, não pude seguir em frente com meus estudos. Apesar de não ser possível naquele momento e por sempre gostar de estudar, tinha um sonho de me formar, por isso eu nunca desisti. Aos 15 anos resolvi sair de casa para trabalhar em uma casa de família com o objetivo de continuar meus estudos. Porém minha patroa não me liberou a voltar com os estudos, disse que eu não daria conta do serviço da casa e do estudo ao mesmo tempo. Com isso, 10 anos se passaram... casei, formei uma família e decidi voltar com meus estudos. Através do Encceja concluiu o ensino médio. Quando terminei o ensino médio, logo apareceu a oportunidade de realizar o processo seletivo na UFES para a Licenciatura em Educação do Campo, fiquei sabendo do processo seletivo através de um comentário que uma colega de trabalho fez dizendo que tinha vontade de realizar, mas que estava indecisa. Fiquei interessada em saber mais, corri atrás para saber como funcionava e decide realizar a minha inscrição. Arranjei uns livros para poder estudar, mas na incerteza do que cairia na prova, pois na época eram quarenta questões objetivas e mais a redação. Confesso que realizei a prova sem muita esperança de que seria aprovada, pois um dia antes da prova foi o casamento da minha irmã mais nova e com isso fiquei até 6 horas da manhã do dia seguinte ajudando e às 13 horas se iniciaria a prova. Foi tudo muito difícil pois na época eu não tinha celular, então quando saiu o resultado não vi logo, quase perdi o período da matrícula. Então comecei estudar, tudo era diferente... não tinha muito conhecimento e muito menos conhecia Vitória direito, tinha muito medo... Confesso que no começo tinha vontade de desistir. Nesse período eu não tinha acesso à internet e nem notebook para a realização das atividades do tempo comunidade, mas por ainda não ter um emprego, sempre dava um jeitinho. Na época eu tinha uma filha pequena em casa, então era muito difícil passar três dias fora de casa. O tempo foi passando e eu me acostumando com

a rotina dos estudos e o que me ajudou muito a continuar o curso foi o apoio de dois professores, que com certeza levarei para a vida. Sempre me incentivaram e me apoiaram por ser uma pessoa organizada e mesmo com as dificuldades sempre entregava as atividades dentro do prazo, tirava excelentes notas, gostava muito de participar das aulas e sempre era pontual. Através da LEdoC pude compreender a importância da valorização e da identidade do povo que vive no campo, a luta é por uma educação voltada para a população do campo, por direitos iguais e respeito a sua diversidade. Os estudos foram maravilhosos com aprendizados que vou levar para a vida, hoje posso dizer que sou uma professora formada e com muitas ideias e conhecimentos para passar para os estudantes. Na escola não consigo trabalhar se não for interdisciplinar, busco sempre trabalhar com questões que fazem sentido para os estudantes. Durante sete anos participei do movimento social MPA, aprendi a fazer místicas, participava das organizações e ajudava a montar as cestas básicas. Até conquistei a minha casa através do Projeto Minha Casa, Minha Vida. Apesar de ser um movimento muito bom de participar, a uns três anos eu tenho me afastado devido à distância e a própria correria do dia a dia.”

A próxima egressa é filha de pedreiro e de auxiliar de creche. Nunca teve contato com o campo, porém enfrentou problemas para dar continuidade aos estudos e encontrou na LEdoC a oportunidade que esperava para fazer um curso superior. Agora trabalha em escolas do campo e já percebe que tem uma visão da Educação do Campo que outros colegas de trabalho não possuem, mesmo atuando na educação a mais tempo que a egressa. Ela chama-se Malena da Silva e atua em duas escolas: EMEF Gustavo Guilherme João Plaster e EMEF Biriricas de Cima, com as disciplinas de História e Geografia. De todas as egressas, essa foi a que escolheu a área das Ciências Humanas e Sociais. Vamos acompanhar o seu relato:

“Meu nome é Malena da Silva. O curso de Licenciatura em Educação do Campo surgiu na minha vida no momento em que eu era mãe a pouco tempo, o formato em alternância foi o que determinou a minha escolha. Porque assim era o único meio que eu tinha de continuar presente na vida da minha filha, sem ter que me deslocar todos os dias para a Grande Vitória para fazer o ensino superior. Fiquei sabendo do processo seletivo da LEdoC/UFES através de uma amiga de trabalho. Ela conhecia uma aluna do curso da primeira turma, comentou sobre essa oportunidade e também sobre os benefícios. Fiz a inscrição e fui fazer o vestibular. Acabei conseguindo uma vaga na UFES, um sonho né? No início da licenciatura eu trabalhava na Secretaria Municipal de Saúde como agente de endemias. Para conseguir juntar horas extras para participar do Tempo Universidade, tudo o que aparecia fora do nosso horário de trabalho

eu fazia: vacinação antirrábica, algumas ações que eram feitas à noite nas comunidades, entre outras. Mas algumas vezes eu não conseguia juntar essas horas porque não tinha esse tipo de ação naquele mês, então eu não conseguia participar do Tempo Universidade. Depois eu consegui emprego na Secretaria Municipal de Educação e Esporte, primeiro de auxiliar de atendimento educacional especializado (AEE) e depois de professora quando eu já cursava o quinto período do curso. Então era possível colocar substituta, pagando esse profissional com os meus recursos financeiros ou às vezes eu trocava aula para que eu também pudesse ir. O curso é organizado em alternância: a gente tinha o Tempo Comunidade e o Tempo Universidade. O Tempo Universidade normalmente são 3 dias por mês. E nas férias era organizado para um tempo maior, em julho era uma semana e nas férias de janeiro, a gente ficava 2 semanas. As atividades propostas, então pelos professores, eram realmente voltadas para esses tempos...no tempo comunidade a gente deveria fazer ações visando a nossa comunidade. Os professores inicialmente iam até as nossas comunidades para ver as ações que a gente fazia: Seminário, Conversa com as pessoas da comunidade e com as lideranças. Quanto ao nosso Tempo Comunidade, como eu já disse, era acompanhada pelos professores. Nós fizemos algumas ações, inclusive o seminário em Domingos Martins. Mas infelizmente, com o tempo e com alguns cortes na Educação, os professores não conseguiam acompanhar mais tão de perto. Então até o final do curso o Tempo Comunidade, foi diminuindo. Em relação a nossa estadia, no Tempo Universidade nós ficávamos em hotel custeado pela UFES. Também era fornecido alimentação. A estadia facilitava o nosso deslocamento à universidade. A minha experiência na Educação do Campo é desde o quinto período do curso, comecei atuando em escolas do campo ou em escolas que estão na Sede do município e recebem estudantes do campo. Em grande parte dos meus estudantes hoje em dia, são filhos de agricultores ou têm algum contato direto com as propriedades de família. Apesar de reconhecer a importância de atuar junto aos movimentos sociais da comunidade, ainda não faço parte de nenhum conselho ou movimento social. Em sala de aula, eu já trabalhei com a interdisciplinaridade e a auto avaliação. Percebo que muitos estudantes ficam surpresos com a auto avaliação porque estão muito acostumados a serem avaliados. Mas quando tem essa oportunidade de realizarem a auto avaliação, eles acabam se perdendo um pouco, então tem que ter todo um modo diferente para trabalhar e para mudar essa visão que eles têm da avaliação. As outras práticas da LEdoC eu ainda não consegui trabalhar no cotidiano da sala de aula, porque eu enfrento barreiras, temos um sistema para seguir e alguns colegas de trabalho não tem essa mesma visão da Educação do Campo.”

A quinta egressa não atua diretamente em sala de aula, é gestora escolar da EMEF Alto Paraju desde 2014. Chama-se Claudina Maria Christ, desde 1994 já atuou em várias funções nas escolas do campo, é militante em sua comunidade participando de vários movimentos e enxergou na LEdoC uma oportunidade de melhorar as suas práticas cotidianas. Trabalha junto com a egressa Lucení desde a conclusão do curso. Ela também nos relata a sua caminhada:

“Meu nome é Claudina Maria Christ, atuo como diretora escolar desde 2014 na EMEF Alto Paraju. Mas minha experiência com Educação do Campo começou quando eu nasci em uma família camponesa. Fui alfabetizada na Escola Unidocente de Boa Esperança em uma Fazenda de Minas Gerais, fiz Ensino Fundamental em uma escola camponesa muito boa também em Minas Gerais. Quando mudamos para Domingos Martins iniciei o ensino médio na escola Campanha Nacional das Escolas da Comunidade (CNEC) com o curso de magistério em um contexto urbano que atendia estudantes camponeses que já atuavam como professores e eu era uma dessas que tinha 17 anos e já trabalhava em duas escolas do campo em busca de formação. Sempre defendi o campo, suas riquezas e sua diversidade. Aprendi com meus pais a cuidar da terra, valorizar e plantar nosso próprio alimento, cuidar das plantas e dos animais que estão inseridos nesse contexto. Já venho atuando em várias áreas da educação desde o ano de 1994 e sempre em escolas camponesas ensinando crianças, jovens e adolescentes a lutar por seus direitos sem ter que abandonar o lugar que vivem. Atuando como gestora sempre estamos planejando e dialogando com a equipe de profissionais da escola, com a Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Domingos Martins (SECEDU) e com os estudantes e suas famílias para realizarmos um trabalho que dialoga com a teoria e práticas interdisciplinares, pesquisa e produção da realidade camponesa, à busca pelo direito e qualidade de vida no campo e a importância de estar inserido em associações e de ser líder. Percebemos que cada ano temos novos desafios na educação camponesa e que não devemos desistir de uma educação de qualidade e justa para todas as crianças, jovens e adolescentes da nossa sociedade. Estou atuando nos seguintes segmentos comunitários: Associação de Mulheres Esperança no Campo, Associação de moradores e agricultores de Alto Paraju (AMALPAR), Conselho da Igreja Católica de São Sebastião em Alto Paraju, na Associação Escola comunidade (AEC) na EMEF Alto Paraju e estou atuando também na causa animal de Domingos Martins apoiando o trabalho da Associação Martinense e Florianense dos animais de rua (AMAR) em proteção a animais abandonados e de maus tratos. Sobre a Licenciatura em Educação do Campo, fiquei sabendo do curso através da minha cunhada que trabalhava na UFES e que me ajudou na inscrição e no incentivo. Para participar do curso minha vida teve que ser toda reorganizada

principalmente com o meu trabalho, deixava sempre alguém no meu lugar na escola para auxiliar a pedagoga nas demandas com professores e estudantes, na minha casa tudo teve que ser reorganizado também como a alimentação do esposo, cuidado com os animais e cuidados com a higiene da casa, mas durante os 4 anos tive muita ajuda da minha sogra e dos meus familiares. Quanto ao curso, tudo era muito novo, porque os professores, as atividades e o tempo comunidade era baseado nos trabalhos realizados nas EFAs e eu não tinha essa experiência ainda. Com o tempo tudo foi sendo dialogado, consegui fazer grupos de estudos com colegas de Domingos Martins e realizar as pesquisas do tempo comunidade com êxito. Essas atividades dialogavam com a teoria proposta em sala de aula e cada professor fazia as questões de acordo com sua disciplina. Algumas vezes eu não conseguia ir no transporte que a UFES oferecia por causa do meu trabalho, tinha que ir de carro próprio ou de carona. Nós tínhamos direito a hospedagem em hotel e não era sempre no mesmo local, porque dependia sempre de licitações mensais, só ficávamos sabendo na semana do Tempo Universidade (TU). A alimentação era no restaurante universitário (RU) da UFES e a cada semestre ganhávamos os créditos para usar no restaurante. O Tempo Comunidade (TC) me trazia muita alegria porque eu pesquisava a minha realidade, lugar que antes não tinham registros escritos. Quando terminava o semestre, tínhamos uma apostila escrita por nós da comunidade de Alto Paraju e de demais comunidades vizinhas. Eu ficava muito orgulhosa, porque se eu não estivesse na UFES e nesse contexto campesino talvez não tivesse feito tantas pesquisas, a universidade nos desafiava a realização de novos conhecimentos a cada TU.”

São cinco histórias de vida marcadas por desafios que, por vezes, impedem a continuidade dos estudos naquele momento. Inclusive muito parecidas com o relato dessa pesquisadora no item 1.1 onde é explicado a origem do tema relacionado a sua trajetória de vida, profissional e acadêmica. Caldart (2003, p. 70) contribui com essa questão, fazendo a seguinte análise:

Lutadores do povo, que não estão preocupados apenas em resolver os seus problemas, conquistar os seus direitos, mas sim em ajudar a construir uma sociedade mais justa, mais humana, onde os direitos de todos sejam respeitados, onde se cultive o princípio de que nada é impossível de mudar.

Exemplos como esses nos mostram o quanto é importante intensificar a luta para garantir o direito à Educação do Campo na Educação Básica e na Educação Superior. Mas ainda

precisamos nos indagar, quantos outros sujeitos do campo que não conseguiram e não conseguem se formar na universidade pública?³⁹

5.2 RODA DE CONVERSA: PRÁXIS PEDAGÓGICA DAS EGRESSAS

No dia quatro de abril de 2020, às 18h, realizamos uma roda de conversa via meet com as egressas da LEdoC/UFES que atuam nas escolas da rede municipal de ensino de Domingos Martins, com o objetivo de investigar as aprendizagens obtidas na Licenciatura em Educação do Campo que podem ser evidenciadas em suas práxis pedagógica. Alguns pesquisadores do grupo de pesquisa – Culturas, Parcerias e Educação do Campo (CNPq) também participaram desse momento.

Após as boas-vindas relatamos a trajetória da pesquisa e pesquisadora: o início do mestrado, as disciplinas cursadas, encontros com o grupo de pesquisa, orientações com o Prof. Erineu Foesrte o encontro com a mestranda Alessandra e a doutoranda Soraya para a realização da pesquisa em rede, seminários fora da Universidade, o encontro com os estudantes da LEdoC no município de Domingos Martins, o exame de qualificação e os desafios encontrados nesse percurso.

A roda de conversa foi denominada de ***“Práxis Pedagógicas das Egressas da LEdoC/UFES no município de Domingos Martins/ES”*** e o diálogo proposto teve como objetivo trazer suas vozes a partir do tema gerador, sobre o perfil do profissional defendido pelo curso e que estão expressos no PPC do curso UFES (2013, p. 11) e o mundo do trabalho.

- 1- Gestão de Processos Educativos Escolares e do fazer por área do conhecimento;
- 2- Gestão de Processos Educativos Comunitários e
- 3 - Ingresso e Permanência no Mundo do Trabalho.

As egressas se apresentaram, dizendo o nome, a escola e turmas, em que atuam e a área do conhecimento escolhida na licenciatura para atuação. O diálogo foi bem leve, produtivo e o grupo de pesquisa contribuiu com as reflexões.

³⁹ A dissertação “Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo: diálogos interculturais com povos e comunidades tradicionais” (2021) apresenta tensionamentos e resistências quando outras vozes de sujeitos invisibilizados historicamente dos processos educativos potencializam culturas e saberes populares na universidade, contribuindo com essa indagação.

Essa seção do texto tem o intuito de responder os dois últimos objetivos específicos da pesquisa. Iniciamos a análise da relação da práxis pedagógica das egressas da LEdoC/UFES com o referencial teórico e as proposições do curso expressas no PPC. Em seguida, analisaremos também as contribuições da LEdoC/UFES no fortalecimento da Educação do Campo no município de Domingos Martins/ES.

Para a análise da relação da práxis pedagógica das egressas da LEdoC/UFES com o referencial teórico e as proposições do curso expressas no PPC, vamos partir do perfil do profissional pretendidos pelo curso e que estão expressos no PPC do curso UFES (2013, p. 11)): a) Gestão de processos educativos escolares; b) Docência em uma das áreas de conhecimento propostas pelo curso: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura e Educação Física) e Ciências Humanas e Sociais (História, Geografia, Ciências Sociais e Filosofia); c) Gestão de processos educativos nas comunidades e o mundo do trabalho.

Após uma análise das contribuições das egressas e do grupo de pesquisa no decorrer dos diálogos da roda de conversa, foi possível, a partir do último objetivo específico dessa pesquisa, analisar se as falas evidenciam as ações realizadas pelas egressas da LEdoC/UFES em três dimensões: 1- Inserção das egressas nas escolas do campo, sua atuação a partir das áreas do conhecimento, e gestão de processos educativos escolares; 2- Atuação das egressas em processos educativos comunitários e 3- Desafios que envolvem o ingresso e permanência no mundo do trabalho.

No decorrer das análises, usaremos trechos transcritos na íntegra das falas das egressas no desenvolvimento do diálogo na roda de conversa e da participação dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa “Culturas, Parcerias e Educação do Campo”. Alguns dos pesquisadores são estudantes ou egressos da LEdoC/UFES (Rainei Rodrigues Jadejiski, Alessandra Reinholz Velten e Mateus Fornaciari), outros colaboraram falando da organização do município em que atuam em relação a Educação do Campo e a Licenciatura em educação do Campo (Ozana Luzia Galvão Baldotto, Josiléia Curty de Oliveira e Roseli Gonoring Hehr).

5.2.1 Inserção das egressas nas escolas do campo, sua atuação a partir das áreas do conhecimento, e gestão de processos educativos escolares

Nesta dimensão, a análise trata da relação entre o perfil defendido para a formação das egressas e as ações realizadas por elas. Caldart (2012) defende que a docência multidisciplinar em uma

das áreas do conhecimento propostas pelas LEdoCs integra o perfil profissional desejado. Entendemos essa dimensão: “como formação para a educação dos sujeitos das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, para a construção do Projeto Político Pedagógico e para a organização do trabalho escolar e pedagógico nas Escolas do Campo” (CALDART, 2012, p.99).

Na área escolar, identificamos o predomínio do exercício da docência entre as egressas. Notamos a feminização como uma característica prevaiente, desde o encontro com os LEdoC’anos que atuavam em Domingos Martins, já constatamos o número maior de mulheres. Apesar da alternância ser um princípio fundamental que pode garantir o ingresso e a permanência das mulheres no curso, um dos elementos apontados pelas egressas como uma dificuldade para concluir os estudos foi a questão de gênero.

“Na época eu tinha uma filha pequena em casa, então era muito difícil passar três dias fora de casa.” (Luceni)

“Nesse período eu morava sozinha com meu filho, eu tinha acabado de me divorciar. O meu ex-marido não gostava que eu estudasse e eu gostaria muito de fazer uma faculdade, era o meu sonho. Por isso meu relacionamento não deu certo. Então pra eu ir pra faculdade eu tinha que pagar alguém para ficar com meu filho e pagar alguém para ficar no meu lugar no posto de gasolina que eu trabalhava como frentista.” (Simone)

Em muitas comunidades campesinas as mulheres ainda são submissas e não conseguem ter a liberdade para estudar e sair de sua comunidade, sem estarem acompanhadas de seus maridos. A egressa explica que foi necessário o rompimento do vínculo conjugal para a continuidade dos estudos. Isso é fruto de uma cultura enraizada na sociedade brasileira, que historicamente vem excluindo as mulheres do mundo do trabalho e da liberdade de ser e fazer o que almejam.

Todas estão atuando em escolas do campo, as egressas Patrícia, Luceni e Malena trabalham com as turmas dos anos finais do ensino fundamental e em áreas coincidentes com sua habilitação na LEdoC. Observamos que a egressa 01 escolheu a área das Linguagens, porém atua na escola Família Agrícola como professora de História. Segundo ela:

“Atuo também com história na escola família, mas já vem de outra licenciatura que eu tinha cursado a distância. Me ajudou muito a integrar os conhecimentos, pois sabemos a importância da interdisciplinaridade, mas atuando com os componentes juntos, na mesma área, na licenciatura facilita ainda mais esse trabalho.” (Patrícia)

E a egressa Claudina, atua na gestão escolar desde o início do curso e a escola atende estudantes desde a educação infantil até o nono ano:

“Atuando como gestora na EMEF Alto Paraju desde 2014 sempre estamos planejando e dialogando com a equipe de professores e famílias estudantes e SECEDU[...]”

A egressa além de atuar do 6º ao 9º ano, trabalha também com a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental e com a disciplina de Arte, como a carga horária da disciplina é pequena por turma, para acumular uma carga horária para trabalho em uma mesma escola, precisa trabalhar para além dos anos finais do ensino fundamental.

Sobre a atuação das egressas, nota-se que corresponde ao que Caldart (2010) pontua sobre a proposta pensada para o perfil docente do curso, para atuar na docência por áreas de conhecimento nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, para a gestão de processos educativos escolares e para a gestão de processos educativos comunitários no meio rural.

A egressa Patrícia foi indagada sobre a diferença entre as outras graduações que já possuía e a LEdoC, rapidamente respondeu:

“Totalmente diferente. Embora haja pessoas que acabam confundindo a licenciatura como se fosse a distância, mas é outra coisa, não tem nem como comparar, porque a universidade de história que eu fiz era a distância o contato fica muito longe do professor, dos colegas, aí você acaba estudando sozinho. Na LEdoC não, lá é assim com tudo integrado, tem aquela convivência com os colegas, têm os intervalos, é tanta troca de informação, com tantas realidades diferentes, então você não troca só na hora da sala de aula é a todo momento. São com os temas, as questões dos planos de estudos que a gente fazia, a auto organização, então é totalmente diferente.”

Molina (2015) nos adverte acerca dos perigos possíveis que a modalidade de Educação a Distância pode trazer à Educação do Campo, “inadequada tal proposição, pelo pensamento de que as especificidades da Educação do Campo não teriam espaço na vigência dos processos de formação docente”. E Hehr (2015) nos ajuda a

“fazer uma reflexão sobre a Formação Inicial dos Educadores que, apesar de a legislação (LDBEN 9394/96) e dos documentos oficiais (PCNs) garantirem direitos aos educandos camponeses, os cursos de licenciatura mostram-se ainda bem genéricos, priorizando os saberes profissionais (TARDIF, 2002) que, atendendo a uma lógica urbana (Arroyo, 2007) ignoram realidades, culturas, saberes daqueles que buscam a escola pública do campo e não se encontram nessa escola, não falam a mesma —língua, não tem os mesmos interesses. Assim, muitos sujeitos do campo, ainda hoje, se afastam, abandonam, evadem e não usufruem da escola pública de nosso país, por inúmeras razões, mas também por não verem nesse espaço sentido para sua vida. (Hehr, 2015, p. 134)

Realidade bem diferente da apresentada pela organização da LEdoC/UFES, já citada por Patrícia. E ela continua contando sobre o divisor de águas que esse curso foi em sua vida, o antes e o depois de sua entrada na Licenciatura:

“A minha realidade é toda camponesa. Sempre morei na roça como a gente ouve falar por aqui... Sempre foi no campo... Estudei em escola multiseriada, estudei na Escola

Família Agrícola e depois fui para o Polivalente, escola do Centro. Já fiz duas licenciaturas, só que a distância. Até que conheci a licenciatura da educação do campo e lá eu fiz então, a área de linguagens. Existe a Patrícia antes da licenciatura e existe a Patrícia depois, porque tem uma mudança muito grande de pensamento: no campo político, no campo social, em todos os sentidos eu mudei, a todo momento no curso participávamos das problematizações e reflexões e eu mudei muito. E a licenciatura me fez perceber sempre o lado do outro, essa empatia, isso a licenciatura mexeu muito comigo, enxergar as minorias, descortinar muitas coisas no âmbito da política, que a mídia passa para gente de outra forma. A licenciatura também me fez acreditar que, por exemplo, o mestrado seria possível. Se não, acredito que eu não teria pensado no mestrado, tanto é que eu nem sonhava em pisar na universidade antes da licenciatura. E por mais que eu já tenho essa trajetória de vida no campo, na prefeitura pela secretaria de educação a gente já vinha fazendo formação sobre a educação do campo antes de entrar na licenciatura, mas chegar lá na universidade e ver que tinham mais pessoas ainda, que falavam e pensavam da mesma forma que a gente, até que ampliavam muito mais o discurso. Foi fascinante ver tantas pessoas falando do mesmo assunto de educação do campo dentro da Universidade, pessoas que eu não conhecia.”

Aborda também outras questões que se tornaram reais em sua vida, como o ingresso no Mestrado Profissional. Refere-se sobre a formação continuada ofertada aos profissionais da rede municipal de Domingos Martins sobre Educação do Campo. Nickel (2016) defende que a formação continuada ofertada por este município não interfere apenas na vida do professor enquanto sujeito profissional, mas também enquanto sujeito humano. Ou seja, todo o trabalho conduzido objetiva provocar mudanças na prática do professor e na relação com os estudantes.

O pesquisador Rainei que também é egresso da LEdoC/UFES, colaborando com a egressa Patrícia, fala sobre o olhar sensível e diferenciado que passou a ter com os estudantes e os professores após o curso:

“Eu já atuava na educação alguns anos quando eu entrei na licenciatura em educação do campo, já tinha feito alguns cursos na área de pedagogia da alternância, durante o momento da licenciatura em educação do campo cheguei a atuar em uma escola comunitária rural. E a grande contribuição da licenciatura em educação do campo para minha prática pedagógica foi esse olhar sensível e diferenciado que eu passei a ter com os estudantes do campo. Eu acredito que a licenciatura em educação do campo fez esse olhar ficar um pouco ainda mais aguçado, então muitas coisas que eu não fazia, aquela sensibilidade que eu não tinha antes da licenciatura, eu passei a ter depois. Me refiro a sensibilidade na hora de você planejar uma aula considerando que você tenha estudante do campo e da cidade, na hora de você planejar um momento avaliativo, enfim mudou demais. E como gestor, com certeza a licenciatura em educação do campo também influencia a minha prática e na prática dos professores que eu acompanho, porque quando a gente vai participar de um planejamento por área a gente leva toda essa sensibilidade com os estudantes do campo para esse planejamento, a gente faz reflexões o tempo todo. Eu sempre brinco e digo que eu saí da escola do campo, mas a escola do campo não sai de mim, eu acho que essa é a grande marca da licenciatura em educação do campo. Quem passa por ela, realmente se transforma não fica do mesmo jeito.”

Caldart (2004) afirma que a Educação do Campo pensa em uma formação universal dos seres humanos e assume como particularidade o vínculo com sujeitos sociais concretos e com um recorte específico de classe. Assim, preocupa-se com a formação humana dos trabalhadores e trabalhadoras do campo.

O pesquisador Mateus que também é egresso da Licenciatura em Educação do Campo/UFES também se manifestou acerca da importância do curso na sua prática:

“Eu percebo que nos primeiros anos em que eu estava na universidade eu tinha uma angústia metódica muito grande porque eu atuava numa escola estadual, convencional, ensino conservador, bem tradicional, positivista, recortada, isso causava uma estranheza muito grande porque havia uma discrepância entre a realidade pedagógica, filosófica, política, da Universidade com a minha prática. Depois que eu migrei para as escolas famílias agrícolas da rede MEPES em que adota uma pedagogia da alternância essa discrepância deixou de existir. Tudo aquilo que a gente aprendia na, se é que eu posso usar esse termo, teoria dentro da Universidade, fazia sentido na prática...”

A pesquisadora Alessandra nos mostra um exemplo de como a LEdoC/UFES subsidia a sua prática enquanto pedagoga:

“Estava conversando sobre o plano de ensino e o plano de estudo da escola com um dos professores e eu falei sobre a terra, que a gente poderia inserir a sustentabilidade e a insustentabilidade. Precisamos entender que hoje o planeta terra é insustentável tanto nos aspectos humanos quanto nos aspectos ambientais e fazer esse paralelo. Então ele falou: eu não entendo porque, essa escola é do centro e porque tem que trabalhar a questão da terra? A gente não planta...Aí eu tive subsídio para falar com ele sobre a divisão de terras, sobre a lei de terras, eu consegui convencê-lo que a gente precisa trabalhar esse território e que precisa trazer essa identidade para dentro da escola. Então esse é um exemplo prático, de como a LEdoC me deu a teoria para implantar na prática.”

A egressa Luceni também fala de sua prática:

“Sou professora de arte nessas escolas e acho muito importante trazer sempre a realidade dos estudantes para a minha prática visto que eles vêm de comunidades diferentes.”

Analisando as contribuições das egressas, entendemos que estão conseguindo trabalhar de forma interdisciplinar e coletivamente, isso nos mostra que estão colocando em prática os ensinamentos da LEdoC nas escolas em que atuam. Segundo BRITO (2017, p. 188) a interdisciplinaridade é fundamental na formação dos professores para promover mudanças significativas em busca de uma formação integral. Isso requer a busca constante por um trabalho coletivo que supere a lógica do trabalho isolado e individual.

Além de buscarem caminhos para promoverem o diálogo dos conhecimentos ou das ações realizadas pela escola com a realidade dos educandos, de suas famílias e da comunidade. Notamos um movimento dialético do conhecimento, imbricados os processos de ação-reflexão-ação (FREIRE, 2011) da realidade dos sujeitos, vinculados às suas experiências, a sua dinâmica e interação social.

5.2.2 Atuação das egressas em processos educativos comunitários

Para essa dimensão, analisaremos a outra pretensão da licenciatura em Educação do Campo que analisamos é sobre a habilitação para a Gestão de Processos Educativos Comunitários. Para CALDART (2012, p. 99) essa dimensão significa “preparação específica para o trabalho pedagógico com as famílias e/ou grupos sociais de origem dos estudantes, para liderança de equipes para a implementação de projetos de desenvolvimento comunitário sustentável”.

Vamos focar no envolvimento do egresso com a transformação social e inserção na vida comunitária na perspectiva transformadora; na ocupação do contexto de lutas e posicionamentos políticos críticos ao atual status quo; no fortalecimento da identidade camponesa e elevação dos níveis de consciência em relação à própria realidade.

A egressa Claudina nos conta sobre sua atuação em escolas camponesas e o trabalho de valorização desse espaço que realiza com os estudantes:

“Aprendi com meus pais a cuidar da terra, valorizar e plantar nosso próprio alimento, cuidar das plantas e dos animais que estão inseridos nesse contexto. Já venho atuando em várias áreas da educação desde o ano de 1994 e sempre em escolas camponesas ensinando crianças, jovens e adolescentes a lutar por seus direitos sem ter que abandonar o lugar que vivem.”

Essa fala nos mostra o reconhecimento da egressa enquanto sujeito pertencente ao território no qual a escola e seus estudantes estão inseridos.

“Atuando como gestora na EMEF Alto Paraju desde 2014 sempre estamos planejando e dialogando com a equipe de professores e famílias estudantes e SECEDU...” para realizarmos vários trabalhos que dialogam teoria e prática, interdisciplinares, pesquisa e produção da realidade camponesa, à busca pelo direito e qualidade de vida no campo e a importância de estar inserido em associações e de ser líder, percebemos que cada ano temos novos desafios na educação camponesa e que não devemos desistir de uma educação de qualidade e justa para todas as crianças jovens e adolescentes da nossa sociedade.”

A egressa pontua que atuando como gestora, reconhece a importância de se envolver com a realidade vivenciada pela comunidade, fala de uma educação que vai além da escola. Segundo Molina (2002),

Nas ações educativas, entendidas estas não só como aquelas que se desenvolvem nos espaços escolares, mas principalmente, as que se desenvolvem nos espaços pedagógicos, formativos por excelência, das lutas sociais, das negociações, das ocupações, das caminhadas e marchas, das atividades culturais. A Educação do Campo, não podemos esquecer, é muito maior que a escola. Ela se realiza também na escola, porém, por ter como preocupação central a formação em sua plenitude, dos seres humanos, ela envolve a vida como um todo. (MOLINA, 2002, p. 30)

Trabalhando no sentido da fala da Molina (2002) a pesquisadora Alessandra nos conta sobre a necessidade de se trabalhar com os professores aspectos de empoderamento e de lutas de base:

“Outro aspecto importante que mudou na minha prática é meu olhar com os professores, um olhar de docente desestruturado no sentido de formação de luta, formação de professores militantes. Assim observo dentro do diagnóstico que eu fiz na escola que os professores estão cansados, muito desunidos em todos os sentidos, principalmente pelas lutas salariais, pelos aspectos de empoderamento, de aspectos de luta de base mesmo, então do mesmo jeito que a gente faz esse movimento com os estudantes é preciso fazer com os professores também. A união para realmente ter esse empoderamento da militância, da luta pelos nossos direitos, por tudo o que nos foi tirado durante esse governo bolsonarista. Além dessa frente com os professores, temos também a organização dos estudantes. Dentro do nosso currículo tem a questão do protagonismo estudantil, do conselho escola, de todos esses elementos que fortalecem a autonomia da escola. E eu chego a uma escola que tem pouca autonomia, que tem pouco discurso de base, discurso político, não toma as suas decisões e normalmente recorre a secretaria municipal de educação.”

Também encontramos em suas falas, pistas de como a LEdoC pode ajudar frente a essa problemática:

“O movimento que a licenciatura pode fornecer é esse movimento, de realmente fortalecer esse conselho escola, fortalecer o movimento estudantil, para que realmente a escola possa ter autonomia nas tomadas de decisões e não depender da secretaria para responder por certos assuntos. Então trazer esse conselho para dentro da escola, fortalecer os jovens, porque não tinha por exemplo reuniões de auto-organização. Eles fazem as lideranças e fica por isso mesmo, mas o que é formar um jovem representante de turma? Como ele pode colaborar nas decisões da escola? Então isso tudo como coordenadora pedagógica venho fazendo esse trabalho, mas às vezes, ainda escuto dos professores: porque que a gente tem que deixar 30 minutos toda semana para o meu estudante se organizar? Então respondo: sim... precisa, porque ele precisa desse protagonismo, ele precisa estar inserido nas decisões, ele precisa organizar uma reunião, ouvir os estudantes para trazer para mim. Então não é perda de tempo, nós estamos construindo a autonomia e a emancipação desse sujeito. Quando a gente tem uma fala dessa na hora do recreio, eu me vejo totalmente LEdoC'ana, defendendo todo esse processo de construção e é um processo lento, não é um processo rápido, exige tempo tanto dos professores e estudantes, quanto da coordenação pedagógica.”

A Educação do Campo constitui-se como uma proposta de educação que parte da realidade local, considera os estudantes como protagonistas do processo educativo, a fala da egressa Patrícia nos confirma esse compromisso:

“Então foi muito importante para mim a licenciatura e para minha prática, até de um outro olhar para o estudante para o que ele passa para chegar ali na escola e não achar que é só estar ali sentadinho na cadeira e pronto, acabou..., mas vê tudo que ele passa para chegar ali. Essa sensibilidade mesmo... Ter empatia... E tentar conhecer melhor a realidade dele para então ver como que a gente pode estar fazendo intervenções e mediando o conhecimento. Seria mais nesse sentido mesmo, a licenciatura é assim não tem nem palavras, é emocionante o que que ela fez para minha vida.”

A Egressa Luceni fala de sua participação no MPA:

“Durante sete anos participei do movimento social MPA, aprendi a fazer místicas, participava das organizações e ajudava a montar as cestas básicas. Até conquistei a minha casa através do Projeto Minha Casa, Minha Vida. Apesar de ser um movimento muito bom de participar, a uns três anos eu tenho me afastado devido à distância e a própria correria do dia a dia.”

Arroyo (2004) nos explica sobre o papel dos movimentos sociais na construção da Educação do Campo no Brasil:

O movimento social no campo representa uma nova consciência do direito à terra, ao trabalho, à justiça, à igualdade, ao conhecimento, à cultura, à saúde, e à educação. O conjunto das lutas e ações que os homens e mulheres do campo realizam, os riscos que assumem, mostram quanto se reconhecem sujeitos de direitos (ARROYO, 2004, p. 73).

O papel dos movimentos sociais é colaborar para que o curso possa ser bom para os seus sujeitos e, também, contribuir nos momentos de reivindicações de melhores condições de funcionamento, melhoria para os alunos, no sentido de incentivar os filhos a também entrarem na luta pela qualidade da formação dada pela licenciatura e pela continuidade do curso. Segundo Arroyo (1999), o papel dos movimentos sociais junto às escolas do campo tem sido de grande relevância na luta pelo direito dos camponeses à educação de qualidade.

O pesquisador Mateus afirma que a formação obtida na LEdoC/UFES o tornou um “intelectual orgânico” (Gramsci, 1991):

“... ou seja, a teoria, as problematizações praxiologias da Universidade iluminava minha prática pedagógica dentro da sala e a prática pedagógica e política traziam elementos que nutriam essa reflexão dentro da própria universidade. Eu percebo que a universidade contribuiu grandiosamente tanto na perspectiva epistemológica como na perspectiva de Identidade do sujeito. A Universidade trouxe muitas contribuições para mim, que eu posso traçar, tentar levantar alguns elementos é essa visão de mundo, essa ideologia do intelectual orgânico de Gramsci, ver o mundo a partir da sua classe de forma problematizada e de forma intelectual. Isso permite com que eu faço da minha prática política e pedagógica em sala de aula um momento de reflexão praxeologia e de forma intelectualizada, de forma autônoma e isso permite com que a prática ela torne-se mais contextualizada, mais revolucionária, contra hegemônica e assim por diante. Isso de forma filosófica. A forma com que isso se materializa na minha prática através dos elementos, alguns da pedagogia da alternância outros vinculados mais a educação do campo como auto-organização dos estudantes, autonomia dos estudantes dentro da própria universidade e isso marcou bastante a nossa formação até mesmo esse avanço no planejamento por área.”

Segundo Molina (2014), a Licenciatura em Educação do Campo têm essa perspectiva de formar educadores camponeses que possam atuar nessas escolas, como intelectuais orgânicos da classe trabalhadora (GRAMSCI, 1991) contribuindo, por sua vez, com a formação crítica dos educandos que passem por essas unidades escolares, dando-lhes condições de compreender os modelos de desenvolvimento do campo, em disputa, como parte integrante da totalidade maior da disputa de projetos societários distintos, entre a classe trabalhadora e a capitalista (MOLINA, 2014).

A pesquisadora Alessandra ressalta a importância da pesquisa em sua formação e apresenta o Caderno da Realidade como uma ferramenta para a sua construção:

“...então antes de me formar professora de história eu me formo pesquisadora e eu tenho consciência de que sempre eu vou estar buscando, eu sempre vou estar em formação, sempre vou estar aprimorando minha prática, estudando, lendo e buscando. Por isso que o caderno da realidade é tão importante, porque ele dá esse apoio, essa ferramenta de construção de pesquisa e a partir da pesquisa, as produções de leitura, de escrita e ali vai desenvolver no meu trabalho independentemente da disciplina que eu vou atuar em que espaço tempo eu vou estar atuando. Então eu sempre vou estar falando sobre assuntos atuais, sempre vou estar dialogando com a realidade dos meus estudantes e buscando ações para transformar aquele espaço onde eu estou, o mundo, onde precisar se transformar.”

A alternância é um ponto chave para a relação teoria e prática que é realizada nas escolas do campo, sobretudo quando se utilizam os instrumentos pedagógicos para a inserção orientada. O caderno da realidade é um instrumento pedagógico para este registro. Por meio da Alternância na Educação Superior, os estudantes da LEdoC são levados a realizar pesquisas em suas comunidades desde o primeiro semestre do curso, fazendo a interlocução da teoria com a prática.

5.2.3 Desafios que envolvem o ingresso e permanência no mundo do trabalho

Nesta dimensão, analisaremos à maneira como as egressas da LEdoC/UFES interagem no mundo do trabalho, CALDART (2012, p. 102) afirma que o curso não propõe “um estudo separado do foco de profissionalização, como uma espécie de formação geral, de qualquer forma necessária à preparação de educadores, atuem eles no campo ou na cidade”. Segundo ela, esse debate não prescinde da necessária tomada de posição em relação ao confronto e à luta de classes e os dilemas e contradições que envolvem o mundo do trabalho.

O pesquisador Rainei observa o lugar da Licenciatura em Educação do Campo no Edital do Concurso Público realizado pela SEDU em 2022:

“A gente observou nesse último concurso que a licenciatura em educação do campo não foi contemplada no edital, um grupo de professores da Universidade entrou com recurso, eu também entrei com recurso, mas o nosso recurso foi indeferido. E mais uma vez nós tivemos a participação dos egressos da licenciatura em educação do campo negada em um concurso. Os processos seletivos da SEDU até consideram a licenciatura em educação do campo, mas para algumas escolas específicas, no final do edital tem um anexo com as escolas consideradas do campo de acordo com a SEDU e de acordo com o IBGE. Os egressos só podem concorrer para aquelas escolas específicas, assim a gente ainda percebe muitas injustiças nos processos seletivos, muitos desalinhamentos, enfim a gente percebe que ainda falta muito reconhecimento perante ao poder público da licenciatura.”

Reconhecendo as injustiças sofridas e a falta de reconhecimento do Poder Público em relação à formação obtida na LEdoC/UFES, observamos um posicionamento do egresso frente a realidade enfrentada, mas de forma coletiva.

A pesquisadora Alessandra explica que existe um movimento nacional de estudantes para inserir a Licenciatura nos concursos públicos e editais de processos seletivos:

“É um movimento nacional, a gente tem as LEdoCs nacionais que é o movimento de estudantes em nível nacional, que vem lutando para realmente a licenciatura ser inserida nesses concursos e editais. Então a dificuldade não é só no nosso estado, mas em todos. Perante o MEC o nosso curso é legítimo, nosso curso é reconhecido pelo MEC, contudo nos editais a gente vem sendo excluídos. Não está sendo colocado educação do campo como pré-requisito do diploma, então retira-se e coloca apenas geografia ou de história e não coloca a área de formação que é ciências humanas e sociais, por exemplo. Estamos sendo excluídos nacionalmente, infelizmente está muito triste, mas a gente tem uma militância, uma luta política para que nossos diplomas sejam reconhecidos. Eu fico pensando: Qual é a diferença do nosso diploma da licenciatura em educação do campo do diploma de história de uma faculdade privada, paga e a distância? Qual a diferença? Precisa fomentar um estudo que analisa os dois currículos para saber qual a diferença. Eu não vejo a diferença, porque eu já fiz a formação em pedagogia e agora estou fazendo a licenciatura, hoje o conhecimento que eu estou adquirindo na licenciatura é muito maior do que a faculdade que eu fiz presencial. Então não é a faculdade que ensina você a dar aula, eu aprendi a dar aula no magistério, no antigo magistério que ensinava realmente a gente dar aula e a fazer estágio. A faculdade hoje em dia não ensina a gente dar aula, ensina os conhecimentos básicos, a busca, a pesquisa, como você vai atrás desse conhecimento, como você vai construir esse conhecimento com os estudantes. Então, isso que a universidade dá para gente, então se eu entrar em uma sala de aula para dar aula lá em Vitória ou dar aula aqui no campo, o meu movimento vai ser igual, porque vai ser um movimento de militância, de luta, eu vou trazer aspectos para pensar na estrutura da realidade como um todo, global, não só aquele conhecimento específico que está ali no livro didático. Trazendo realmente a criticidade para dentro da sala de aula, são lutas que a gente precisa ainda se concretizar e através de pesquisas como as nossas, vamos construindo e mostrando que realmente a licenciatura pode atuar tanto no campo quanto na cidade e esse reconhecimento de diploma precisa vir e é uma questão urgente de luta.”

A pesquisadora Roseli afirma que o município de Domingos Martins, aceita o diploma da Licenciatura em educação do Campo nos processos seletivos dentro das áreas de conhecimento:

“...aqui em Domingos Martins, a gente considera o curso. Nós aceitamos e as pessoas que apresentam seu diploma no processo seletivo, a gente considera a certificação e quem tem na área de linguagens consegue escolher para arte ou quem é da área de humanas consegue escolher para geografia ou para história, então assim nós valorizamos e apoiamos todos os nossos professores aqui do município que participam da LEdoC e aceitamos essa certificação. Como Alessandra falou que é uma luta nacional e isso me faz acreditar que outros lugares também ou muitos outros lugares não aceitam...E aí é desmerecer toda uma formação, todo o investimento público também, uma vez que a universidade oferta esta formação ela não pode ser desconsiderada.”

A pesquisadora Ozana relata sua experiência no município de São Mateus sobre o trabalho que este município desenvolve nas escolas e os processos seletivos:

“Eu sou de São Mateus, trabalho na rede municipal, a gente tem o trabalho de educação do campo e os processos seletivos trazem a licenciatura em educação do Campo por área de conhecimento. Nós temos as alternâncias, um trabalho do sexto ao nono ano e a organização curricular das alternâncias também por área de conhecimento. A contratação acontece dessa forma. O município ainda não teve um concurso específico, no último concurso que teve não abriu a vaga das alternâncias dessa modalidade porque

o concurso não atende a especificidades. Então o município deve ao coletivo um concurso específico para a educação do campo.”

A pesquisadora Josiléia fala da experiência da Região do Caparaó:

“Aqui na região do Caparaó, agora que a gente tem ouvido falar em Educação do Campo. Ficamos por muito tempo sem essa abordagem. ... o campus não ofertou a licenciatura em educação do campo e também se tivesse ofertado, provavelmente teria para poucas áreas. O município de Alegre tem todo o Ensino Fundamental 2 sob a responsabilidade do Estado e essas escolas são convencionais como o Mateus falou. Então ainda estamos caminhando, começando com a Escola da Terra em alguns polos aqui da região.”

No decorrer desse estudo já falamos sobre a dificuldade para ofertar o curso da Licenciatura em Educação do Campo em Alegre, este município não apresentou demanda para este curso, apesar da demanda estimada por formação de professores do campo na região ser grande. Isso nos mostra que precisamos conquistar esse espaço institucional de cursos que dialogam com os sujeitos do campo. As discussões sobre Educação do Campo estão fluindo devagar nesse contexto, com a oferta da Escola da Terra mediada pela Universidade.

A pesquisadora Alessandra fala sobre um outro suporte que a Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Domingos Martins poderia dar aos profissionais para cursarem a LEdoC/UFES com uma segunda licenciatura:

“Eu só queria pontuar uma questão, o incentivo da secretaria de educação para outros profissionais já formados estarem fazendo a licenciatura, sobre o suporte e o incentivo para quem já é formado em pedagogia ou em qualquer outro curso superior e quisesse fazer a licenciatura em educação do campo. Talvez não para atuar nos anos finais do ensino fundamental ou ensino médio em nosso município, mas sim para se formar como militante, como ser humano. Então todas essas outras formações que a LEdoC traz para gente, porque não é só a sala de aula que se transforma, mas a escola também como um todo. Incentivo seria assim também a liberação para a gente poder ir até a universidade no tempo Universidade, normalmente a gente tem que pagar substituta, lá na universidade a gente tem gasto também com alimentação, transporte do hotel até a universidade e compra de livros. Então tem todo outro processo por trás e ainda a gente tem que pagar a substituta para ficar no nosso lugar para dar aula, assim se tivéssemos autonomia de conversar com o diretor para fazer uma troca ou pensar em alguma situação para beneficiar esses professores, para eles poderem ter essa liberação, talvez mais pessoas poderiam estar estudando, ir para a universidade também se formar, nesse sentido de apoio financeiro mesmo.”

A pesquisadora Alessandra também discute o preconceito que os LEdoC’anos enfrentam junto aos outros profissionais em diversos lugares:

“Mas eu não poderia deixar de falar que nós que nos formamos na LEdoC sofremos preconceito sim, no aspecto de ouvir assim: “lá vem os que não sabem escrever...” E eu faço uma crítica aqui, pontual, que isso acontece com o nosso curso que é a distância, muitas pessoas acham que a gente vai para a universidade para brincar e a gente não tá brincando, o trabalho que a gente faz é muito sério. Nós temos muitas leituras, muitos estudos, muitos debates, a gente conversa sobre tudo, sobre diversidade, sobre sexualidade, sobre preto, quilombola, sobre indígena. Então a gente tem uma gama de conhecimento muito grande adquirido na universidade, então você pode falar qualquer

coisa que a gente vai ter bagagem para dialogar sobre o assunto e pesquisar mais se for o caso. Sobre os preconceitos que vem sendo construído pelas pessoas que se formam na LEdoC, eu vejo assim, que ninguém é perfeito, nós somos seres humanos, erramos e somos passivos e o que é mais importante na LEdoC é que eles ensinam a gente ser simples, ensina a gente entender que somos seres históricos e estamos em constante transformação. Então, se hoje eu escrevo essa palavra errada, culturalmente eu aprendi a escrever ela daquela forma e ela pode se transformar da forma certa como a língua portuguesa, pois ela é viva e está o tempo todo se modificando, a gente pode também se modificar. Esse preconceito também existe dentro do nosso próprio município que possa ser quebrado também e que os LEdoC'anos de Domingos Martins possam ser visibilizados e que tenha o seu devido valor dentro do município.”

Herh (2015) nos ajuda a compreender o preconceito citado pela pesquisadora Alessandra:

“E assim, ao inferiorizar aqueles que tardiamente tiveram acesso à educação, com todos os preconceitos que ensurdecem nossos ouvidos e cegam nossa visão, é que não ouvimos e nem vemos o que tem a nos dizer e nos mostrar o educando do campo, como também a sua família, desconsiderando os saberes desses sujeitos, ditamos conceitos, conteúdos, textos, ao ignorar o contexto campesino, onde a escola está inserida, por acreditar que importante são os conhecimentos historicamente instituídos e que não foram pensados para o educando do campo (Hehr, 2015, p.83)”.

A egressa Simone continua falando desse preconceito, em forma de questionamentos sobre a duração do curso e as habilitações por área do conhecimento em relação a outras graduações:

“Então eu gostaria de completar a fala da colega sobre preconceito que a gente vem enfrentando às vezes, não é sempre não, são questionamentos assim: como eu me formei em língua portuguesa em 4 anos e você em 4 anos em arte, educação física, literatura e língua portuguesa? Como se eu soubesse menos que a pessoa que estudou língua portuguesa em quatro anos. Essa é uma situação que a gente enfrenta...”

A formação do egresso é por área do conhecimento, segundo Caldart (2010) a princípio pensou-se em currículos disciplinares, modelo histórico nas licenciaturas, mas isso não corresponderia ao perfil do professor da Educação do Campo que se tencionava formar. Então decidiu-se por um perfil de professores para atuação na docência por áreas de conhecimento nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, para a gestão de processos educativos escolares e para a gestão de processos educativos comunitários no meio rural. As egressas foram formadas em uma lógica para se confrontar com uma organização compartimentalizada das disciplinas, mas na prática atuam em uma disciplina específica e isso se deve a atual organização das redes de ensino.

A egressa Patrícia também relata a sua experiência com um colega, também egresso da Licenciatura, que pontua algumas críticas em relação ao curso:

“Eu me sinto acolhida, mas eu cheguei a trabalhar com um colega, egresso da licenciatura também, mas vivia criticando a nossa licenciatura. Questionava o currículo do conteúdo literatura, que não prepara. Ele mesmo falando e como já tinha mais licenciaturas fez esse julgamento. Então eu comentei com ele que para a escola que a gente foi formado na licenciatura, essa escola não existe. Porque se ele estava falando numa linha conteudista, a gente não foi formado para essa linha, fomos formados para a questão da diversidade, para a questão da empatia, somos professores pesquisadores,

como já foi muito bem falado. Então podemos pensar, o que é estar preparado? Quando a gente chega na escola o que que é estar preparado: dominar todos os conteúdos ou é eu entender, saber relacionar com o próximo, ouvir as opiniões, consegui debater sem agredir ninguém, oralmente? Só um desabafo, porque eu passei por essa questão aí e a gente fica triste e percebe que ele não entendeu realmente o propósito da licenciatura infelizmente.”

A pedagogia de Paulo Freire torna-se fundamental para discutir essa questão. Para o autor, “[...] não há educação com verbalismo, nem tampouco com ativismos, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas” (FREIRE, 1987, p. 146). Assim, entendemos o professor e os estudantes como agentes de transformação e de produção de novas práticas no espaço escolar.

A pesquisadora Alessandra reflete sobre o formato de educação proposto pelo curso:

“... muitos estudantes entram na licenciatura e não conseguem entender realmente o movimento da LEdoC, da construção de um novo formato de educação que não é esse que está posto pela burguesia, pelo capitalismo que quer que a gente se forma para o mercado de trabalho, que a gente tem que dar conta que a gente tem que fazer que a gente tem que ter altas habilidades, tem que ter competência, as classificações que um é melhor do que o outro. Estamos estudando para formar uma escola que não existe ainda, então que qual nosso papel agora de egresso, quando a gente volta para as escolas? São sementinhas que a gente vai plantando dentro da escola que a gente vai tentando não reformular o currículo que tá posto porque a gente não vai dar conta disso, mas mudando de estratégias, mudando as metodologias, o jeito de humanizar as pessoas, como eu falei os representantes de estudante, trazer um pouco da auto-organização dos estudantes para os professores, para dar mais autonomia para os sujeitos que estão dentro da escola, tentar fazer a interdisciplinaridade com os professores. Então essas sementinhas que a gente vai jogando na escola que a gente vai vendo a LEdoC funcionar, a LEdoC se ativar. Não que a gente vai montar uma escola do dia para o outro com os professores todos fazendo a nossa prática, fazendo mística, fazendo dança, nós não vamos conseguir isso agora. Então isso é com um tempo e com aceitação que eles vão vendo que pode acontecer essa mudança.”

A egressa Patrícia reforça, falando da formação de professores que a LEdoC propõe:

“... é claro que quando a gente tem toda aquela visão, a gente vem assim querendo mesmo quebrar paradigmas, querendo mudar, às vezes a gente acaba se frustrando. Realmente porque a nossa formação não cabe nas caixinhas do sistema, então a gente também precisa lidar o tempo todo com essas frustrações, mas que é normal. A colega falou que são sementes, então onde a gente consegue fazer a diferença, pode até parecer simples, mas a gente já tem um tratamento diferenciado com o estudante e ele já vai perceber que tem algo novo ali. Mas também queria colocar aqui as frustrações, fazem parte porque realmente a gente não encaixa, não cabe na caixinha, então às vezes a gente se depara com desafios grandes, mas que não são impossíveis.”

Paulo Freire motiva-nos a “esperançar” e acreditar que é possível lutar por uma educação melhor, um mundo melhor. E nos diz que a palavra a ser lida (Freire 1992) deve ser precedida da leitura do mundo em um processo dialógico que fomenta a consciência crítica e a libertação dos oprimidos. Entendemos que o curso da LEdoC/UFES forma para além dos conteúdos,

transforma pessoas preparando-as para a vida de forma crítica, realizando a leitura do mundo, superando a opressão e na transformação da realidade.

No momento que realizamos o encontro com os LEdoC'anos no município no início de 2020, encontramos com alguns que estavam em cargos administrativos, mediante as falas da pesquisadora Alessandra e da egressa Patrícia, percebemos que não importa o cargo ocupado, onde os egressos estiverem vão plantar as suas sementinhas e fazer a diferença naquele lugar, pois para Freire (2002, p. 38) “[...] porque ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações apresentadas a seguir são, para nós, relevantes aproximações e compreensões acerca do objeto de estudo e dos objetivos inicialmente propostos. Entretanto, destacamos que as mesmas foram produzidas em um estudo de caso e, por isso, devem ser consideradas neste contexto, como provisórias, passíveis de questionamento e abertas a discussões permanentes e ainda, podem abrir novas discussões daqui em diante. Os processos investigativos realizados partiram de uma questão central em que buscamos problematizar quais aprendizagens obtidas na Licenciatura em Educação do Campo/UFES são evidenciadas na práxis pedagógica de seus egressos no município de Domingos Martins/ES.

Analizamos a práxis pedagógica das egressas e sua relação com o referencial teórico e as proposições formativas da LEdoC expressas no PPC de 2013, que era o projeto político pedagógico vigente no período em que as egressas eram estudantes do curso. A trajetória das egressas na Licenciatura em Educação do Campo na UFES e com a Educação do Campo relatada por elas também contribuíram com essas análises. Mediante a isso, evidenciamos na práxis pedagógica das egressas alguns pontos mais relevantes que demonstram as aprendizagens obtidas no curso e que são colocadas em suas práticas, especificidades do curso que facilitaram a continuidades dos estudos e outros que precisam ser repensados pela Universidade e os desafios que enfrentam no mundo do trabalho. Também deixam algumas pistas para a organização do município de Domingos Martins/ES no sentido de incentivar mais professores a cursarem a LEdoC/UFES, como uma segunda licenciatura e também enquanto formação humana.

As egressas vivenciaram experiências de **trabalho coletivo** no decorrer de sua formação na Licenciatura, pois essa é uma condição do trabalho por área do conhecimento. Essas vivências têm influenciado positivamente a sua práxis pedagógica, porém encontram dificuldades em estabelecer interação com os professores que não tiveram formação na perspectiva do trabalho coletivo e apresentam resistência a tal proposta. Segundo Ferreira (2015, p. 214) o trabalho coletivo é a “força motriz na produção de conhecimentos sobre a realidade social e para enfrentamento do contexto pedagógico/formativo e do trabalho docente na Escola do Campo e na universidade”. Ferreira (2015) confirma a importância do trabalho coletivo na formação dos professores como uma forma de trabalhar com a realidade da comunidade e impulsionar a escola do campo.

O trabalho coletivo pressupõe uma forma diferente de organização da escola. As egressas relatam que trabalham de forma **interdisciplinar** e esse conceito trabalhado na LEdoC não é subjetivo, segundo Frigotto (2008) a interdisciplinaridade é como uma necessidade e um problema que decorrem da forma como o homem produz sua necessidade e sua forma social, ou seja, funda-se no caráter dialético da realidade social de produção da própria vida. O PPC do curso reforça a ideia quando diz “romper com o isolamento disciplinar, utilizando a convergência de fronteiras para leitura complexa da realidade do campo”. Essa ênfase busca formar pesquisadores, docentes, educadores com capacidade de transitar nas fronteiras, dialogar com as outras disciplinas a partir do seu conhecimento específico e compor coletivos que possam construir conhecimento a partir do trabalho coletivo.” (UFES, 2013, p.8)

Além do trabalho coletivo, a interdisciplinaridade, as egressas também citam a importância da **pesquisa** em sua formação, citando o Caderno da Realidade como um instrumento de mediação entre a teoria e a prática. A pesquisa é um dos objetivos de formação do curso, conforme citado no parágrafo anterior, e GERKE (2020, p. 177) fala da importância do caderno da Realidade nesse processo: “o Caderno da Realidade foi assumido pelos sujeitos em formação da Pedagogia da Alternância como um arcabouço prático e teórico das produções investigativas acerca dos contextos de vida e trabalho no campo. Ele acolhe os trabalhos de análise da realidade, com atividades de produção escrita individual e coletiva, ilustrações, cartografias e questionários que tensionam situações-problema vividas.”

Amparados nas reflexões feitas até agora sobre as falas das egressas que contemplam o trabalho coletivo, a interdisciplinaridade, a pesquisa e a relação entre **teoria e prática**, podemos afirmar que estão conseguindo realizar alguma transformação nas escolas do município de Domingos Martins através de sua práxis pedagógica. Pois Freire (1997, p. 87) afirma que: “Não nasci, porém, marcado para ser um professor assim. Vim me tornando desta forma no corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas ou à prática de outros sujeitos na leitura persistente, crítica, de textos teóricos, não importa se com eles estava ou não. É impossível ensaiarmos estar sendo deste modo sem uma abertura crítica aos diferentes e às diferenças, com quem e com que é sempre provável aprender”. Assim como Freire (1997) acreditamos que nos tornamos professor por meio dos diálogos com outros sujeitos e a nossa práxis vai se modificando a partir das experiências vividas.

Sobre a **alternância**, as egressas compreendem que ela possibilita os sujeitos do campo terem acesso ao Ensino Superior e manter o vínculo empregatício nas escolas do campo. Essa

possibilidade de conciliação entre trabalho e estudo, apesar de conviver com a distância da família, foi uma das potencialidades da Alternância citadas por elas. A Alternância requer o conhecimento da realidade também por parte do professor da Universidade que tem dificuldade para se deslocar para as comunidades dos estudantes, o que ainda é um desafio na execução desse curso dado a estrutura e a quantidade de recurso financeiro limitados das Universidades Públicas.

Percebemos aqui um ponto importante a ser observado pela Universidade e também pelo Município de Domingos Martins, o de intensificar as discussões sobre a questão de gênero.

No município de Domingos Martins não é de costume as organizações serem por **movimento social**. Conforme Nickel (2016) em Domingos Martins, “o MST ainda não era visto como um movimento social que lutava por melhorias coletivas para o homem do campo, mas sim como um movimento que queria tirar as terras das pessoas sem pagar por elas”. Com o passar do tempo e com todas as discussões realizadas acerca da Educação do Campo, esse pensamento vem se modificando gradativamente. As egressas integram diferentes agências educativas: conselhos, associações, cooperativas, MPA, entre outras. Destacamos aqui a importância da formação na LEdoC/UFES para conseguir desenvolver essas organizações no âmbito do município, pois segundo o PPC um dos objetivos do curso é formar educadores para atuar na educação Básica em escolas do campo, aptos a fazer a gestão de processos educativos.

Percebemos nas falas das egressas que realizam o trabalho pedagógico na condição de intelectuais orgânicos, ou seja, com **consciência de classe**, também há uma forma transformada na Universidade que favorece a elevação dos níveis de consciência dessas egressas e possibilita situações formativas que contribuem para as efetivas práticas na transformação da forma escolar. Segundo Molina (2014), a Licenciatura em Educação do Campo têm essa perspectiva de formar educadores camponeses que possam atuar nessas escolas, como intelectuais orgânicos da classe trabalhadora (GRAMSCI, 1991) contribuindo, por sua vez, com a formação crítica dos educandos que passem por essas unidades escolares, dando-lhes condições de compreender os modelos de desenvolvimento do campo, em disputa, como parte integrante da totalidade maior da disputa de projetos societários distintos, entre a classe trabalhadora e a capitalista (MOLINA, 2014).

As egressas tem se preocupado também com a formação continuada e têm lutado para continuar seus estudos em meio à contradição da relação campo cidade, alternando entre trabalho e

estudo, na compreensão de que a **formação continuada** é uma necessidade para a transformação da formação escolar (FREITAS, 1995; CALDART, 2010). Uma delas já se formou mestre em Educação e as outras são especialistas a caminho do Mestrado.

Percebemos também que alguns fatores contribuem para a **manutenção da forma escolar atual**, difícil de ser superada dentro de um sistema capitalista, por exemplo, influência do sistema de ensino que impõem dispositivos de controle sobre o trabalho pedagógico. As egressas relatam a dificuldade encontrada quando tentam desempenhar propostas diferentes de trabalho na escola, pois tem um “sistema para seguir”. Segundo Freitas (2014), estes mecanismos muitas vezes dificultam e até impedem a efetiva participação da comunidade e maior protagonismo dos professores e estudantes. E também a formação dos outros profissionais recém chegados às escolas e que ainda não entenderam o movimento da Educação do Campo.

A pesquisa também demonstra a insatisfação dos LEdoC’anos em relação aos **editais de concurso público e processos seletivos**, que em sua maioria não reconhecem e aceitam a habilitação dos egressos. Limitam a participação dos licenciados em educação do campo por inserirem somente as formações disciplinares. O último edital de concurso público aberto pelo governo Estadual, era voltado para professores e agentes de suporte educacional, mas não contemplava egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo, apesar do diploma já ter sido aceito em editais de designação temporária.

Mediante a isso, integrantes do Comitê Estadual de Educação no Campo, em conjunto com cursos de licenciatura em Educação no Campo dos campi de Goiabeiras e São Mateus da Ufes protocolaram uma ação coletiva de professores e movimentos sociais ligados à Educação no Campo no Espírito Santo contra esse edital. Mesmo após um diálogo iniciado em 2018 com a SEDU sobre a LEdoC e o Estado ter diversas escolas do campo, o curso não foi reconhecido nesse edital de concurso público. Desde 2019 os profissionais são incluídos nos editais de Designação Temporária, nos processos seletivos de vínculos curtos e precários, os diplomas foram aceitos. Já no concurso público, o profissional não teve a oportunidade de participar.

É necessário a continuidade e ampliação das lutas coletivas na direção de um reconhecimento tanto institucional, quanto social desta habilitação, buscando articulações em todas as esferas do poder público para que o perfil desses egressos seja considerado.

Mas podemos citar o exemplo do Governo do Estado de Santa Catarina, que regulamentou o curso por meio de uma Nota Técnica Conjunta nº 03/2016-SED/DIGR/DIGP (ANEXO 1). O item 1.10 determinou que “a Secretaria Estadual de Educação contemplará nos futuros editais de chamada pública e concurso de professores que comprovem formação em licenciatura nas áreas de conhecimento”. Ou seja, reconhece as habilitações ofertadas pelas Licenciaturas em Educação do Campo.

Esse exemplo nos mostra uma conquista desse estado e aponta um descompasso frente aos outros estados que estão formando licenciados em Educação do Campo. Essa necessidade deve ser incorporada à Política Pública Nacional de Formação de Professores. Conforme Brito (2017, p. 180)

“O fato de o Estado de Santa Catarina ser o primeiro a reconhecer o curso de Licenciatura em Educação do Campo, segundo a Nota Técnica, deve-se, primeiramente, ao protagonismo de vários egressos atuando no sistema estadual de educação, e segundo, ao fato de o Estado apresentar 30% do quadro dos professores sem formação devida. Tal realidade, certamente, não é privilégio da região sul do Brasil.”

Entendemos aqui a importância da atuação dos egressos atuando em vários segmentos da educação no Município, Estado e País. Relembramos que em alguns municípios do estado do Espírito Santo a Licenciatura em Educação do Campo é incluída em seus processos seletivos, como por exemplo: Domingos Martins e São Mateus.

Além de incluir a licenciatura nos editais de processos seletivos, Domingos Martins também flexibiliza o horário de trabalho para a participação dos professores que são estudantes da LEdoC/UFES no TU com a troca de horários/dias de aula ou até a organização de professores substitutos em suas aulas. Porém notamos nas falas a solicitação de uma ajuda financeira para custear o substituto quando não é possível a troca de horários/dias, a justificativa do pedido são os gastos também com alimentação, transporte do hotel até a universidade e a compra de livros. Mesmo com os auxílios recebidos da Universidade, nota-se que ainda é difícil a manutenção no curso. Fica aqui um indicativo ao município e a Universidade para pensar/repensar formas de auxiliar os estudantes a permanecerem no curso de forma que consigam conciliar trabalho e estudo.

Um dos objetivos específicos do curso é “preparar educadores e educadoras para a implantação de escolas públicas de Educação Básica de nível médio e de educação profissional nas/das comunidades camponesas” (UFES, 2023, p. 10), prepara os docentes, mas precisamos de

escolas para que eles possam atuar. Mediante a isso, após esse estudo, apresentamos como desafio para o município de Domingos Martins a **transformação de uma das escolas multisseriadas, em uma unidade de ensino fundamental completa**, em forma de um projeto piloto para a atuação dos professores egressos da LEdoC, garantindo assim aos estudantes a possibilidade de estudarem em suas comunidades, além de promover o trabalho pedagógico com as famílias e/ou grupos sociais de origem dos estudantes, para liderança de equipes para a implementação de projetos de desenvolvimento comunitário.

Essa proposição justifica-se, pois, a Licenciatura em Educação do Campo atende à formação de docentes para os anos finais do Ensino Fundamental e em algumas escolas no campo no âmbito do município, o número de alunos nas comunidades é insuficiente para a formação de um quantitativo de turmas nos anos finais do Ensino Fundamental e que dê conta da carga horária total do professor das disciplinas específicas. Por isso, a maioria das escolas multisseriadas ofertam apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil.

Com docentes formados por áreas de conhecimento, se torna mais fácil viabilizar a criação de escolas do campo com oferta completa do Ensino Fundamental e quem sabe até da Educação Básica, visto que os profissionais, estando habilitados por áreas de conhecimento, podem atuar em mais de uma disciplina em uma mesma escola, além de contribuir com os processos de gestão das escolas e de processos educativos comunitários.

Conforme Caldart (2012) existe um desafio duplo enfrentado pela formação de educadores do campo nas LEdoCs, formar para uma escola que não existe, mesmo fisicamente, em razão da pequena oferta nas escolas do campo dos anos finais do ensino fundamental e médio, que precisa ser conquistada e ampliada quantitativamente, e transformar as escolas do campo que já existem, pois precisam passar por um processo de reconstrução pedagógica que as prepare com a participação das famílias e da comunidade e que seja adequada aos processos de produção da vida no campo. Caso o município de Domingos Martins se proponha a desenvolver esse projeto-piloto, podemos falar dessa experiência em estudos futuros.

Contudo, as contribuições que aqui decorreram poderão favorecer que outros pesquisadores continuem a analisar os egressos da LEdoC/UFES sob a referência do PPC construído em 2019 em âmbito Estadual ou Federal, dando continuidade a uma pesquisa de tamanha relevância para a Universidade e principalmente, essa geração de educadores que fazem a diferença na Educação, reescrevendo a história da educação do campo sob uma ótica de valorização do espaço campesino, direito e esperança.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G.; Bernardo Mançano Fernandes. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. Col. Por uma Educação Básica do Campo, n. 2.

ARROYO, Miguel. **A educação básica e o movimento social do campo**. In: ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica (org.). Por uma educação do campo. São Paulo: Vozes, 2004.

BOGO, A. Mística. In: CALDART, Roseli S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRANDÃO, C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, C. R. **Movimentos populares e a educação popular: algumas lembranças de cinquenta anos atrás e algumas perguntas para os dias de agora**, 2013.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento da educação popular**. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: D.O. 5 de outubro de 1988. Disponível em: www.mec.gov.br/legis/default.shtm. Acesso em: 10 de maio de 2020.

BRASIL. **Decreto n. 7352/2010, de 04/11/2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05/11/2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/decreto/d7352.htm. Acesso em 13 mai. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011b. Disponível em: Acesso em: 10 mai. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1996/9394.htm>. Acesso em 10 mai. 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB N° 36/2001, de 04/12/2001**. Referente às Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>. Acesso em 13 mai. 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CP 9/2001, de 08/05/2001**. Referentes às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de

licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18/01/2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>. Acesso em 13 mai. 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CP 1/2002, de 18/02/2002.** Referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília, 09/04/2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf. Acesso em 13 mai. 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CP 5, de 13 de dezembro de 2005.** Brasília, DF: SEED, 2005.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 1, de 15 de maio de 2006.** Brasília, DF: SEED, 2006.

BRASIL. **Parecer CNE/CP 05/2005.** Brasília: MEC/CNE, 2005.

BRITO, M. M. B. **Formação de professores na perspectiva da epistemologia da práxis: análise da atuação dos egressos do curso de licenciatura em educação do campo da universidade de Brasília.** Tese - PPGE/FE/UnB, 2017.

BRUSCHINI, C.; AMADO, T. **Estudos sobre mulheres e educação: algumas questões sobre o magistério.** Cadernos de pesquisa - Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 64, fev. 1988. 4-13.

CALDART, R. S. **Escola do Campo em Movimento.** Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp66-81, jan./jun. 2003.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra.** 1.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

CALDART, R. S. Elementos para Construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo. **Revista Trabalho Necessário**, 2(2). 2004.

CALDART, R. S. Desafios à transformação da forma escolar. In: _____ (Org.). **Caminhos para a transformação da escola: reflexões desde práticas da Licenciatura em Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2010. v. 1. 248 p.

CALDART, R. S. Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área? In: MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. (Orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo – Registros e reflexões a partir das experiências piloto.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CALDART, R. S. **Por uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção.** In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. (Orgs.). Educação do campo: Identidade e Políticas Públicas. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002. p. 25-36.

CALDART, R. S. **Educação do Campo.** In: CALDART, R. S. Et al. (org.). **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

CALDART, R. S. **Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área?** In: MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. (org.). **Licenciaturas em Educação do Campo: registros e reflexões a partir das experiências-piloto.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 95-121. (Coleção Caminhos da Educação do Campo, 5).

CAPES, **Banco de Teses Capes**. <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: janeiro, fevereiro e março de 2020.

COSTA, Eliane Miranda. **A formação do educador do campo: um estudo a partir do PROCAMPO**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

CURADO SILVA, K. A. P. C. **Epistemologia da Práxis na formação de professores: perspectiva crítica emancipadora**. In: PORTO, M. D.; SANTOS, M. L. dos; FERREIRA, J. R. R. (org.). **Os desafios do ensino de ciências no século XXI e a formação de professores para a Educação Básica**. Curitiba: CRV, 2016. p. 35-52.

CURADO SILVA, K. A. P. C. **Epistemologia da Práxis na formação de professores**. In: MOLINA, M. C.; MARTINS, M. de F. A. (org.). **Formação de formadores: reflexões sobre as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 279-298. (Coleção Caminhos da Educação do Campo, 9).

DUARTE, R. G.A **Licenciatura em Educação do Campo da Ufes e os desafios da permanência campesina no Ensino Superior**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2019.

FICHTNER, B.; FOERSTE, E.; LIMA, M.; SCHUTZ-FOERSTE, G. M. **Cultura, Dialética e Hegemonia: Pesquisas em Educação**. 3.ed. Coleção Educação & Cultura. Curitiba: Appris, 2020.

FOERSTE, E. **Universidade e Formação de Professores: Um Estudo do Fórum de Licenciatura da Universidade Federal de Goiás – 1992 a 1994**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 1996.

FOERSTE, E. **Parceria na formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2005.

FOERSTE, E. **Educação do Campo e Universidade: avaliando práticas de parceria na formação de professores**. 2013. Disponível em; <http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/ErineuFoersteComunicacaoOral-int.pdf>. Acesso em 08 de junho de 2019.

FOERSTE, E. **Pedagogia da Terra: uma avaliação qualitativa da parceria entre movimento sem-terra e universidade**. [et.al]. (Org.). FICHTNER, B.; FOERSTE, E.; LIMA, Marcelo e SHUTZ-FORESTE, G. M. **Cultura, Dialética e Hegemonia: Pesquisas em Educação**. Vitória/ES: EDUFES, 2012.

FOERSTE, E. **Culturas, Parcerias e Educação do Campo**. Curitiba. Appris, 2020a.

FOERSTE, E. et al. **Educação do Campo e pedagogia social: interculturalidade em lutas coletivas por terra e educação**. Revista Iberoamerica de Educación, 2018, vol. 76, pp. 125-147.

FERREIRA, M. J. L. **Docência na Escola do Campo e Formação de Educadores: Qual o lugar do trabalho coletivo?** 2015. 235p. Tese de Doutorado. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2015.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. [1967]
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo, Cortez. 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 57. ed. Rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREITAS, L. C. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. São Paulo: Papirus, 1995, 8ª ed. 2006, p. 82-114.
- FREITAS, L. C. **Formação de quadros técnicos ou formação geral? Riscos de um falso dilema para o MST**. In: VENDRAMINI, C. R.; MACHADO, I. F. (org.). **Escola e movimento social: a experiência em curso no campo brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2011a. p. 109-132.
- FREITAS, L. C. **Os Reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola**. Revista Educação e Sociedade., Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out./dez., 2014.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. **Trabalho como princípio educativo**. In: CALDART, R. S. et al. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 750-757.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais** de autoria de Gaudêncio Frigotto, publicado na Revista do Centro de Educação e Letras-UNIOESTE/Foz-2008.
- GADOTTI, M. (Org.) **Paulo Freire: uma biobibliografia**. Cortez, Brasília, DF, UNESCO, São Paulo, 1996, p.82.
- GERKE, J. **Formação e profissão docente do campo**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.
- GERKE, J. **Sentidos da Formação Docente para a Profissionalização – Na voz do professor do campo**. Tese de Doutorado, PPGE/UFES, Vitória, 2014.
- GERKE, J.; LUIZ M.; GUIMARÃES.S. A. **Os processos formativos da licenciatura em educação do campo: novo e outros saberes e fazeres evidenciados pelos cadernos da realidade**. Revista Kiri-kerê - Pesquisa em Ensino, Dossiê: Educação do Campo: processos

formativos no Espírito Santo e no Brasil. CEUNES/UFES, V. 1, nº4, 29 de setembro de 2020. p. 174-196.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMBO, Fernando. **Epistemologia e Arqueologia: Foucault e a história da ciência francesa**. *Kinesis*, vol. XI, nº20, julho 2017, p.99 - 125.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1991.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (v. 2. Os intelectuais; O princípio educativo; Jornalismo).

HEHR, R. G. **Produção Escrita e Educação do Campo**: um estudo de caso em uma escola de ensino fundamental do município de Domingos Martins. Dissertação - PPGE/ UFES, 2015. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/8643/1/tese_9400_Dissert.%20Roseli.pdf. Acesso em: 12 de março 2020.

HYPOLITO, Á. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas: Papirus, 1997. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística de Educação Básica 2019**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em 07/06/2020.

KLEIN, Sonia Francisco. **Educação do campo: um estudo sobre cultura e currículo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Crubixá - Alfredo Chaves – Espírito Santo** / Dissertação de Mestrado em Educação, PPGE/Ufes, Vitória, 2013.

KOELER, E., FOERSTE, E., & MERLER, A. **Pedagogia da Alternância em comunidade pomerana de Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, Brasil**. *Rev. Bras. Educ. Camp., Tocantinópolis*, v. 4, e7129, 2019.

LEAL, Á. A. A.; DIAS, A. C.; CAMARGOS, O.P. Cartografia das Licenciaturas em Educação do Campo no Brasil: expansão e institucionalização. In. MOLINA; M. C.; MARTINS, M. de F. A. [Org.] **Formação de formadores: reflexões sobre as experiências da licenciatura em educação do campo no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2006.

MAANEN, John, Van. **Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface**. In *Administrative Science Quarterly*, vol. 24, nº4, December 1979^a, pp. 520-526.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MOLINA, M. C.; FERNANDES, B. M. Desafios para os Educadores e as Educadoras do Campo. **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, p. 37-43, 2002

MOLINA, M. C. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

MOLINA, M. C.; ANTUNES-ROCHA, I. Educação do campo: história, práticas e desafios no âmbito das políticas de formação de educadores – reflexões sobre o PRONERA e o PROCAMPO. **Reflexão e Ação**, v. 22, n. 2, p. 220-253, 19 dez. 2014.

MOLINA, M. C. **Contribuições das Licenciaturas em Educação do Campo para as políticas de formação de educadores**. Educação & Sociedade, Campinas, SP, v. 38, n. 140, p. 587-609, jul.-set. 2017.

MOLINA, M. C. **Análises de Práticas contra hegemônicas na formação de Educadores: reflexões a partir do Curso de Licenciatura em Educação do Campo**. In: SOUZA, José Vieira et al. (Org.). O método dialético na pesquisa em educação. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2014. p. 263-290.

MOLINA, M. C. **Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades**. Educar em Revista, Editora UFPR, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 145-166, jan./mar. 2015.

MOLINA, M. C; HAGE, Salomão. **Política de formação de educadores do campo no contexto da expansão da educação superior**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 51, n. 37, p. 121-146, jan./abr. 2015.

MOLINA, M. C; SÁ, L. M. A (Org.). **Licenciaturas em Educação do Campo – Registros e reflexões a partir das experiências piloto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MOLINA, M. C; SÁ, M. L. **Licenciatura em Educação do Campo**. In. CALDART, R. S. [et.al]. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de São Joaquim Venâncio. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MOLINA, M. C.; SÁ, M. L. **Escola do Campo**. In: CALDART, R. S. Et al. (org.). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 326-333.

MOLINA, M. C; ALMEIDA, M. de F. **Reflexões sobre o processo de realização e os resultados dos Seminários Nacionais de Formação Continuada de Professores das Licenciaturas em Educação do Campo no Brasil**. In. MOLINA; M. C.; MARTINS, M. de F. A. [Org.] **Formação de formadores: reflexões sobre as experiências da licenciatura em educação do campo no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

MOLINA, M. C.; PEREIRA, M. F. R. **A práxis como categoria estruturante do projeto de transformação na forma da Escola do Campo**. REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd – Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências, 39., 2019, Niterói, RJ. Anais eletrônicos [...]. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2019.

MOLINA, M. C; MARTINS, M. de F. A. **Reflexões sobre o processo de realização e os resultados dos Seminários Nacionais de Formação Continuada de Professores das Licenciaturas em Educação do Campo no Brasil.** In: MOLINA; M. C.; MARTINS, M. de F. A. (org.). Formação de formadores: reflexões sobre as experiências da licenciatura em educação do campo no Brasil. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

MOLINA, Mônica Castagna; PEREIRA, Marcelo Fabiano Rodrigues. **ATUAÇÃO DE EGRESSOS(AS) DAS LICENCIATURAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁXIS.** Revista da FAEEDBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 30, n. 61, p. 138-159, jan. 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010470432021000100138&lng=pt&nrm=iso acessos em 18 jul. 2022. Epub 18-Out-2021. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v30.n61.p138-159>.

NICKEL, M. **Formação Continuada de Professores da Educação do Campo no Município de Domingos Martins – ES.** Dissertação de Mestrado em Educação, PPGE/Ufes, Vitória, 2016.

NÓVOA, A. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente.** Teoria e Educação, Porto Alegre, n. 4, p. 1009-139, 1991.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** Tradução Luiz Carlos de Freitas. 1º. ed. [S. l.]: São Paulo. Expressão Popular, 2018.

SANTOS, Mônica de Almeida. **A licenciatura em educação do campo: dimensões teóricas e práticas /** Mônica de Almeida Santos. – Cruz das Almas/BA: UFRB, 2018.

SANTOS, S. P. dos. **A Licenciatura em Educação do Campo no estado de Roraima: contribuições para a escola do campo.** 2018. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, 2018.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**, 42ª ed. Campinas: Autores associados, 2012.

SCHÜTZ-FOERSTE. FOERSTE, E.&MERLER, A. (2014). **“Memórias e imagens da formação do professor do campo no Brasil”.** Los recuerdos y las imágenes de la formación de los profesores en el Brasil rural. Revista Visions LatinoAmericane, 11, 7-22.

SILVA, F. O. da; BASTOS, A. D. S. **TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DOCENTE DE UMA PROFESSORA APOSENTADA: O CONHECIMENTO DE SI.** Revista Temas em Educação, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 118–132, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/view/28097>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SOUZA, A.R.; CUNHA, E.C.S.; MÜLLER, E. R. **O grupo de pesquisa Cultura, Parcerias e Educação do Campo: 10 anos de produção acadêmica no Programa de Pós-graduação em Educação- PPGE/UFES.** In FOERSTE, E. [et al.] (Org.). **Culturas, Parcerias e Educação do Campo.** 1. ed. Curitiba: Appris. (em prelo).

SOUZA, A. R., **Escola da Terra Capixaba na Bacia do Rio Doce.** Vitória: PPGE/UFES (Dissertação de Mestrado), 2019.

TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Projeto político pedagógico do curso de licenciatura plena em educação do campo**. Vitória: UFES, 2013. Disponível em: http://www.ce.ufes.br/sites/ce.ufes.br/files/field/anexo/PPC_LEC_0.pdf. Acesso: 11 mai. 2020.

VELTEN, Alessandra Reinholz. **Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo: Diálogos Interculturais com Povos e Comunidades Tradicionais**. Dissertação de Mestrado em Educação, PPGE/Ufes, Vitória, 2021.

VELTEN, Alessandra Reinholz; DEUS SOBRINHO, Eliana; FOERSTE, Erineu. DIÁLOGOS ENTRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E A PESQUISA. In: **IX Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas (EPEAL)** - Maceió, 2020. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/ix_epeal/trabalho/114369>. Acesso em: 12 mai. 2020.

VELTEN, Alessandra Reinholz [et al]. **Narrativas de um professor pomerano**- PPGE/UFES. In FOERSTE, E. [et al.] (Org.). **Culturas, Parcerias e Educação do Campo**. 1. ed. Curitiba: Appris. (em prelo).

VIEIRA, José Eugênio. **Os italemães na terra dos botocudos**/José Eugênio Vieira, Joel Guilherme Velten. - Vitória, ES: Grafitusa, 2015.

VILLAS BÔAS, R. L. **Educação do campo, questões estruturais brasileiras e Formação de Professores**. In: Licenciaturas em Educação do Campo. Registros e reflexões a partir das experiências-piloto (UFMG; UnB; UFA e UFS). MOLINA, M. C; SÁ, L.M (orgs). Belo Horizonte: autêntica editora, 2011. 307-318

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, ELIANA DE DEUS SOBRINHO, Mestranda pelo Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES estou desenvolvendo a pesquisa intitulada LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES EGRESSOS E EGRESSAS, na linha de pesquisa Docência, Currículo e Processos Culturais, orientada pelo Professor Dr. Erineu Foerste.

Comprometo-me em utilizar os dados produzidos somente para a pesquisa científica, podendo os resultados ser veiculados em livros, revistas especializadas, artigos científicos e/ou eventos científicos.

E, em caso de dúvida, procure Eliana de Deus Sobrinho – elianasobrinho.numeros@hotmail.com Cel. (27) 9.9709 3036.

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE

CARTA DE CONCESSÃO PARA PESQUISA

Prezadas Senhoras,

COORDENADORAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/UFES

Solicito a concessão para realização de uma pesquisa de mestrado intitulada LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES EGRESSOS E EGRESSAS, pela linha de pesquisa Docência, Currículo e Processos Culturais, orientada pelo Professor Dr. Erineu Foerste.

Essa pesquisa tem como objetivo investigar o processo de formação de professores na Licenciatura em Educação do Campo e como o curso contribui para a Educação Campesina em Domingos Martins/ES, para tanto, requer a coleta de dados em documentos da instituição, entrevistas e questionários com estudantes e profissionais.

Os dados obtidos serão utilizados para a pesquisa científica, seguindo todos os critérios éticos da Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016.

Colocamo-nos à disposição de V. Sra. para quaisquer esclarecimentos.

Eliana de Deus Sobrinho

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista as informações acima apresentadas, eu na condição de Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Campus de Goiabeiras e São Mateus, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para que a pesquisadora Eliana de Deus Sobrinho realize a pesquisa, para ouvir os estudantes e profissionais do curso e para analisar de documentos do programa.

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo.

Vitória /ES, 21 de maio de 2020.

Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Entrevistas Individuais e Coletivas/ Questionários

Eu, **Eliana de Deus Sobrinho**, mestranda pelo Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, sob orientação do Professor Drº Erineu Foerste estou desenvolvendo a pesquisa intitulada LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO DE CASO ESTUDANTES EGRESSOS E EGRESSAS. Que tem como objetivo investigar o processo de formação de professores na Licenciatura em Educação do Campo. Para realizar esta pesquisa, solicitamos a sua importante participação para responder algumas perguntas. Suas respostas contribuirão para o aprofundamento dos nossos estudos sobre a Licenciatura em Educação do Campo. Informo que a Universidade Federal do Espírito tem a garantia de acesso aos registros, em qualquer etapa dos estudos e de esclarecimentos quanto a eventuais dúvidas e/ou informações que solicitar. Comprometo-me em utilizar os dados produzidos somente para a pesquisa científica, podendo os resultados ser veiculados em livros, revistas especializadas, artigos científicos e/ou eventos científicos. Havendo concordância assine a autorização a seguir. Agradecemos a sua contribuição!

Professor Orientador Erineu Foerste

Mestranda Eliana de Deus Sobrinho

APÊNDICE E**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO****Centro de Educação****Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE****Entrevistas****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista as informações acima apresentadas, eu na condição de _____, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para que a pesquisadora Eliana de Deus Sobrinho, realize esta entrevista, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre a Licenciatura em Educação do Campo. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização desta entrevista e a divulgação dos dados obtidos no estudo.

_____/ES, ____ de _____ de _____

Participante da Pesquisa

Eliana de Deus Sobrinho

APÊNDICE F**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO****Centro de Educação****Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, **Eliana de Deus Sobrinho**, mestranda pelo Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, sob orientação do Professor Drº Erineu Foerste estou desenvolvendo a pesquisa intitulada LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES EGRESSOS E EGRESSAS.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo de formação de professores na Licenciatura em Educação do Campo e como o curso contribui para a Educação Campesina em Domingos Martins/ES. Será realizada junto aos professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental e que são egressos da Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.

Para a realização desta pesquisa, peço autorização desta secretaria, na pessoa da Secretária Municipal de Educação e Esporte, a Sr^a Adenilde Stein Silva, para realizar a pesquisa, acessar documentos necessários e permissão para o uso de imagens.

Informo que a Secretaria Municipal de Educação e Esporte tem a garantia de acesso aos registros, em qualquer etapa dos estudos e de esclarecimentos quanto a eventuais dúvidas e/ou informações que solicitar.

Comprometo-me em utilizar os dados produzidos somente para a pesquisa científica, podendo os resultados ser veiculados em livros, revistas especializadas, artigos científicos e/ou eventos científicos. Havendo concordância peço que assine a autorização a seguir, pela qual agradeço.

Em caso de dúvida, contactar elianasobrinho.numeros@hotmail.com ou (27)99709-3036.

APÊNDICE G**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO****Centro de Educação****Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista as informações apresentadas, eu na condição de Secretária Municipal de Educação e Esporte do município de Domingos Martins – ES, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para que a pesquisadora Eliana de Deus Sobrinho, realize a pesquisa junto aos professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental e que são egressos da LEdoC/UFES, acesse documentos necessários e faça uso de imagens.

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo.

Domingos Martins/ES, 18 de maio de 2020.

Adenilde Stein Silva

Secretária Municipal de Educação e Esporte de Domingos Martins

Professor Drº Erineu Foerste

Orientador

Eliana de Deus Sobrinho

Pesquisadora

APÊNDICE H

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

ROTEIRO PARA O FORMULÁRIO ONLINE - Localização dos estudantes da LEdoC/UFES e que atuam na rede municipal de Domingos Martins/ES.

Eu, **Eliana de Deus Sobrinho**, mestranda pelo Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, sob orientação do Professor Drº Erineu Foerste estou desenvolvendo a pesquisa intitulada LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: UM ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES EGRESSOS E EGRESSAS.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo de formação de professores na Licenciatura em Educação do Campo e como o curso contribui para a Educação Campesina em Domingos Martins/ES.

Para realizar esta pesquisa, solicitamos a sua importante participação para responder algumas perguntas:

- 1- Nome completo:
- 2- Contato (e-mail e telefone):
- 3- Instituição em que atua:
- 4- Cargo/função:
- 5- Disciplinas (preencha apenas se estiver atuando com docente):
- 6- Turmas/ano:
- 7- Como cursou o ensino médio – Regular, Educação de jovens e Adultos (EJA) ou Escola Família Agrícola (EFA)?
- 8- Ficou algum período sem estudar quando terminou o ensino médio e iniciou a licenciatura? Quanto tempo?

- 9- Em que ano iniciou a LEdoC?
- 10- Você já concluiu o curso da LEdoC? Em que ano?
- 11- Em caso de não ter concluído, está cursando qual período?
- 12- Você optou por qual área do conhecimento? Ciências Humanas e Sociais ou Linguagens?
- 13- Essa é a sua primeira formação? Se não, o que te levou a optar pela segunda graduação e qual a sua formação inicial?
- 14- Já lecionava antes de iniciar o curso?
- 15- Além de sua atuação na educação você exerce outro tipo de atividade econômica?
- 16- Você faz parte de algum movimento social em sua comunidade (Conselho, Associação, MPA, MST, Sindicato, Comitê, Comissão, outros)?

Informo que a Secretaria Municipal de Educação e Esporte, bem como todos os profissionais têm a garantia de acesso aos registros, em qualquer etapa dos estudos e de esclarecimentos quanto a eventuais dúvidas e/ou informações que solicitar. Comprometo-me em utilizar os dados produzidos somente para a pesquisa científica, podendo os resultados ser veiculados em livros, revistas especializadas, artigos científicos e/ou eventos científicos.

Certos de sua participação, agradecemos antecipadamente.

Professor Orientador: Dr^o Erineu Foerste

Pesquisadora: Eliana de Deus Sobrinho

APÊNDICE I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

ROTEIRO DA RODA DE CONVERSA VIRTUAL

O objetivo da roda de conversa, denominada de “**Práxis Pedagógica das Egressas da LEdoC/UFES no município de Domingos Martins/ES**” é dialogarmos acerca dos seguintes pontos:

- 1- Gestão de Processos Educativos Escolares e do fazer por área do conhecimento;
- 2 - Gestão de Processos Educativos Comunitários e
- 3 - Ingresso e Permanência no Mundo do Trabalho.

APÊNDICE J

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS EGRESSAS SOBRE A SUA TRAJETÓRIA NA LEdoC/UFES E NO TRABALHO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO

- Como foi a escolha do curso?
- Como ficou sabendo do processo seletivo?
- Como foi a organização do trabalho e da vida para o tempo universidade?
- Organização do curso em relação às aulas, professores, atividades propostas, alimentação, estadia, materiais para o curso e tempo comunidade;
- Qual a sua experiência com a Educação do Campo?
- Você faz parte de algum Conselho ou Movimento Social em sua comunidade?
- Já tentou colocar em prática na sala de aula ou nos processos de gestão: a interdisciplinaridade, a auto-organização dos estudantes, a mística, a alternância ou outra característica da Licenciatura em Educação do Campo?
- Outros pontos.

ANEXO A



ESTADO DE SANTA CATARINA
Secretaria de Estado da Educação
Diretoria de Gestão da Rede Estadual - DIGR
Diretoria de Gestão de Pessoas - DIGP

NOTA TÉCNICA CONJUNTA nº 3/2016 (SED/DIGR/DIGP)

I. Assunto

Reconhecimento da habilitação dos egressos dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo.

II. Legislação

- Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/1996
- Resolução CEB/CNE nº 2/2008
- Decreto nº 6.755/2009
- Lei nº 12.014/2009
- Lei nº 668/2015

1. Este documento atesta o reconhecimento da habilitação dos professores egressos dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, ofertados pelas instituições de ensino superior, considerando que:

1.1 as escolas que ofertam a Educação Básica enfrentam dificuldades em possuir, no seu quadro docente, professores com habilitação para o exercício da profissão;

1.2 os dados do censo escolar 2015 demonstram que 30% dos professores na área não tinham formação em licenciatura;

1.3 a LDB nº 9.394/96 estabelece, em seu artigo 62, que:

A formação docente para atuar na Educação Básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação.

1.4 da mesma forma, a Lei nº 668/2015 em seu artigo 4 que trata dos níveis que constituem a linha de habilitação dos titulares dos cargos efetivos integrantes do quadro de pessoal do Magistério Público Estadual, com destaque no item III, que define como habilitação *a formação em nível superior em curso de licenciatura plena ou de graduação em pedagogia.*

1.5 o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO foi criado com o objetivo de apoiar e implementar cursos regulares de Licenciatura em Educação do Campo nas Instituições Públicas de Ensino Superior de todo o país, voltados para a formação de educadores para a docência, nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, nas escolas do campo;

1.6 no Brasil existem 56 instituições públicas de ensino superior que ofertam cursos de licenciatura para esta modalidade de ensino, entre elas a Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvendo o Curso de Licenciatura em Educação do Campo – área de Ciências da Natureza e Matemática, desde 2009, com oferta regular de matrícula.

1.7 o currículo da base nacional comum do Ensino Fundamental deve abranger, obrigatoriamente, conforme o art. 26 da Lei nº 9.394/96, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, da Educação Física e do Ensino Religioso (artigo 14, Resolução CNE/CEB nº 7/2010). De acordo com o artigo 15 desta mesma Resolução, os componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental, em relação às áreas do conhecimento, serão assim organizados:

I – Linguagens:

1.1 Língua Portuguesa

- c) Língua Estrangeira moderna;
- d) Arte; e
- e) Educação Física;
- II – Matemática;
- III – Ciências da Natureza;
- IV – Ciências Humanas:
- a) História;
- b) Geografia;
- V – Ensino Religioso.

1.8 no Ensino Médio a legislação nacional determina que os componentes devem ser tratados em uma ou mais áreas do conhecimento. Neste sentido, em termos operacionais os componentes curriculares obrigatórios decorrentes da LDB, que integram as áreas de conhecimento, são os referentes a:

I - Línguas:

- a) Língua Portuguesa;
- b) Língua Materna, para populações indígenas;
- c) Língua Estrangeira moderna;
- d) Arte, em suas diferentes linguagens: cênicas, plásticas e, obrigatoriamente, a musical;
- e) Educação Física.

II - Matemática.

III - Ciências da Natureza:

- a) Biologia;
- b) Física;
- c) Química.

IV - Ciências Humanas:

- a) História;
- b) Geografia;
- c) Filosofia;
- d) Sociologia.

1.9 o professor com formação em licenciatura nas áreas do conhecimento, conforme preconizam as diretrizes nacionais da educação básica, deverá ter sua habilitação reconhecida em todas as unidades escolares da rede estadual de ensino.

1.10 a Secretaria Estadual de Educação contemplará nos futuros editais de chamada pública e concurso os professores que comprovarem formação em licenciatura nas áreas do conhecimento.

Florianópolis, 13 de dezembro de 2016


Marilene da Silva Pacheco
Diretora


Valdenir Kruger
Diretor